

O REVISIONISMO EM LÍNGUA PORTUGUÊS

4

Primavera 2006

GUERRA = MENTIRA
TRIMESTRAL DE CRÍTICA HISTÓRICA

Não acredite. Pense

<reviluso -at - yahoo.com.br>

<http://aaargh.com.mx/port/port.html>

<http://geocities.com/ilrestodelsiclo>

—oooOOO\$\$\$OOOooo—

SUMÁRIO

[Iranianos desejam reescrever a história sobre o Holocausto](#)

[Eleição Palestina revela hipocrisia de Bush e Comunidade Européia](#)

[Declarações do embaixador do Irão em Lisboa escandalosas](#)

[Revisionismo No Irão, Na França e No Mundo, Robert Faurisson](#)

[PORTUGUESES AO LADO DE IRVING](#)

[Áustria: historiador condenado a três anos de prisão](#)

[Caricaturas](#)

[Terror na Palestina](#)

[Das pedras de David aos tanques de Golias, José Saramago, Prémio Nobel](#)

[Gilad Atzmon, músico e dissidente](#)

[A proposta "Bolsa do Petróleo" iraniana é a verdadeira "bomba" que atormenta os EUA, por Krassimir Petrov](#)

[Biografia de Siegfried Ellwanger \(S.E. Castan\)](#)

[Por Acaso Seremos Todos Idiotas? S. E. Castan](#)

[Auschwitz: Mitos e Factos, Mark Weber](#)

[A Koluna Kula - Exactidão Em Acção, Robert Countess](#)

[A verdade sobre a "retratação" de Ford](#)

[O Grande Mufti de Jerusalém, Um Herói da Causa Árabe, Fernando Marques](#)

[Indústria Sionista da Indemnização, João Bercellos](#)

[Reacções à revista](#)

[O HISTORIADOR DAVID IRVING ESTÁ NA PRISÃO POR TER NEGADO A HOLOCAUSTO](#)

[Áustria: historiador condenado a três anos de prisão](#)

[Da cela, Irving volta a questionar o Holocausto](#)

[Fragmentos](#)

[A Indústria do Holocausto -- Reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus](#)

Iranianos desejam reescrever a história sobre o Holocausto

Empolgada com as declarações do Presidente do Irão, Mahmoud Ahmadinejad, a Associação de Jornalistas Islâmicos do Irão se pôs à tarefa de organizar uma conferência internacional sobre o Holocausto.

Mehdi Afzali, porta-voz da Associação de Jornalistas Islâmicos disse: "o Presidente Ahmadinejad chamou a atenção internacional para uma questão muito importante, que é a veracidade da versão de que Europa e os sionistas impuseram ao mundo sobre o assassinato de judeus durante os anos da Grande Guerra. Logo, somos da opinião de que é útil e necessário organizar uma conferência internacional sobre o tema, onde todos os historiadores e investigadores, inclusive aqueles que não acreditam na versão oficial, sejam capazes de expressar-se livremente".

Afzali acrescentou que o objectivo da conferência é oferecer um ambiente democrático para que historiadores examinem em profundidade o "mito" do Holocausto. Ele alegou que nos diversos países europeus há leis anti-democráticas e contra a liberdade que não permitem que intelectuais que acreditam numa outra versão diferente da atual expressem suas idéias.

O iraniano disse que há pesquisadores que chegaram à conclusão de que a história contada na maioria dos livros escolares e universitários encontrados no mundo não corresponderia à verdade.

Entre os possíveis convidados para a conferência estão o jornalista israelense Israel Shamir (convertido ao cristianismo), o alemão Horst Mahler (antigo membro do grupo terrorista Facção do Exército Vermelho), o francês Robert Faurisson e o norte-americano Arthur Butz.

No Irão, livros que negam a existência do Holocausto são muito populares.

Por Origem: Wikinotícias, a fonte de notícias liv 22/01/2006

http://pt.wikinews.org/wiki/Iranianos_desejam_reescrever_a_hist%C3%B3ria_sobre_o_Holocausto
cmi brazil

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/01/343464.shtml>

PALESTINA

Eleição Palestina revela hipocrisia de Bush e Comunidade Européia

O Hamas, partido político palestino, venceu as eleições conquistando 76 das 132 cadeiras do Parlamento. O Fatah. Partido do atual primeiro ministro Ahmed Korei, garantiu apenas 46 assentos.

Dias antes da eleição os jornais e agências de notícias do Ocidente anunciavam que o Fatah venceria por pequena margem, tentando manipular os eleitores. Durante todo o período eleitoral os governos dos Estados Unidos, Israel e Comunidade Européia ameaçaram os eleitores com pronunciamentos sobre a necessidade de não votar em um partido extremista como o Hamas.

Há muito tempo a hipocrisia é a bíblia ou o tora dos governos subservientes ao sionismo internacional. George W. Bush e os presidentes das maiores potências ocidentais na Europa são fantoches da política israelense. Israel tem bombas atômicas mas o Ocidente e as Nações Unidas praticam o silêncio criminoso dos cúmplices.

O Hamas é um movimento político e militar nacionalista, independente, soberano. Luta, de forma heróica, pela libertação da Palestina. O Estado artificial de Israel foi criado por imposição das Nações Unidas, dando início a décadas e décadas de massacres, terrorismo e genocídios. Portanto, os governos americano e europeus são os responsáveis por armar e financiar o governo terrorista de Israel.

A vitória do Hamas é a vitória da verdade, da honra e da dignidade do povo árabe, que não se submete aos interesses estrangeiros corruptos e decadentes da Comunidade Européia e do governo Bush. O povo palestino é o legítimo dono de sua terra, a Palestina ocupada e invadida. O resto é hipocrisia, campanhas mentirosas da imprensa prostituta a serviço de governantes covarde.

Fonte Agua Verde 30 1 2006

<http://www.jornalaguaverde.com.br>www.jornalaguaverde.com.br>

Declarações do embaixador do Irão em Lisboa escandalosas

O Ministério dos Negócios Estrangeiros da Polónia condenou hoje as declarações do embaixador do Irão em Lisboa, que em entrevista a uma rádio portuguesa questionou o número de vítimas do Holocausto. Em entrevista à rádio Antena 1, o embaixador do Irão em Lisboa, Mohammed Taheri, afirmou: "Para incinerar seis milhões de pessoas seriam precisos 15 anos, por isso há muito que explicar e contar" sobre o Holocausto.

"As declarações do senhor embaixador do Irão (em Lisboa) são muito simplesmente um escândalo", disse à Agência Lusa o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Pawel Dobrowolski. Na entrevista à rádio Antena 1, Mohammed Taheri declarou ser normal que o Presidente iraniano, Mahmud Ahmadinejad, queira organizar um seminário sobre o tema do Holocausto.

"A liberdade afinal termina quando se fala de Holocausto?", perguntou.

O embaixador acrescentou que "há muito por contar" e disse que esteve no campo de concentração nazi em Auschwitz, Polónia, e que fez "as contas". "Para incinerar seis milhões de pessoas seriam precisos 15 anos, por isso há muito que explicar e contar", sublinhou.

Dobrowolski acrescentou que o chefe da diplomacia polaca, Stefan Meller, vai inteirar-se do registo da entrevista do embaixador Taheri à Antena 1 e provavelmente tomará uma posição oficial, "pois as declarações do diplomata iraniano exigem um protesto firme".

<http://www.rtp.pt/index.php?article=223465&visual=16>

CORRESPONDÊNCIA

Revisionismo No Irão, Na França e No Mundo

Robert Faurisson

Com as suas afirmações mais recentes acerca "do mito do Holocausto", o presidente do Irão deu uma nova oportunidade ao desenvolvimento do revisionismo histórico, como se pode ver pela seguinte troca de correspondência entre o Director Executivo da Instituto Neda de Ciência Política (Teerão) e o francês Robert Faurisson.

Dr. Jawad Sharbaf, Director Executivo, Instituto Neda de Ciência Política (Teerão)

Para Provisor Robert Faurisson, 19 de Dezembro, 2005

Caro Professor Faurisson

Aproveito esta oportunidade para manifestar a extrema pena do Instituto Neda de Pesquisa e Estudos Politico-Científicos a si e a todos os revisionistas devido à resolução da ONU respeitante ao "Dia Internacional Do Holocausto" (de 1 de Novembro, 2005). As recentes afirmações do presidente Mahmud Ahmadinejad de dúvidas sobre o "Holocausto" criaram uma situação favorável para o revisionismo.

Presumimos por agora que o presidente fará o seu melhor se o contactarem e requisitarem assistência para a organização de uma conferência internacional sobre revisionismo. Se necessitar de algum auxílio no que diz respeito a esta questão, por favor não hesite em contactar-me.

Com os melhores cumprimentos,

Dr. Jawad Sharbaf, Director Executivo, Instituto Neda

Professor Robert Faurisson ao Dr. Jawad Sharbaf, 26 de Dezembro, 2005

Caro Dr. Sharbaf,

Agradeço-lhe calorosamente pela sua mensagem e a sua proposta acerca da organização de uma conferência revisionista internacional. Em Novembro de 2000 tive a honra de ser um hóspede durante uma semana em Teerão a convite de uma agência governamental iraniana. Nessa ocasião travei

conhecimento com o seu Instituto e fui bem recebido pelo Dr. Soroush-Nejad e um grupo de professores, um dos quais se encontrava na altura a completar a tradução persa do meu *Mémoire en défense contre ceux qui m'accusent de falsifier l'histoire* (1980). [AGORA PUBLICADO ISBN 964-91720-5-x] Nestes últimos cinco anos, durante os quais mantivemos contacto, notei que os dirigentes políticos do seu país foram relutantes em denunciar a mentira do alegado “Holocausto” dos judeus, uma mentira cujas consequências, exercidas há mais de meio século, e de particular influência para o povo da Palestina, têm sido um desastre que piora de ano para ano. Ansiei que um dia um alto membro do governo tivesse a coragem de manifestar claramente ao mundo que o “Holocausto” não passava de uma lenda ou de um mito.

No dia 8 de Dezembro, 2005, - uma data que será recordada – o presidente do seu país, Sr. Mahmoud Ahmadinejad – um nome que ficará para a História – atreveu-se a exprimir dúvidas acerca da realidade histórica do alegado “Holocausto”. No dia 12 de Dezembro o mesmo afirmou que este era um “mito”. Além disso, falou em defesa do direito dos revisionistas se expressarem livremente. No dia 22 de Dezembro, no Egipto, o guia geral da Fraternidade Muçulmana, Mohamed Mehdi Akef, também utilizou a palavra “mito” sobre essa questão mas não sem se retrair dois dias mais tarde, quão potente e intimidante é esse mito. No dia 23 de Dezembro um representante iraniano, Mohamed-Ali Ramin, dirigente da associação de defesa dos direitos das minorias muçulmanas no Ocidente, declarou que o seu presidente desejava ver os governos europeus permitirem que os académicos dos seus países publicassem os resultados das suas pesquisas sobre o “Holocausto”.

No dia 1 de Novembro, unanimemente e sem qualquer votação, os representantes dos 191 países que constituem a ONU adoptaram uma resolução apresentada por Israel proclamando o dia 27 de Janeiro o “Dia Internacional Em Memória Das Vítimas Do Holocausto”. Além disso, este texto “Rejeita qualquer negação do Holocausto como acontecimento histórico, quer na sua totalidade quer em parte.” Portanto são abrangidos todos aqueles que, tal como os revisionistas, exigem uma reexaminação das provas e testemunhos nos quais se baseiam os argumentos do alegado “Holocausto” dos judeus. Principalmente, os defensores desse argumento afirmam que, durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães 1) tinham uma política de exterminação física dos judeus; 2) tinham desenhado, construído e utilizado grandes matadouros para humanos chamados câmaras de gás (não confundir com fornos crematórios, que não tinham nada de criminoso) e 3) causaram, através destes e de outros meios, a morte de seis milhões de judeus.

Esta proposta foi adoptada através de um golpe de mão que descrevi num texto do qual deve ter conhecimento intitulado “A ONU Declara Uma Proibição Universal Do Revisionismo”.

A acusação trazida pelos judeus contra o povo alemão constitui uma calúnia. Marcado com o símbolo de Caim, aquele povo não tem tido outra opção além da de se perder em contrição por um crime que nunca cometeu. Sessenta anos depois da guerra a Alemanha encontra-se ainda num estado de submissão e ainda não teve direito a um tratado de paz. Os líderes alemães (e austríacos) perdem incessantemente perdão aos judeus e distribuem colossais “indenizações” monetárias às organizações judias ou sionistas e ao Estado de Israel. Durante sessenta anos os dirigentes desses países têm vivido com receio de despertarem a ira dos judeus e, conseqüentemente, podemos vê-los a abafar quaisquer vestígios do revisionismo histórico. Na Alemanha, na Áustria e também numa boa parte dos países da Europa, os judeus obtiveram sucesso na aprovação de leis especiais que servem para proteger a sua versão da História da Segunda Guerra Mundial de qualquer desafio.

A impostura do “Holocausto” é a espada e o escudo do Estado judeu, a sua arma nº 1. Permite aos judeus e aos sionistas intimidar o mundo: primeiro a Alemanha que, segundo o mesmo, cometeu um crime abominável e sem precedentes, depois o resto do mundo porque deixou o crime ser cometido. Os extremistas judeus e os sionistas acusaram Churchill, Roosevelt, Truman, Estaline, De Gaulle, o Papa Pio XII, a Comissão Internacional da Cruz Vermelha bem como todos os países que participaram na Segunda Guerra Mundial e mesmo os países neutros, a começar pela Suíça. Todos eles são acusados de terem sido indiferentes à tragédia e a terem permitido que o povo judeu fosse exterminado como é alegado!

Assim é que, ao tomar uma posição actualmente contra a mentira do “Holocausto”, o Irão está não só a defender a Palestina e o mundo árabe-muçulmano mas também parte da raça humana de uma gigantesca operação de calúnia, chantagem e extorsão,

Informa-me que, graças ao presidente Ahmadinejad, pode finalmente ter surgido a ocasião para levar a cabo uma conferência internacional sobre o revisionismo.

Certamente que tem conhecimento de que os revisionistas se preparavam, em 2001, para levar a cabo tal conferência em Beirute, de 31 de Março a 2 de Abril desse ano. Mas a pressão israelita e americana tornaram-se tão ameaçadoras que o presidente libanês, Rafik Hariri, teve de proibir o encontro. Portanto devíamos dar-nos por satisfeitos por nos virarmos para o presidente Ahmadinejad e requisitar o seu auxílio para levar a cabo a conferência no seu país. Contudo, tendo em conta as circunstâncias, tal projecto parece-me, lamento afirmá-lo, irrealizável nesta altura. Permita-me

explicar porquê. Actualmente os principais revisionistas que, em 2001, teriam participado na conferência de Beirute estão ou na cadeia, ou no exílio ou numa situação precária que os proíbe de atravessar as fronteiras nacionais e de entrarem num voo num aeroporto internacional.

Vejamos o chocante caso de Ernst Zündel. Casado com uma senhora americana e a residir pacificamente no Estado do Tennessee, foi detido à porta da sua casa em 5 de Fevereiro de 2003 e atirado para a cadeia sob um pretexto constituído de mentiras. Foi depois entregue ao Canadá no qual, durante dois anos, foi submetido em condições degradantes de regime de solitária numa prisão de alta segurança. Finalmente, foi entregue à Alemanha, onde se encontra actualmente na prisão (em Mannheim) à espera de ser julgado por revisionismo. No Canadá, tal como na Alemanha, os revisionistas estão privados do direito de se defenderem a si mesmos. Nesses países, quando um homem acusado de revisionismo é levado perante um juiz, o último começa por, de acordo com a rotina, o levar a jurar a dizer a verdade. Mas, no minuto seguinte, o acusado afirma, por exemplo: “Afirmo que as alegadas câmaras de gás nazis não existiram porque a verdade – a qual posso muito bem demonstrar – é a de que elas não podiam existir”, o juiz interrompe-o imediatamente. O juiz canadiano irá dizer-lhe: “Perante este tribunal especial [abençoado “tribunal dos direitos Humanos”] a verdade não é defesa”. Quanto ao juiz alemão, irá dizer-lhe: “Não tem o direito de desafiar factos que são óbvios e de conhecimento geral (‘offenkundig’)”. Portanto nem o revisionista em questão nem os seus advogados podem apresentar uma defesa sobre o mérito do caso. No Canadá o juiz Pierre Blais, presidindo sem júri aos procedimentos contra Ernst Zündel não admitindo qualquer apelo, e o tribunal especial chegaram ao ponto de examinar testemunhas anónimas numa sessão privada. Depois, em Mannheim, o juiz principal dispensou sucessivamente os quatro advogados escolhidos por Ernst Zündel, e isto porque suspeitou de revisionismo por parte deles.

Ainda nos Estados Unidos, nos arredores de Chicago, o cidadão alemão Germar Rudolf foi recentemente raptado no mesmo estilo, afastado da sua esposa e criança americanos e entregue à Alemanha, encontra-se numa prisão em Estugarda.

O belga Siegfried Verbeke foi detido no Verão passado no aeroporto de Amesterdão e entregue pela Holanda à Alemanha, encontra-se numa prisão em Heidelberg. O historiador britânico David Irving foi detido em Novembro enquanto viajava na Áustria e encontra-se actualmente numa prisão em Viena.

Estas quatro pessoas arriscam-se a serem sentenciadas a anos de encarceramento, excepto talvez David Irving se, como o seu advogado nos deu a entender que fará, se retrair, mostrar arrependimento e apelar à boa vontade (ou clemência - NdT) do tribunal.

Outros revisionistas encontram-se na prisão na Alemanha ou na Áustria, notavelmente o advogado Manfred Roeder, o mestre escola Ernst G. Kögel e o químico Wolfgang Fröhlich.

A Alemanha transformou-se na “Baía de Guantanamo” de Israel por intermédio de uma espécie de máfia policial e judicial que, nos Estados Unidos e Canadá, se atira a revisionistas (e a certos árabes ou muçulmanos) ao abrigo mui conveniente da “luta contra o terrorismo”.

Na Suíça os revisionistas Gaston-Armand Amaudruz (de 84 anos) e René-Louis Berclaz saíram recentemente da prisão, mas podem muito bem voltar para lá.

Alguns revisionistas importantes estão a viver no exílio em condições difíceis. Irei abster-me de mencionar os seus nomes e o dos países em que encontraram refúgio.

Mantém-se o caso daqueles revisionistas que não estão nem na prisão nem no exílio. A sua existência será dificilmente mais viável. A polícia assedia-os, os tribunais condenam-nos. Para mencionar só a França, Jean Plantin (processado em Lyon), Vincent Reynouard (processado em Limoges) e Georges Theil (processado em Grenoble, Limoges e Lyon) estiveram ou estão actualmente sob diversas sentenças, inclusive sob a de encarceramento sem remissão. Bruno Gollnisch, membro do parlamento europeu, irá ser levado a tribunal em Lyon simplesmente por ter desejado que os historiadores pudessem expressar-se livremente sobre o problema da existência das câmaras de gás nazis! A minha pessoa tem de comparecer na 17ª repartição do tribunal criminal de Paris no dia 20 de Junho, 2006, por ter dado uma entrevista telefónica de conteúdo revisionista ao canal de televisão iraniano “Sahar”; as queixas foram apresentadas pelo Sr. Dominique Baudis, presidente do Supérieur de l'audiovisuel.

Fredrik Töben, um cidadão australiano de origem alemã, tem vindo a desenvolver a sua actividade revisionista na Austrália e na Internet. Enquanto se encontrava de viagem na Alemanha e tentando procurar na fonte a repressão acerca da repressão judicial do revisionismo nesse país, pouco depois deu por si na prisão lá. Agora de regresso à Austrália, foi-lhe atribuída uma “ordem de silêncio”, ou seja, está obrigado ao silêncio sob pena se uma condenação sumária por desrespeito ao tribunal.

Na Polónia, na República Checa e noutros países da Europa os revisionistas também são processados e condenados.

Na Suécia, Ahmed Rami mantém com uma coragem indomável a luta tanto pelo Islão como pelo revisionismo, o que lhe rendeu algum tempo na prisão.

Na Alemanha o número de publicações queimadas pela polícia devido ao revisionismo não é oficialmente conhecida mas deve ser notável. O mesmo vale para o Canadá.

Não relatarei aqui a exclusão dos revisionistas de profissões de todos os géneros em vários países ou das tragédias familiares e suicídios provocados pela repressão. Em Munique no dia 25 de Abril de 1995 o revisionista Reinhold Elstner queimou-se vivo até à morte como protesto, como deixou escrito, contra o “Niagara de mentiras” despejadas sobre o seu povo. A imprensa alemã do sistema deixou passar este seu acto heróico em silêncio e a polícia, acatando ordens, confiscou os ramos de flores colocados no local do seu sacrifício e procedeu a interrogar aqueles que, com esse gesto de compaixão, manifestaram o seu pesar. Na França grupos armados de judeus utilizam a violência impunemente até mesmo nos corredores do tribunal central de Paris. Pessoalmente, entre 1978 e 1993, sofri dezenas de ataques físicos da parte de judeus que, contudo, nunca foram julgados.

Se os judeus e os sionistas utilizam a violência física e a repressão judicial deste modo, isto deve-se a que, no patamar da argumentação científica e histórica, os revisionistas os ganharam. O drama para os judeus e para os sionistas é o de que eles tem vindo a mentir e que este facto se está a tornar cada vez mais conhecido. Certos judeus e mesmo certos israelitas parecem ter consciência disto. Muito poucos têm tido a coragem de declarar o seu cepticismo no que diz respeito à realidade do “Holocausto” enquanto que outros se dão por satisfeitos por falarem contra “a religião do Holocausto”, “a indústria do Holocausto” ou o “negócio do Shoah”.

Concluindo, creio que, até que as coisas se alterem um pouco, uma conferência internacional é, infelizmente, impossível. Mas, em acordo com a ideia avançada pelo professor Arthur Robert Butz, digo-lhe que esperamos ver o presidente Ahmadinejad criar no Irão um centro internacional para estudos revisionistas cuja primeira tarefa seja a de propagar os feitos do revisionismo histórico no mundo árabe-muçulmano através da Internet ou de qualquer outro meio. Entretanto, pedimos ao Irão que faça repetidos apelos ao mundo Ocidental pela libertação dos nossos prisioneiros de consciência.

Em qualquer caso, nós pela nossa parte consideramos que enquanto os Estados Unidos, o Canadá, quase toda a Europa e tão longe quanto na Austrália os revisionistas se encontrarem sujeitos quer a leis ou a tribunais especiais, a procedimentos policiais camuflados ou a métodos de vilificação pela comunicação social ao serviço de certos grupos de pressão judeus ou sionistas, o mundo Ocidental terá cada vez menos o direito de impor lições de legalidade, moralismo e democracia a outros.

Respeitosamente seu,
Robert Faurisson
1 fevereiro 2006.
<http://www.grupodirip.org>

PORTUGUESES AO LADO DE IRVING

<http://www.correiodamanha.pt/noticia.asp?id=192295&idCanal=91>

O polémico historiador e escritor britânico David Irving foi ontem condenado a três anos de prisão por ter negado o Holocausto, apesar de ter admitido no julgamento, em Viena, que estava errado quando afirmou que não existiram câmaras de gás em Auschwitz.

“Cometi um erro ao afirmar que não existiam câmaras de gás em Ausch-witz”, declarou Irving. Contudo, o arguido refutou a acusação de alguma vez ter negado o assassinio de milhões de pessoas pelos nazis e considerou “ridículo” responder por declarações que proferiu em 1989.

Irving, de 67 anos, compareceu em tribunal levando na mão um dos seus mais controversos livros – ‘*A guerra de Hitler*’ (1977) –, em que contesta a existência do Holocausto e considera que Hitler era “amigo dos judeus”.

Ontem, Irving afirmou que a “História é como uma árvore, constantemente em mudança”, e manifestou pesar “por todas as pessoas inocentes que morreram durante a II Guerra Mundial”.

Mas o procurador do Ministério Público, Michael Klackl, considerou que Irving “é tudo menos historiador, é um ambicioso falsificador da História”, já que afirmou que durante o nazismo houve crimes isolados e que a maioria das vítimas nos campos de concentração morreram por causas naturais.

Irving, detido em Novembro de 2005 na Áustria, depois de há 17 anos ter negado a existência do Holocausto e o extermínio de mais de seis milhões de judeus, foi ontem condenado a uma pe-na de três anos de prisão.

Tal como Irving, também há portugueses com posições consideradas polémicas relativamente ao Holocausto. Por exemplo, para o jornalista Eurico de Barros, que chegou mesmo a trocar correio

electrónico com o próprio Irving, “nenhum assunto deve ser tabu no que se refere à investigação histórica e este tornou-se numa espécie de tabu religioso.

É impossível investigar sobre ele. Quem se atreve a pôr em questão o Holocausto, é perseguido e são-lhe tirados os meios de subsistência”. “Este caso é muito grave, é um caso de censura”, acrescentou Eurico de Barros, que não acredita que o Holocausto tenha feito seis milhões de mortos. “Nunca fui nazi. Muitos historiadores de esquerda põem em causa o Holocausto”, comentou. Já o empresário e advogado Silva Resende considera que “há um exagero” quanto ao Holocausto, que foi “sobreavaliado”. Mais peremptório, Mário Machado, líder da Frente Nacional, declarou: “Não acreditamos no Holocausto. O bombardeamento de Dresden foi o único Holocausto. Irving negou porque não queria ficar preso.” Já José Pinto Coelho, presidente do Partido Nacional Renovador, preferiu não se pronunciar sobre o assunto, porque considera que “não há liberdade de expressão”, mas admite eventuais “pressões” sobre Irving.

Áustria: historiador condenado a três anos de prisão

O historiador britânico David Irving foi hoje condenado a três anos de prisão pelo Tribunal Regional de Viena por ter negado a realidade das câmaras de gás e do Holocausto, durante a II Guerra Mundial.

Irving declarou-se culpado, no início do processo hoje de manhã, de ter negado o Holocausto, em 1989, garantindo que tinha entretanto mudado de opinião e que reconhecia agora a existência das câmaras de gás em Auschwitz.

A condenação por unanimidade dos oito membros do júri baseou-se em duas intervenções públicas na Áustria, em 1989, nas quais negou a existência de câmaras de gás em Auschwitz e acrescentou que a «Noite dos Vidros Partidos», a primeira grande perseguição violenta contra os judeus na Alemanha, em 1938, não foi perpetrada pelos nazis.

O advogado de Irving anunciou já que vai apelar da sentença.

«Cometi um erro quando disse que não havia câmaras de gás em Auschwitz», testemunhou Irving, acrescentando lamentar «todas as pessoas inocentes que morreram durante a II Guerra Mundial».

Irving, 67 anos, estava detido desde Novembro.

Ao princípio do dia de hoje, disse a jornalistas que considerava «ridículo» ser julgado por afirmações que proferira há 17 anos.

Algumado, chegou ao tribunal com uma cópia de um dos seus mais controversos livros - «A Guerra de Hitler» -, que põe em causa a extensão do Holocausto.

O julgamento decorreu no meio de um novo e aceso debate sobre a liberdade de expressão na Europa, onde a publicação de caricaturas do profeta islâmico Maomé desencadeou protestos violentos a nível mundial.

O advogado de Irving, Elmar Kresbach, disse em Janeiro que o controverso historiador do Terceiro Reich recebia cerca de 300 cartas por semana de apoiantes de todo o mundo, e que estava a aproveitar o tempo na prisão para escrever as memórias, com o título provisório de «A Guerra de Irving».

Irving foi preso em 11 de Novembro na província de Estíria, sul da Áustria, com base num mandado emitido em 1989.

Foi acusado com base numa lei federal que considera um crime diminuir, negar ou justificar publicamente o Holocausto.

Irving tentou obter a libertação provisória através de uma fiança de 20.000 euros, mas um tribunal de Viena recusou-a, considerando haver risco de fuga.

Diário Digital / Lusa 20-02-2006 18:40:00

http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section_id=10&id_news=215867

Caricaturas

"O mais importante jornal iraniano lançou hoje um concurso de caricaturas sobre o holocausto, em resposta à publicação de "cartoons" sobre o profeta Maomé, em diversas publicações europeias, que foram mal recebidos em todo o mundo islâmico.

“Este será um concurso internacional de desenhos sobre o holocausto”, afirmou Farid Mortazavi, um responsável pelo diário “Hamshahri”, publicado pelo município de Teerão.

De acordo com Mortazavi, citado pela AFP, a iniciativa é uma resposta às caricaturas de Maomé, publicadas em diversos títulos europeus, e em nome da liberdade de expressão.

“Os jornais ocidentais publicaram estes desenhos sacrílegos sob o pretexto da liberdade de expressão. Vamos ver se fazem o que dizem e se publicam também desenhos sobre o holocausto”, acrescentou o responsável.

Segundo o jornal, serão distinguidos com uma moeda em ouro 12 cartoonistas, o mesmo número dos que publicaram desenhos sobre Maomé no jornal dinamarquês “Jyllands-Posten”, que está na origem da polémica.”

in Público.pt

PALESTINA 2

Terror na Palestina

Quem trouxe o terror para as ruas de Jerusalém? Quem iniciou o ciclo de destruição e caos? Quem é que explodiu com inocentes e edifícios? Quem é que assassinou soldados Britânicos, enquanto outros lutavam contra a 'Alemanha Nazi'? O terror na Palestina só tem um pai: o Sionismo.

Detesto clichés. No entanto aquele sobre o terrorista de uns ser o libertador[1] de outros tem uma certa verdade.

Frequentemente o 'freedom fighter' é visto como tal em resultado de uma visão romântica ou ingénua, como é o caso da imagem de Che Guevara.

Por vezes a passagem do tempo distorce a percepção, particularmente em casos em que a "correção política"[2] impede que se analisem os factos. É nesta categoria que podemos incluir a campanha de terror organizada por Avraham Stern, Yitzhak Shamir, Menachem Begin, e outros, no protectorado Britânico da Palestina.

A população judaica na Palestina

Há a comum noção errada de que foi apenas após o final da II Guerra Mundial que a população judaica surgiu na Palestina em resultado da imigração proveniente da Europa arrasada pela guerra, e que isso, juntamente com as tentativas Britânicas para conter o fluxo levou à campanha Sionista pela independência. Isto não é verdade, e para analisarmos as raízes da campanha Sionista temos de olhar para o início do séc. XX.

Em 1918 havia cerca de 50.000 judeus na Palestina, número esse que foi aumentando gradualmente até ao ponto de ter duplicado por volta de 1925. Tão cedo quanto 1921 os Palestínianos Árabes pressionaram[3] a Grã-Bretanha com o objectivo de obterem um governo representativo que lhes permitisse ter poder de veto sobre qualquer futura imigração. Sentindo um descontentamento crescente entre os Árabes, e perante um cenário de motins de rua em 1921/22, o Alto Comissário Britânico[4] Sir Herbert Samuel ordenou a suspensão da imigração Judaica, e embora as tensões tenham arrefecido imediatamente, ela foi calmamente retomada. Ainda antes destes distúrbios, em 1920, um organização judaica para-militar ilegal, a 'Haganah', foi formada no Protectorado.

A imigração aumentou em 1933, em resultado da ascensão ao poder de Hitler. Entre 1933-36 a população judaica aumentou de 230.000 para 400.000. A 15 de Abril de 1936 os Árabes declararam uma greve geral que rapidamente se tornou numa rebelião aberta. As autoridades Britânicas só conseguiram restaurar a ordem em Outubro, altura em que já tinham morrido 138 Árabes, 80 Judeus, e 33 soldados Britânicos. As tentativas Britânicas para resolver o problema tornaram-se cada vez mais desesperadas. Em 1937 uma Comissão Real[5] anunciou que um plano para dividir o protectorado em dois Estados: a Galileia e a planície junto à costa pertenceriam aos Judeus, enquanto que Gaza, Sameria, a Judeia do Sul e o deserto de Negev seriam governadas pelos Árabes[6]. Os Britânicos, cada vez mais proteccionistas em relação aos seus poderes políticos e interesses comerciais, manteriam o controlo de Jerusalém, Belém[7], Jaffa e Lod. Os judeus concordaram com o plano, vendo-o como uma maneira de conseguir um ponto forte[8], mas os Árabes não. Eles compreenderam que qualquer concessão ao lobby Sionista seria rapidamente seguida por mais exigências e intimidação. O plano nunca foi implementado. Foi também em 1937 que Vladimir "Zeev" Jabotinsky, Sionista e Comunista, formou a "Irgun Zvai Leumi" (Organização Militar Nacional).

Jabotinsky e a Irgun

Jabotinsky nasceu em Odessa, em 1880, foi jornalista e escritor, e nos meses finais da I Guerra Mundial, estranhamente[9], juntou-se ao Exército Britânico (não se sabe com que objectivo) e lutou ao lado das tropas do General Allenby. Juntamente com Avraham Tehomi, Jabotinsky formou a Irgun, com elementos militantes da Haganah.

Os objectivos declarados da Irgun eram expulsar os Britânicos da Palestina, derrotar politicamente os Árabes, trazer um milhão de colonos Judeus por ano e colonizar ambas as margens do rio Jordão.

O Gang Stern

Após a morte de Jabotinsky, em 1940, (sofreu um ataque cardíaco enquanto angariava fundos junto dos judeus de Nova Iorque) a liderança da Irgun passou para um imigrante polaco chegado recentemente – Menachim Begin. Ao mesmo tempo o movimento dividiu-se, tendo os elementos mais brutais afastado-se sob a liderança de Abraham Stern, formando aquilo que veio a ser conhecido como o 'Gang Stern'. O Gang Stern acreditava que não devia haver qualquer limitação à expansão Sionista e tentou, imediatamente, forçar uma mudança de política assassinando oficiais Britânicos. O ódio de Avraham Stern pelos Britânicos era de tal ordem que os considerava um inimigo maior do que Hitler, e opunha-se a que judeus se alistassem para a guerra contra a Alemanha. Sentimento bizarro, mas que ajuda a compreender a ideologia de Stern.

De facto, em Setembro de 1940, o gang Stern entrou em negociações com Mussolini, através de um emissário, e em Janeiro de 1941 Stern enviou, pessoalmente, um agente a Beirute (controlada por Vichy) para entregar uma carta aos representantes do Reich. Foi também no Gang Stern que o futuro Primeiro Ministro de Israel, Yitzhak Shamir - adquiriu notoriedade, assumindo a liderança do grupo terrorista após a morte de Stern. O extremismo político de Stern, as tentativas de ligação com os Nazis, os assaltos à mão-armada valeram-lhe o desprezo da maioria dos Judeus. Os Britânicos intensificaram a sua 'caça' e capturaram-no num esconderijo em Tel Aviv, a 12 de Fevereiro de 1942, onde foi imediatamente fuzilado. Há uma palavra hebraica – MEKHABBEL –que descreve alguém que luta contra o Estado através de violência política. Por outras palavras: um terrorista. Stern, Shamir e os seus camaradas usavam esta distinção com grande orgulho.

Parece que os terroristas não tinham problemas em assassinar os seus, para alcançar os seus objectivos. Em Novembro de 1940, a Haganah colocou explosivos no SS Patria no porto de Haifa. Em resultado da catástrofe morreram 270 imigrantes. Em 1942 os Sionistas usaram explosivos para afundar o SS Struma no mar Negro. Morreram 769 homens, mulheres, e crianças. Ambas as atrocidades foram atribuídas à imposição Britânica de quotas de imigração.

O terror começa a sério

A evolução do nacionalismo Sionista tinha levado a um ponto em que os radicais é que tinham o controlo. E assim a matança começou. Em Novembro de 1942, os assassinos Eliyahu Hakim e Eliyahu Beit-Tzur, do Gang Stern, viajaram até ao Cairo e assassinaram o Lorde Moyne, Secretário de Estado Colonial Britânico para a Palestina[10]. (Ambos foram apanhados e enforcados pelos Britânicos. O Primeiro Ministro Israelita, Yitzhak Shamir, antigo membro do Gang Stern, trouxe os seus restos mortais para Israel para que fossem sepultados como "heróis". Muitas ruas receberam o nome destes assassinos e terroristas).

Como acontece frequentemente, à medida que a campanha de terror se intensificou, as vítimas foram os polícias e soldados Britânicos. A lista seguinte não é, de maneira alguma, exaustiva, mas ilustra bem a campanha de terror e assassinio levada a cabo pelos Sionistas.

- 14 Fevereiro 1944 – 2 polícias mortos
- 2 Março 1944 – 1 polícia morto
- 23 Março 1944 – 3 mortos no Quartel General de Tel Aviv. Três polícias mortos no bombardeamento do Quartel General em Haifa. Superintendente da polícia assassinado em Jerusalém
- 8 Agosto 1944 – 10 polícias mortos durante a tentativa falhada de assassinio do Alto Comissário Britânico
- 29 Agosto 1944 – Oficial superior da polícia assassinado
- 29 Setembro 1944 – assassinio do assistente do superintendente
- 25 Abril 1946 – 7 soldados assassinado, durante o sono, em Tel Aviv
- 22 Julho 1946 – 91 mortos no ataque bombista ao hotel King David, que servia de escritórios do Secretariado do governo Palestiniano e de Quartel General do exército Britânico. O bombardeamento foi feito com a conivência da Agência Judaica, de David Bem-Gurion.
- 13 Novembro 1946 – 2 polícias mortos em ataques bombistas
- 18 Novembro 1946 - 5 polícias mortos em ataques bombistas

21 Novembro 1946 – ataques bombistas aos escritórios do governo Britânico. 9 mortos
2 Dezembro 1946 – 4 soldados Britânicos mortos Natal de 1946 – ataque à bomba a esquadra de polícia. 6 mortos
26 Dezembro 1946 – 4 cidadãos Britânicos, raptados e espancados
29 Dezembro 1946 - 3 soldados Britânicos, raptados e espancados
12 Janeiro 1947 – 2 polícias mortos em atentado bombista
1 Março 1947 – atentado bombista ao clube de oficiais, em Jerusalém, e outros ataques terroristas. 18 mortos e 85 feridos
18 Abril 1947 – ataque ao hospital militar Britânico. 1 morto
20 Abril 1947 – ataque ao armazém da Cruz Vermelha. Vários soldados feridos
22 Abril 1947 – ataque a um comboio. 5 soldados mortos e 23 feridos
26 Abril 1947 – polícia assassinado em Haifa
9 Junho 1947 – 2 polícias raptados e espancados
31 Julho 1947 – 2 sargentos são encontrados enforcados. Os seus corpos estavam mutilados
Agosto 1947 – 3 polícias assassinados
26 Setembro 1947 - 4 polícias assassinados
29 Setembro 1947 - 9 polícias e 4 civis assassinados
Janeiro 1948 – 1 soldado morto e 4 feridos
Fevereiro 1948 – 27 soldados e aviadores Britânicos assassinados e 25 feridos num ataque a um comboio
23 Fevereiro 1948 – 2 polícias assassinados na cama de hospital em Wallach, e 1 polícia assassinado em Jerusalém

Aprovação oficial

Não há qualquer dúvida de que esta campanha de terror, teve, pelo menos, a aprovação da Agência Judaica (organização oficial representante dos Judeus Palestínianos). O conluio entre a Agência e o Gang Stern é confirmado no Livro Branco do Gabinete Colonial Britânico sobre a Palestina[11]. O presidente[12] da Agência Judaica era David Ben-Gurion, que mais tarde se tornou no primeiro Primeiro Ministro Israelita. De facto, tem sido alegado que foi Ben-Gurion que aprovou o ataque ao hotel King David. Shamir e Begin nunca tentaram esconder o seu passado de "freedom fighters", vangloriando-se da campanha para livrar a Palestina dos odiosos Britânicos.

Quando a Union Jack foi hasteada pela última vez em Jerusalém, a 14 de Maio de 1948, Ben-Gurion tornou-se Primeiro Ministro.

Algumas semanas antes deste acontecimento a Irgun e o Gang Stern viraram as suas atenções para outros alvos. A 10 de Abril de 1948 a população de Nasr el Din foi massacrada. A 5 de Maio de 1948 foi a vez de homens, mulheres e crianças da aldeia de Khoury. No dia em que o mandato Britânico acabou os aldeões de Beit Drass foram chacinados.

Na aldeia de Deir Yassin, a Irgun matou 250 Árabes, numa orgia de violência sem precedentes. O Secretário de Estado Britânico para as Colónias, falando aos Comuns disse: "Esta bárbara agressão é uma prova de selvajaria. É um crime a acrescentar à longa lista de atrocidades cometidas pelos Sionistas até este dia, e para o qual não conseguimos encontrar palavras de repulsa..."

Perto do final de 1948, o Gang Stern assassinou o mediador das Nações Unidas para a Palestina, o Conde Folke Bernadette. O seu "crime" foi preocupar-se com os Árabes Palestínianos.

Infâmia e Traição

Devemos ter em mente que tanto a Irgun como o Gang Stern incluíam "Bretões". Alguns, alegadamente, lutaram nas 'Brigadas Internacionais' comunistas durante a Guerra Civil Espanhola. Outros, vergonhosamente, eram antigos soldados Britânicos que viraram armas contra os seus antigos camaradas. Devemos também lembrar-nos de que muitos destes actos assassinos contra soldados Britânicos foram levados a cabo enquanto o Exército Britânico libertava campos de concentração na Europa.

Durante toda esta campanha de terror podemos ver a mão de homens que mais tarde se tornariam altas figuras do Estado de Israel e heróis nacionais. Outra figura, que fez nome como o "Carniceiro de Beirute", muito depois da retirada Britânica, é Ariel Sharon, que também se tornou Primeiro Ministro de Israel. Parece que a linhagem continua, o que não é nada bom sinal para os Palestínianos, ou para qualquer hipótese de paz, numa parte do mundo que tem conhecido muito sofrimento e derramamento de sangue ao longo dos séculos.

publicado no nº31 da revista *Final Conflict*
What a Lie

<http://purelies.pydot.com/princ.htm>

PALESTINA 3

Das pedras de David aos tanques de Golias

José Saramago
Prémio Nobel

Afirmam algumas autoridades em questões bíblicas que o Primeiro Livro de Samuel foi escrito ou na época de Salomão ou no período imediato, em qualquer caso antes do cativo da Babilónia. Outros estudiosos não menos competentes argumentam que não apenas o Primeiro, mas também o Segundo Livro de Samuel, foram redigidos depois do exílio da Babilónia, obedecendo a sua composição ao que é denominado por estrutura histórico-político-religiosa do esquema deuteronomista, isto é, sucessivamente, a aliança de Deus com o seu povo, a infidelidade do povo, o castigo de Deus, a súplica do povo, o perdão de Deus. Se a venerável escritura vem do tempo de Salomão, poderemos dizer que sobre ela passaram, até hoje, em números redondos, uns três mil anos. Se o trabalho dos redactores foi realizado após terem regressado os judeus do exílio, então haverá que descontar daquele número uns 500 anos, mais mês, menos mês.

Esta preocupação de rigor temporal tem como único propósito propor à compreensão do leitor a ideia de que a famosa lenda bíblica do combate (que não chegou a dar-se) entre o pequeno pastor David e o gigante filisteu Golias anda a ser mal contada às crianças pelo menos desde há 25 ou 30 séculos. Ao longo do tempo, as diversas partes interessadas no assunto elaboraram, com o assentimento acrítico de mais de cem gerações de crentes, tanto hebreus como cristãos, toda uma enganosa mistificação sobre a desigualdade de forças que separava dos bestiais quatro metros de altura de Golias a frágil compleição física do louro e delicado David.

Tal desigualdade, segundo todas as aparências enorme, era compensada, e logo revertida a favor do israelita, pelo fato de David ser um mocinho astucioso e Golias uma estúpida massa de carne, tão astucioso aquele que antes de ir enfrentar-se ao filisteu apanhou na margem de um regato que havia por ali perto cinco pedras lisas que meteu no alforje, tão estúpido o outro que não se apercebeu de que David vinha armado com uma pistola. Que não era uma pistola, protestarão indignados os amantes das soberanas verdades míticas, que era simplesmente uma funda, uma humílima funda de pastor, como já as haviam usado em imemoriais tempos os servos de Abraão que lhe conduziam e guardavam o gado. Sim, de fato não parecia uma pistola, não tinha cano, não tinha coronha, não tinha gatilho, não tinha cartuchos, o que tinha era duas cordas finas e resistentes atadas pelas pontas a um pequeno pedaço de couro flexível, no côncavo do qual a mão esperta de David colocaria a pedra que, à distância, foi lançada, veloz e poderosa como uma bala, contra a cabeça de Golias, e o derrubou, deixando-o à mercê do fio da sua própria espada, já empunhada pelo destro fundibulário. Não foi por ser mais astucioso que o israelita conseguiu matar o filisteu e dar a vitória ao exército do Deus vivo e de Samuel, foi simplesmente porque levava consigo uma arma de longo alcance e a soube manejar. A verdade histórica, modesta e nada imaginativa, contenta-se com ensinar-nos que Golias não teve nem sequer a possibilidade de pôr as mãos em cima de David.

A verdade mítica, emérita fabricante de fantasias, anda a embalar-nos há 30 séculos com o conto maravilhoso do triunfo de um pequeno pastor sobre a bestialidade de um guerreiro gigantesco a quem, afinal, de nada pôde servir o pesado bronze do capacete, da couraça, das perneiras e do escudo.

Tanto quanto estamos autorizados a concluir do desenvolvimento deste edificante episódio, David, nas muitas batalhas que fizeram dele rei de Judá e de Jerusalém e estenderam o seu poder até a margem direita do Eufrates, não voltou a usar a funda e as pedras.

Também não as usa agora. Nestes últimos 50 anos cresceram a tal ponto as forças e o tamanho de David que entre ele e o sobranceiro Golias já não é possível reconhecer qualquer diferença, podendo até dizer-se, sem insultar a ofuscante claridade dos fatos, que se tornou num novo Golias. David, hoje, é Golias, mas um Golias que deixou de carregar pesadas e afinal inúteis armas de bronze. Aquele louro David de antanho sobrevoa de helicóptero as terras palestinas ocupadas e dispara mísseis contra alvos inermes; aquele delicado David de outrora tripula os mais poderosos tanques do mundo e esmaga e rebenta tudo quanto encontra na sua frente; aquele lírico David que cantava loas a Betsabé, encarnado agora na figura gargantuesca de um criminoso de guerra chamado Ariel Sharon, lança a "poética"

mensagem de que primeiro é necessário esmagar os palestinos para depois negociar com o que deles restar.

Em poucas palavras, é nisto que consiste, desde 1948, com ligeiras variantes meramente táticas, a estratégia política israelita. Intoxicados mentalmente pela ideia messiânica de um Grande Israel que realize finalmente os sonhos expansionistas do sionismo mais radical; contaminados pela monstruosa e enraizada "certeza" de que neste catastrófico e absurdo mundo existe um povo eleito por Deus e que, portanto, estão automaticamente justificadas e autorizadas, em nome também dos horrores passados e dos medos de hoje, todas as acções próprias resultantes de um racismo obsessivo, psicológica e patologicamente exclusivista; educados e treinados na ideia de que quaisquer sofrimentos que tenham infligido, infligam ou venham a infligir aos outros, e em particular aos palestinos, sempre ficarão abaixo dos que padeceram no Holocausto, os judeus arranham interminavelmente a sua própria ferida para que não deixe de sangrar, para torná-la incurável, e mostram-na ao mundo como se tratasse de uma bandeira.

Israel fez suas as terríveis palavras de Jeová no Deuteronomio: "Minha é a vingança, e eu lhes darei o pago". Israel quer que nos sintamos culpados, todos nós, directa ou indirectamente, pelos horrores do Holocausto, Israel quer que renunciemos ao mais elementar juízo crítico e nos transformemos em dócil eco da sua vontade, Israel quer que reconheçamos de jure o que para eles já é um exercício de fato: a impunidade absoluta. Do ponto de vista dos judeus, Israel não poderá nunca ser submetido a julgamento, uma vez que foi torturado e queimado em Auschwitz. Pergunto-me se esses judeus que morreram nos campos de concentração nazistas, esses que foram perseguidos ao longo da História, esses que foram trucidados nos pogrons, esses que apodreceram nos guetos, pergunto-me se essa imensa multidão de infelizes não sentiria vergonha pelos actos infames que os seus descendentes vêm cometendo. Pergunto-me se o fato de terem sofrido tanto não seria a melhor causa para não fazerem sofrer os outros.

As pedras de David mudaram de mãos, agora são os palestinos que as atiram. Golias está do outro lado, armado e equipado como nunca se viu soldado algum na história das guerras, salvo, claro está, o amigo americano. Ah, sim, as horrendas matanças de civis causadas pelos chamados terroristas suicidas... Horrendas, sim, sem dúvida, condenáveis, sim, sem dúvida. Mas Israel ainda terá muito que aprender se não é capaz de compreender as razões que podem levar um ser humano a transformar-se numa bomba.

dirlip

ENTREVISTA DA CUADERNOS DE JAZZ

Gilad Atzmon, músico e dissidente

Reproduzimos abaixo a entrevista feita por **Fernando Ortiz de Urbina**, publicada na revista espanhola Cuadernos de Jazz

• *Londres, Pizza Express (um dos melhores clubes da cidade, apesar do nome). Sexta, 11 de março, primeiro aniversário do massacre de Madrid e véspera do cinquentenário da morte de Charlie Parker. Uma data propícia para encontrar Gilad Atzmon, ativista, político, polemista, filósofo, escritor, mas, sobretudo, saxofonista de jazz e líder do Orient House Ensemble, um dos grupos mais sólidos do cenário britânico.*

Atzmon encontra-se em plena campanha de apresentação de sua segunda novela, My One and Only Love, publicada em inglês e a ponto de ser editada na França e Grécia. Sua música é uma mistura de bebop e música mediterrânea, entremeada com tango, free jazz e cabaré alemão. Já de início ofereceu a costureira mescla de música e sátira política, como no tango dedicado à "dois tiranos que, por impopulares, decidem trocar de sexo e emigrar para Buenos Aires a fim de exercer a prostituição sob os nomes de Georgina e Antonella, Bush e Blair. Também tocaram Lili Marlene, My

One and Only Love e temas apropriados como *Liberating the American People*.

Uma semana depois conversávamos em sua casa. Atzmon, judeu israelense de ascendência russa, é um homem alto, delicado, apaixonado, amável e de riso fácil. Fala inglês com forte sotaque mediterrâneo, sua linguagem é repleta de aforismos e a conversa deriva indefectivelmente para a política.

Um judeu anti-sionista que toca jazz na Inglaterra. Por que Londres?

Atzmon - De fato, não vim para tocar, mas para estudar filosofia. E era caro demais, não esperava que fosse tanto. Assim que tive que trabalhar e não tardei muito em dar-me a conhecer, minha música agradava às pessoas. Já havia trabalhado como músico de sessão e produtor, mas não queria tocar mais. Quando vim para cá estava farto de Israel, este lugar me agrada, sobretudo quando faz tempo bom. Em geral me agradam as pessoas, são divertidas como público, são “punheteiramente anárquicos”, e de todo modo, há apenas ingleses em Londres. É um lugar muito interessante, ainda que os serviços públicos sejam uma ruína. É algo profundamente desumano que os próprios ingleses são os primeiros a sofrer. De fato, há mais de um músico neste país que quando adoce pega um vôo barato e vai ao médico na Espanha. Este matiz assassino não é exclusivo da Inglaterra, ocorre em países que nunca foram derrotados, países governados por uma elite enraizada no poder. É muito triste.

O que o levou a abandonar Israel?

Atzmon - Há quem tenha a impressão de que fui um herói quando servi no exército israelense na guerra do Líbano. Em absoluto. Não fiz mais do que ver aquela gente, os palestinos estavam por todas as partes! , e me dei conta: “Merda, estou vivendo em território palestino!” Foi então quando decidi pegar a estrada; não somente por não querer viver em terra palestina mas porque não podia aceitar o que estava acontecendo ali, a princípio foi um certo sentimento de culpa. Vim a Londres para estudar filosofia germânica e não estava muito interessado na política. Não recordei quando me ocorreu fazer aqui o mestrado de filosofia, logo comecei o doutorado, se supunha que deveria começar a dar aulas e me dei conta de que a Universidade é um lugar horrendo, quase tanto quanto Israel. Decidi escrever um livro, fazer filosofia em um formato diferente e assim saiu Guia de Perplexos. Isso era tudo, estava satisfeito, nunca pensei que se chegasse a publicá-lo. Então fui aumentando minha popularidade, não tinha tempo para a universidade e o doutorado e disse: “que se danem... prefiro tocar jazz por quatro tostões até morrer”, e isso foi tudo.

Quando começou com o jazz?

Atzmon - Aos 17anos, bastante tarde. Eu cresci em Jerusalém e quando adolescente gostava de Queen, Beatles, já sabe; então assisti Boris Gamir, um músico russo, saxofonista, tocando como um possesso na tv. Neste mesmo momento decidi que tinha que comprar um sax. Antes havia tocado um pouco de clarinete, mas não havia levado muito a sério, e ao cabo de um mês já era um saxofonista. Durante dois ou três anos praticava em torno de 14 horas diárias. Provavelmente toco um tanto melhor agora, mas é muito fácil. (Atzmon relata em um de seus incontáveis artigos como se criou em um entorno marxista, e se reflete em sua explicação da história do jazz como uma dialética de luta(s)) Na década de 50, o jazz era a voz comum dos negros clamando pela libertação. Eu sustento que o jazz era um movimento genuíno de rebelião antiamericano e foi derrotado. Os estadunidenses negros foram vencidos e nunca alcançaram os objetivos pelos quais lutaram tanto, se mantiveram restritos a uns poucos lemas e tópicos, como o do tamanho de seus pênis, e assim se encerrou o assunto. E isso foi suficiente para convertê-los em carne fresca, bucha de canhão para a ideologia expansionista dos EUA.

Há pouco me pediram que fizesse comentários para um disco. Não costumo fazer este tipo de tarefa, mas há gente que me pede que lhes escreva algo, costumam me pedir porque lhes agrada minha música e crêem que haja algo na sua que vou compreender. É muito confuso porque, no fundo, eu toco bebop. Ponho-me a escutar o disco e é horroroso; o pianista trata de tocar como Brad Mehldau, e Mehldau é fantástico. O saxofonista trata de tocar como Michael Brecker, e Brecker é fantástico, é o único capaz de tocar de verdade como Michael Brecker. Todos tratam de tocar como alguém, não há um só momento sincero nessa música e não sei como me escapar desse encargo, porque não é um trabalho, não cobro por ele. Este jazz não é uma música genuína.

Talvez tenha sido e já deixado de sê-lo.

Atzmon - John Lewis, do Time Out, fez uma resenha de minha primeira passagem no Pizza Express, uma crítica muito interessante. Não me agradou, mantivemos correspondência por e-mail, me ofendeu a princípio, mas ao final nos entendemos. Segundo ele, “Wagner disse que os judeus não podem gerar música porque copiam a cultura do país em que vivem”, ou seja, que geramos música, mas não é autêntica. “Gilad Atzmon concorda com Wagner, sua música não é autêntica”, e o certo é que até aí estou de acordo, mas logo me atacava por ser anti-sionista, e não tenho problema com isso, mas me comparava com Wagner por causa do anti-semitismo. Enfim, tenho acordo de que falta autenticidade à atividade artística judia, mas acredito que aí reside a fortaleza dos judeus. Creio que a política da identidade é totalmente insustentável se alguém diz “sou gay, sou gay!”, o que quer dizer é que está se identificando. Nestes termos, nunca poderias dizer quem és porque quando tentas descrever-te estás usando uma terminologia, uma linguagem pré-existente. Nunca se pode ter acesso a si próprio, sempre se trata de um processo de auto-identificação, o idioma, o sotaque, a linguagem corporal... são formas de identificação. Se fores judeu és estrangeiro de qualquer maneira, e enquanto não te leves demasiadamente a sério -e esse é o problema dos sionistas -tudo encaixa por eliminação: este não sou eu, nem esse, esse também não... o caso é que minha música agrada ao crítico de Time Out, premiou meu disco como o melhor de 2004, não é que não lhe agrade. O que acontece é que eu não creio na autenticidade; eu creio na beleza. Eu sou um artista, meu trabalho é buscar a inspiração estética e a isso me dedico. Na realidade, Atzmon se dedica a muito mais. Ao terminar de falar sobre o problema da identidade, toma algumas notas para a conferência que dará dentro de dois dias na SOAS, a Escola de Estudos Africanos e Orientais da Universidade de Londres, que versará sobre o problema da identidade, que trata em sua segunda novela.

Mesmo aceitando a impossibilidade de ser autêntico, chama a atenção até que ponto não copia a outros saxofonistas de bebop, apesar da influência evidente de Charlie Parker e Cannonball Adderley.

Atzmon - Demorei muitos anos para conseguir. Costumava copiar os grandes, mas por exemplo, Coltrane costumava deixar de tocar quando se dava conta de que estava copiando alguém. Creio que já tenho meu próprio repertório de frases, de idéias, mas meu ritmo e minha harmonia são fundamentalmente bebop. É a música que compreendo, na realidade é a única música que conheço. Não tenho formação acadêmica.

O bebop é um dos dois sabores principais de sua música. De onde exatamente sai o outro, o do Mediterrâneo oriental? O palestino? Judeu?

Atzmon - Não gosto da música kletzmer. Posso tocar kletzmer muito bem, mas odeio. Levei anos para dar me conta de que existe uma música judia com alma, que na realidade é européia, e cujo maior virtuoso talvez seja Giora Feidman. E o faz realmente bem, uma música calma e com sentimento. Em troca, quando se trata de música judia moderna, a música da identidade judia, de judeus radicais como John Zorn, não a suporto. Um bom amigo meu gravou com Zorn, e me deu um disco acreditando que seria interessante que eu o resenhasse. Mas é música estridente, vulgar, violenta. É mais violenta que os fodidos colonos dos territórios ocupados da Cisjordânia. Em minha opinião, o kletzmer é música cigana tão mal tocada que se converteu em um estilo. Tenho estudado a música grega durante cinco, talvez sete anos. Para mim esta música é profunda, como a árabe, a influência andaluza, já sabes, ... Me inspiro na música grega e turca, e na egípcia, mas não sou especialista. O melhor cumprimento que me fizeram é dizer que a minha é a melhor versão ocidental desta música. É verdade que vivi em Israel e ouvi “muecines” todos dias, mas nunca tocaria assim em Israel... Sem solução de continuidade, Atzmon salta de um tema a outro. ...não posso regressar à Israel. A única relação com minha terra é comer humous, falafel, e tratar de produzir essa música. Não posso regressar porque sou um oponente político. Assim que, quando tenho saudades, recorro a isso, à comida e à música.

Proibiram sua entrada em Israel?

Atzmon - Não, mas... faz alguns dias coloquei uma mensagem circulando na internet para anunciar a publicação de meu livro. Poucas horas depois havia uma crítica no “Amazon” massacrando-o. Escreveu uma pessoa de Tel-Aviv, e de fato sei quem é. Tenho meus informantes (risos). Uma vez liguei para o técnico em informática porque tinha um vírus e comentei com ele “não sei, igual é o Mossad”, e me respondeu “não, quanto ao Mossad, posso vê-lo aqui, cuidando do teu computador para

que tenham livre acesso e ver o que estás fazendo”, assim que talvez devesse queixar-me ao Mossad... talvez fosse algum judeu estadunidense jovem fazendo das suas. Basicamente, estou defendendo idéias que podem ser consideradas ilegais, um delito. Mas isso acontece até na Europa. Se disseses que no Holocausto não morreram seis milhões de judeus, mas 5.999.999, cometerias um delito. De fato, posso provar que foram menos de três milhões e na realidade não importa porque ainda que se tratasse de uma só família aniquilada, seu sofrimento seria suficiente para fundamentar um argumento ou provocar empatia. O que eu sustento é que os sionistas foram os maiores colaboradores dos nazistas, como demonstram fatos mais que provados. Também sustento que Israel não tem direito a existir, que o anti-semitismo é uma invenção judia e respaldo qualquer forma de resistência contra Israel.

No dia em que o vi no Pizza Express fazia um ano do massacre de Madrid. Que te pareceu a comoção política que se seguiu ao atentado?

Atzmon - Está bastante claro: o terror é imbatível e temos demasiado o que perder. Com certeza, senti por todas as pessoas que morreram e por suas famílias, mas poderia ter acontecido a nós aqui, na Inglaterra. Este país é muito vulnerável! Matar gente é muito fácil, aqui e em qualquer parte. A consideração importante é onde matar e suas implicações táticas.

Voltando à música, é paradoxal que atualmente o setor mais conservador do jazz se constitua de afro americanos como Wynton Marsalis e Stantey Crouch.

Atzmon - Reconheço que às vezes exponho minhas idéias de forma demasiado simplista (Atzmon pega papel e lápis e desenha). Existem umas poucas correntes no jazz. Temos a principal, revolucionária. Dentro destas correntes está Duke Ellington, que defendeu que o jazz era a música clássica dos EUA. De sua parte, Marsalis está tratando de desenvolver o jazz segundo um modelo “clássico”, assim que, de alguma maneira, é uma corrente bem legítima. Agora bem, para mim, como filósofo, minha premissa é “o jazz trata sobre a liberdade”. Segundo a escola alemã, a filosofia é a busca da condição da possibilidade. Assim, a estética seria a condição da possibilidade da beleza. O que é a beleza? O que sentimos na realidade? Alguns filósofos sustentam que a arte moderna é filosofia, porque coloca a pergunta “o que é arte?”. Se aplicarmos ao jazz teremos um vetor social, uma tendência que aponta para a liberdade, e por sua vez celebra a liberdade em si mesmo. Em muitas ocasiões, na política, se tem reclamado pela liberdade de distintas formas. No caso do jazz, queremos liberdade, mostramos que liberdade queremos mas, para conseguí-la, devemos libertar-nos primeiro. Agora bem, os homens não podem ser livres porque, por exemplo, tocas o sax e se tocas segundo os acordes, inclusive quando tocas contra os acordes, não és livre, ainda que seja esse o objetivo. O jazz é uma luta dialética em potencial e aí reside sua beleza...

Já não supõe a luta pela libertação da qual falava a princípio...

Atzmon - O jazz já não luta pela liberdade como um movimento político porque não é um movimento político, já não se associa com nenhum movimento político e tampouco aponta para a liberdade como atividade musical. Por que? Porque vivemos em uma era muito orquestrada do ponto de vista comercial. Produzimos música cuja apreciação reflete seu mérito comercial, ou seja, que meu disco é fantástico porque vendeu 2.500 cópias em dois meses, estabeleceu-se um nicho que, uma vez alcançado, anula qualquer busca de autenticidade, de motivação social ou política, o que resta é unicamente um movimento temático ou semântico, já sabes, umas poucas frases, algumas cores produzidas pelo timbre dos instrumentos. Algo lamentável. Em um artigo explicava que, uma vez que esta forma de resistência social foi aniquilada, foi quando a burguesia branca ampliou seu interesse pelo jazz e quando o jazz se tornou acadêmico, quando floresceram Berklee, Mannie's e todas essas escolas. O jazz passou de tratar de dizer o máximo possível a dizê-lo o mais rápido possível isto foi o que aconteceu nos anos 70 e 80, se converteu em um ruído ininteligível. Agora temos um retorno do jazz porque, para começar, temos cartazes de propaganda dele. Se uma cantora como Norah Jones, por exemplo, tivesse que cantar em country estaria perdida, mas se o ritmo for jazz, desperta interesse. Agora estamos jogando com diversas táticas comerciais, somos vítimas das manobras comerciais, e te digo uma coisa: faz a vida muito mais singela.

Em que sentido?

Atzmon - Porque vou pelo caminho contrário. Não entro no jogo nem tento colocar meu disco na rádio. Não estou nem aí! Quero aproximar as pessoas de mim, tocar uma semana em um clube no

centro de Londres é um problema.

Por que?

Atzmon - Porque há muito pouca gente que se pode permitir. Se quiseses ir acompanhado tens que conseguir uma carona, ou pegar o carro, estacioná-lo, comer algo, beber... Quem se pode permitir? De certa maneira estou tocando para a burguesia, me dei conta outro dia no Pizza Express. Assim que em junho vou fazer um giro por Londres, nos bairros populares, porque aí estão as pessoas que se supõe devem escutar jazz, e que de fato escutam e desfrutam. (A sátira é componente fundamental nas atuações de Atzmon. Em um de seus números a banda toca paródias de livre improvisação e, dentro de alguns momentos, o saxofonista explica que solicitaram uma subvenção do "Arts Council of England", e que esta é a música que eles gostam.)

A paródia sobre o ACOE trata de ridicularizar a burguesia branca e como o jazz já se incorporou ao sistema?

Atzmon - Desde logo. Como podemos resistir se dependemos desse dinheiro? É uma manobra muito inteligente. Antes era a burguesia que patrocinava os músicos, mas o que distinguia estes burgueses é que eram motivados pela estética, como acontecia na corte de Frederico II. Dentro do conceito da democracia liberal, da burguesia são os políticos, gente que busca o poder, e são eles quem decide quem toca e quem não. E, parece-me, seu conhecimento estético é bastante banal e fica a impressão de que tudo o que se produz neste país, pelo menos em tudo que eu participei que foi organizado por estas instituições, era surpreendentemente prejudicial e muito impopular. Daí a reação do público a nossa paródia: sabem que é uma farsa.

Também poderia entender-se como uma crítica ao free...

Atzmon - É fundamental esclarecer esse ponto, porque sei que há quem pense que é uma crítica ao free. Não tenho nenhum problema com o free. Há o livre alucinante e o livre vagaroso, como há bebop alucinante e bebop vagaroso. Tão somente trato de ridicularizar esses políticos vazios. Quando tocamos na Europa mantenho o argumento mas digo que sou um compositor moderno.

O que pensa então sobre a subvenção do jazz com dinheiro público?

Estou a favor. Neste sentido, no continente se faz de forma mais inteligente do que na Inglaterra, porque no continente se apóia a "Musik", como intitulei meu último disco. "Music" representa a manutenção da hegemonia do poder, "Musik", com K maiúsculo é a busca da beleza. Diferencio entre o "K", a busca estética, e o "c", que é a transformação da estética em um efeito material, em algo comercial, a mesma diferença entre Kultur e cultura. Uma vez toquei na Espanha, num bom local, o piano estava muito bom. Se toco na Europa do Leste, o mesmo. Faz pouco tocamos em um dos melhores teatros de Exeter, e o estado do piano era lamentável. Se cobras 20 £ [30 €] de ingresso, como é possível que o piano não seja afinado todos os dias.

Seus concertos incluem música, comédia e sátira política. Se poderia afirmar que a parte política pode ocultar a musical? Qual, separado, tem preferência?

Atzmon - Não me interessa tanto a política, às vezes nem usamos esse tema. De fato estou cansado da política, não me interessa como tal. Não me meteria na política britânica a menos que comessem a matar minha gente. Isso é o que está fazendo Blair, por isso o massacre. Todas as noites ele massacra iraquianos, eu o massacre. Estou comprometido, e isto é tudo. Mas às vezes penso que sou um estúpido metendo-me de graça nestas confusões.

Projetos para o futuro?

Atzmon - Creio que o tamanho da banda é adequado, mas viajar é um problema. Definitivamente somos um grupo de jazz, não ganhamos muito dinheiro. Quando ganhamos mais dinheiro, incluímos mais músicos (risos). No entanto me surpreende que estejamos saindo na frente sem patrocinadores. Meus discos vendem surpreendentemente bem.

No mundo do jazz tendemos a esquecer de que isto também é um negócio.

Atzmon - Desde logo. Em primeiro lugar sou músico, mas também sou um homem de negócios

e tenho que vender minha música. Hoje tenho uma boa posição, talvez a mais alta do jazz britânico. Tenho muito o que perder. Poderia virar estrela! Já tentaram transformar-me em estrela.

Os três personagens principais de sua última novela, um músico, seu agente, e uma espiã que usa seu corpo como ferramenta de trabalho, tem a ver com você?

Atzmon - Com efeito, também sou uma prostituta. Daí saem todos os meus personagens, não sou tão inteligente. Sei como funciona esse negócio da música...

Epílogo

Ao final de nossa conversa, Gilad admitiu que está cansado. Quando em visita ao seu website pode-se apreciar a produtividade deste homem em discos, livros, as correspondentes premiações, entrevistas, concertos, artigos, conferências, etc. No momento, continua gerindo diretamente tudo o que faz, mas não vê a hora de escapar para os Pirineus franceses: "é verdade que necessito umas férias, relaxar", disse em tom de desespero. "Escapar-me com meu sax e meu computador portátil..."...para ensaiar e continuar escrevendo, se supõe. Atzmon pode parecer petulante por sua aplastante franqueza que o protege de falsas modéstias. Também é certo que, como todo o homem possuído pela necessidade de expor seu pensamento, cai em contradição e paradoxo (como exemplo, o prato comemorativo ao casamento do príncipe Charles e a Lady Dy que tem em sua casa). Mas o que, em qualquer caso, resulta inegável é sua coerência artística e pessoal na hora de defender sua obra. O êxito de crítica e público constitui uma incomum, mas justa recompensa. Para todos os músicos que crêem cegamente em sua própria mensagem, deveria ser um raio de esperança. Entrevista publicada em Cuadernos de Jazz, nº 88, maio – junho de 2005 (Madrid) www.cuadernosdejazz.com

Versão Portuguesa: Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

www.dirlip.org

A VERDADEIRA RAZÃO DA ATUAL INVASÃO DO IRAQUE

A proposta "Bolsa do Petróleo" iraniana é a verdadeira "bomba" que atormenta os EUA

por Krassimir Petrov

O governo iraniano desenvolveu finalmente a arma "nuclear" final que pode destruir rapidamente o sistema financeiro que sustenta o império americano. Essa arma é a Bolsa Iraniana de Petróleo que espera ser aberta em Março de 2006. O projeto da Bolsa estará baseado num mecanismo "euro-oil-trading" o que naturalmente implicará o pagamento do petróleo em euros. Em termos econômicos, isto representa uma gravíssima ameaça à hegemonia do dólar.

A economia dos impérios

Todos os estados-nação tributam os seus cidadãos, ao passo que um império tributa os restantes estados-nação. A história dos impérios, desde o Grego e Romano, até ao Otomano e Britânico, ensinam-nos que o fundamento económico de qualquer império é a tributação das restantes nações. A capacidade imperial para tributar esteve sempre baseada numa melhor e mais forte economia, e como consequência, num melhor e mais forte exército. Uma parte dos impostos serve para melhorar o nível de vida no império; a outra parte serve para fortalecer o domínio militar necessário a uma boa eficácia na cobrança desses impostos.

Economicamente, o império americano nasceu com o acordo de Bretton Woods em 1945.

Em 1971, tornava-se evidente que o Governo de EUA não poderia comprar de volta seus dólares com ouro como estava previsto no acordo de Bretton Woods. Foi feito por isso um acordo com a Arábia Saudita de que os EUA suportariam a Casa Real em troca deste país aceitar apenas o dólar norte-americano como forma de pagamento do seu petróleo. Os restantes países da OPEP de imediato

seguiriam esta medida aceitando unicamente dólares para as suas vendas de petróleo. A partir daqui e porque o mundo precisava de obter petróleo dos países árabes, passou então a existir uma razão objetiva para se obterem dólares para o pagamento do petróleo. Porque o mundo precisava de crescentes quantidades de petróleo, e a preços de petróleo também eles crescentes, a procura de dólares no mundo só poderia aumentar. Embora já não fosse possível trocar os dólares por ouro, eles eram agora trocáveis por petróleo.

A essência econômica deste acordo era de que o dólar estava agora suportado por petróleo em vez de ouro. Enquanto isto fosse sucedendo, o mundo teria de acumular montantes crescentes de dólares, pois eram necessários para a aquisição de petróleo. Portanto enquanto o dólar fosse o único pagamento aceitável para o petróleo, o seu domínio no mundo estaria assegurado, e o império americano poderia assim continuar a tributar o resto do mundo. Se por qualquer razão, o dólar perdesse o suporte do petróleo, o império americano deixaria de existir. Por isso, a sobrevivência imperial exigia que o petróleo fosse vendido apenas em dólares. Por outro lado impedia que estados soberanos que não fossem suficientemente fortes em termos políticos e militares, pudessem exigir o pagamento das suas reservas de petróleo, noutra moeda que não fosse o dólar. Se um qualquer país tomasse uma tal decisão, teria que ser convencido a mudar de opinião tanto por pressão política, como por meios militares.

O homem que realmente pediu que o petróleo do seu país fosse pago em euros, foi Saddam Hussein em 2000. No início, a sua exigência caiu no ridículo, depois no desprezo, só mais tarde, quando se tornou claro que ele havia feito um bom negócio, se iniciou a pressão política para que modificasse a sua posição. Quando outros países, como o Irão, pretendem o pagamento noutras moedas, como sejam o euro e o iene, o perigo para o dólar é evidente, e portanto uma ação punitiva passa a estar na ordem do dia. A operação "choque-e-terror" de Bush no Iraque nada teve a ver com as capacidades nucleares de Saddam, nem com a defesa dos direitos humanos, nem com o objetivo de espalhar a democracia, nem mesmo com a tomada dos campos petrolíferos; o objetivo nuclear dessa operação foi defender o dólar, e consequentemente o império americano. Era preciso que todos tivessem o exemplo de que quem exige o pagamento do seu petróleo noutra moeda que não o dólar será igualmente punido.

Muitos criticaram Bush por efetuar uma guerra contra o Iraque a fim de capturar os campos de petróleo iraquianos. Porém, esses críticos não conseguem explicar porque razão Bush havia de querer capturar esses campos – ele poderia simplesmente imprimir os dólares que quisesse e com eles poderia adquirir no mundo todo o petróleo que necessitasse. Ele deve ter tido qualquer outra razão para invadir o Iraque.

A História ensina que um império só deverá ir para guerra por uma de duas razões: (1) para se defender ou (2) para tirar benefício de guerra; caso contrário, como o Paul Kennedy ilustra no seu magistral *"The Rise and Fall of the Great Powers"*, o esforço militar esgotará os seus recursos econômicos e precipitará o seu colapso. Falando economicamente, para que um império inicie e conduza uma guerra, os seus benefícios têm que exceder em valor os custos com o seu exército e os custos sociais decorrentes da guerra. Os benefícios dos campos petrolíferos iraquianos dificilmente serão merecedores a longo prazo, dos custos militares envolvidos nos vários anos de ocupação que os EUA terão de exercer. Em vez disso, as razões que levaram Bush a ir para o Iraque foram unicamente para defesa do seu império. Na realidade, o que se passou foi que, dois meses depois de os Estados Unidos invadirem o Iraque, o programa "Petróleo por Alimentos" terminou, as contas iraquianas em euros foram trocadas por dólares, e o petróleo voltou a ser vendido em dólares norte-americanos. O mundo deixou de poder continuar a comprar o petróleo iraquiano em euros. A supremacia global do dólar foi restabelecida uma vez mais. Bush desceu vitoriosamente de um avião de combate e declarou que a missão fora cumprida – ele acabava de defender o dólar norte-americano com êxito, e consequentemente também o império americano.

A Bolsa do Petróleo iraniana

O governo iraniano desenvolveu finalmente a arma "nuclear" final que pode destruir rapidamente o sistema financeiro que sustenta o império americano. Essa arma é a Bolsa Iraniana de Petróleo que espera ser aberta em Março de 2006. O projeto da Bolsa estará baseado num mecanismo "euro-oil-trading" o que naturalmente implicará o pagamento do petróleo em euros. Em termos econômicos, isto representa uma ameaça à hegemonia do dólar muito maior do que Saddam representou, pois será possível nesta Bolsa que qualquer um possa comprar ou vender petróleo em euros, podendo-se evitar assim completamente o dólar norte-americano para este tipo de transação. Se assim for, passarão a existir razões para que quase todo o mundo passe a adotar decididamente este sistema do euro-oil: Os europeus não terão que comprar e armazenar dólares para assegurar o pagamento das suas aquisições de petróleo mas, em vez disso, poderão utilizar a sua própria moeda. A adoção do euro para transações de petróleo dará à moeda europeia um estatuto de reserva que

beneficiará os europeus à custa dos americanos.

Os chineses e os japoneses estarão especialmente ansiosos por adotar o novo sistema, porque lhes permitirá baixar drasticamente as suas enormes reservas em dólares diversificando-as com euros, protegendo-se assim da depreciação do dólar. Na redefinição da estrutura das suas reservas de dólares poderão optar pela manutenção de apenas uma parte dos seus dólares como reserva; uma outra parte poderá ser para alienar; e uma terceira parte poderão usar para realizar pagamentos futuros, tendo o cuidado de não aumentar mais as suas reservas em dólares mas, pelo contrário, ir consolidando as suas reservas em euros.

Os russos têm um interesse econômico inerente na adoção do euro e que tem a ver com a dimensão do comércio que desenvolvem com os países europeus, com os países exportadores de petróleo, com a China, e com o Japão. A adoção do euro terá como efeito imediato a facilitação das transações comerciais entre os primeiros dois blocos, a Rússia e a UE, e com o passar do tempo facilitará o comércio com a China e com o Japão. Aparentemente os russos também não gostam de estar sujeitos a ter de guardar dólares que se vão desvalorizando, o que os tem levado ultimamente a ter um novo interesse pelo ouro. Os russos por outro lado, revivem na atualidade um forte nacionalismo, e se aderirem ao euro sabem que causarão dano grave aos americanos, pelo que o farão com prazer só para verem os americanos a sangrar.

Os países árabes exportadores de petróleo adotarão prontamente o euro como um meio de diversificar as suas crescentes reservas de dólares em desvalorização. Tal como os russos, as suas principais transações comerciais são com países europeus, e por isso ambos preferirão a moeda corrente européia para promoção da sua estabilidade e para evitar riscos de câmbio; isto para não mencionar a sua *jihad* contra o Inimigo Infiel.

Apenas os britânicos se encontram entre a espada e a parede. Eles sempre tiveram uma associação estratégica com o EUA, assim como uma tendência natural para abandonar a Europa. No entanto já não existem razões para se manterem associados ao vencedor. Porém, quando virem em dificuldades o seu parceiro de longa data, será que continuarão ao seu lado ou pelo contrário lhe aplicarão o golpe de misericórdia? Por outro lado não nos devemos esquecer que atualmente as duas principais bolsas para transação de petróleo são o NYMEX em Nova York e o Petroleum Exchange (IPE) em Londres, embora ambas sejam efetivamente propriedade de americanos. Parece mais provável que perante a conjuntura descrita, os britânicos não consigam evitar o seu próprio afundamento juntamente com este navio em dificuldades, senão seria o mesmo que dar um tiro no próprio pé, precisamente porque põem em risco a bolsa de Londres, o IPE. É aqui de notar que apesar de toda a retórica acerca da sobrevivência da libra britânica, os britânicos não adotam o euro principalmente porque os americanos os pressionam para que o não façam, pois se o IPE aceitasse euros para as transações de petróleo, feriria de morte o dólar e consequentemente o seu sócio estratégico.

De qualquer modo, não importa o que os britânicos venham a decidir. Se a bolsa de petróleo iraniana avançar, os interesses que realmente têm peso – europeus, chineses, japoneses, russos e árabes – adotarão o euro, decidindo o destino do dólar. Os americanos não podem permitir que isto aconteça, e se necessário poderão usar um conjunto de estratégias muito diversas para travar ou dificultar o avanço desta operação:

Sabotando a bolsa – pode ser com a introdução de vírus no sistema, na rede ou nas comunicações, atacando o servidor ou violando as suas seguranças, ou ainda com um ataque tipo 11/Set a instalações principais ou de apoio.

Golpe de estado – esta é de longe a melhor estratégia de longo prazo disponível para os americanos.

Negociando termos & limitações aceitáveis – esta é também uma excelente solução para os americanos. Claro que, um golpe de estado é claramente a estratégia preferida porque garante que o processo da bolsa não avança, deixando de haver qualquer ameaça aos interesses americanos. Porém, se uma tentativa de sabotagem ou golpe de estado falhar, então não existirá outro remédio senão negociar, mas sempre como segunda opção.

Resolução conjunta de guerra na ONU – esta será sem dúvida difícil de garantir em virtude dos interesses de todos os outros membros do Conselho de Segurança. A retórica insistente acerca do desenvolvimento de armas nucleares dos iranianos serve indubitavelmente para preparar esta linha de ação.

Ataque nuclear unilateral – esta será uma terrível opção estratégica por todas as razões associadas com a estratégia seguinte, a Guerra Total Unilateral. Os americanos provavelmente utilizariam Israel para fazer o seu trabalho sujo, o ataque nuclear.

Guerra Total Unilateral – esta é obviamente a pior opção estratégica. Primeiro porque, após duas guerras, os recursos militares norte-americanos encontram-se esgotados. Segundo, os americanos arrastarão consigo mais cedo ou mais tarde, outras nações igualmente poderosas.

Terceiro, os países com maiores reservas de dólares podem decidir retaliar alienando os seus dólares, dificultando assim o financiamento por parte dos EUA das suas ambições militares. Por último, o Irão tem acordos estratégicos com outras nações poderosas que se podem envolver no conflito. O Irão tem acordos supostamente com a China, a Índia, e a Rússia, conhecido como o Grupo de Cooperação de Shanghai, e um acordo separado com a Síria.

Qualquer que seja a opção estratégica utilizada, de um ponto de vista puramente económico, se a Bolsa de Petróleo Iraniana ganhar impulso será ansiosamente abraçada pelas principais potências económicas, precipitando o colapso do dólar.

A morte do dólar

O colapso do dólar incrementará dramaticamente a inflação norte-americana e pressionará o aumento das taxas de juros de longo prazo norte-americanas. Nesta situação, o FED encontrar-se-á entre Sila e Caribdis — entre deflação e hiperinflação — que o forçará rapidamente a utilizar a sua "medicina clássica" de deflação através do aumento das taxas de juros, provocando uma significativa depressão económica, um colapso nos valores imobiliários, e uma implosão no mercado de ações, e mercados de derivados, com um colapso financeiro total, ou em alternativa, utilizando a solução Weimar aumentando a inflação, submergindo o sistema financeiro através de uma impressão desmedida de dólares e o seu afogamento em liquidez, libertando numerosos LTCMs (Long-Term Capital Management), logo hiperinflacionando a economia.

A teoria austríaca para o dinheiro, crédito, e ciclos económicos ensina que não há lugar entre as duas margens deste rio estreito. Tarde ou cedo o sistema monetário tem que guinar para um lado ou outro, obrigando o FED a fazer sua escolha. Sem dúvida que o comandante [Ben Bernanke \[1\]](#) um académico de renome conhecedor da Grande Depressão e um apto piloto de helicópteros Black Hawk, escolherá inflação. O "helicóptero Ben", esquecido da Grande Depressão americana de [Rothbard](#), no entanto dominou as lições da Grande Depressão e o poder aniquilador das deflações. O Mestre ensinou-lhe a panacéia para qualquer problema financeiro — para inflacionar venha o "inferno ou a inundação". Ele até ensinou aos japoneses os seus próprios métodos não convencionais mas engenhosos, para combater a armadilha de liquidez deflacionária. Tal como o seu mentor, sonhou combater um Inverno de Kondratieff. Para evitar a deflação, ele recorrerá às máquinas de impressão; ele vai requisitar todos os helicópteros estacionados nas 800 bases militares que os EUA têm no estrangeiro; e, se necessário, vai monetarizar tudo o que estiver à vista. A sua última realização será a destruição hiperinflacionária da moeda americana, e das suas cinzas renascerá a próxima moeda de reserva do mundo: a relíquia bárbara chamada ouro.

[1] Novo presidente do banco central dos EUA, sucessor de Greenspan. Bernanke proclamou a sua disposição de imprimir e lançar a partir de um helicóptero todo o dinheiro que venha a ser necessário.

(Doutor em Economia pela Ohio State University. Atualmente ensina Macroeconomia e Finanças Internacionais na "American University" da Bulgária.)

Fonte: [Resistir](#) / Tradução de MJS.

Artigo publicado originalmente em em <http://www.energybulletin.net/12125.html>

UM REVISIONISTA BRASILEIRO

Biografia de Siegfried Ellwanger (S.E. Castan)

É brasileiro. Nasceu em Candelária, RS, no dia 30/7/28. Estudou no Grupo Escolar Guia Lopes e Colégio Sinodal de Candelária e posteriormente no Colégio Mauá, de Santa Cruz do Sul; por falta de condições financeiras da família, teve que abandonar os colégios, limitando-se posteriormente a esporádicas aulas de matemática e de inglês, com professor particular, com recursos obtidos com a venda de pastéis e rapaduras fabricados por sua mãe. Fala e lê também o espanhol e alemão, idiomas que foram de suma importância nas suas pesquisas que fazia e faz sobre acontecimentos políticos e da II GM

Trabalhou numa fábrica de botões de madrepérola em Vera Cruz, e posteriormente em fábricas de laticínios e de balas e caramelos em Santa Cruz do Sul. Em 1946 alistou-se como voluntário no Corpo de Fuzileiros Navais, do Rio de Janeiro, onde serviu por quase 3 anos; em virtude de haver sido designado para trabalhar como escriturário no Estado Maior dessa corporação, aproveitou qualquer tempo disponível para ler e ampliar suas conhecimentos. Em final de 1948 deu baixa dos fuzileiros

passando a morar com sua mãe em Porto Alegre, onde imediatamente começou a trabalhar numa filial local de importante firma do ramo de ferros e aços do Rio de Janeiro, onde em pouco tempo passou de auxiliar de escritório para chefe de vendas.

Após pouco mais de 8 anos nesse emprego, pediu demissão para assumir o cargo de gerente de outra importante organização do mesmo ramo, também com matriz no Rio de Janeiro. Após estar no comando dessa firma durante dez anos e meio, pediu demissão para fundar sua própria firma do mesmo ramo, que dirigiu durante mais de 20 anos, quando vendeu o controle acionário da mesma a outra firma do RGS

Ellwanger é o responsável pela instalação da primeira fábrica de tubos de ferro galvanizados produzidos no RGS simultaneamente com a instalação de inédito sistema de solda por indução, pioneirismo que recebeu a concessão, por parte do governo do Estado, da isenção do pagamento do Imposto de Vendas e Consignações durante 5 anos.

É o responsável pela instalação da primeira trefilação a frio de barras de ferro e aço no RGS. É o responsável pela primeira fabricação de eletrodutos de ferro, que receberam o nome de "Pioneiro". É o responsável pela primeira fabricação de arames de aço ovalados para amarração de caixas; É o responsável pela instalação da primeira laminação a quente, de barras de aço em perfis especiais no RGS, passando a atender, em grande parte, firmas multinacionais sediadas em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, do ramo de tratores e indústria automobilística, algumas das quais como fornecedor exclusivo, pela alta qualidade dos produtos e fornecimentos pontuais. Sua firma chegou a empregar mais de 300 pessoas.

É o responsável pela instalação de uma Filial de sua firma em São Paulo, para explorar o ramo de trefilação de barras, empregando mais de 20 pessoas. É inventor de placas de aço fundido para trilhos ferroviários.

É inventor de fixações elásticas para trilhos ferroviários e fabricação das mesmas, tornando-se fornecedor da Cia. Vale do Rio Doce e impedindo, com seu produto, a importação de similar estrangeiro e poupando milhões de dólares em divisas para o país.

A firma de Ellwanger exportou barras de aço destinadas à fabricação de implementos agrícolas para o Uruguai.

Ellwanger participou da delegação gaúcha, organizada pela Secretaria do Comércio e Indústria do RGS, que viajou para Colônia, Alemanha, e Londres, onde manteve vários contatos com firmas locais que mostravam interesse em associar-se com firmas brasileiras. Quando ainda não existiam relações diplomáticas e comerciais com Cuba, Ellwanger, como industrial, procurou estabelecer em Havana, com o Ministério da Indústria e Comércio cubano, um negócio de trocas, de níquel cubano que era 12% mais barato que o adquirido pelo Brasil de outros países, mas cuja origem era cubana, em troca de barras de aço, cujo preço era equivalente ao aço japonês, principal fornecedor de Cuba na ocasião. O que poderia ter sido um bom momento para o estabelecimento de relações de mútuo interesse, não passou além do Banco do Brasil. Ellwanger é admirador de Fidel Castro e do povo cubano.

Sua laminação foi a primeira do RGS e a segunda do Brasil a produzir guias de aço para elevadores, fato principal que motivou a venda de sua indústria para uma firma de elevadores local.

Além da laminação e trefilação, Ellwanger possuía uma firma que representou no Sul do país, durante mais de 20 anos, a Aços Anhangüera de S. Paulo, tornando-a a maior fornecedora de aços especiais para as indústrias do RGS, SC e PR.

Como passa-tempo, sem interesse comercial ou industrial próprio, Ellwanger fez o desenho moderno que revolucionou o formato de órgãos eletrônicos, usados em conjuntos musicais, que se tornaram bonitos, leves e de fácil montagem e desmontagem. São fabricados pela fábrica Bohn desde a década de 1960.

Ellwanger também é o autor, em 1963, de desenho de cama embutida no guarda-roupa, para aproveitamento de espaço. O primeiro conjunto foi fabricado para Ellwanger e está sendo produzido até hoje por praticamente todas as fábricas de móveis

Ellwanger foi durante mais de 10 anos membro do Lions Clube em P. Alegre, onde chegou a ser homenageado como o "Leão do Ano".

Ellwanger também foi durante muitos anos diretor de basquete da Sogipa. Ainda no basquete dirigiu a equipe gaúcha de juvenis, como representante da Federação Gaúcha, no Campeonato Brasileiro realizado em Penápolis, SP.

Ellwanger é defensor intransigente da AUTODETERMINAÇÃO dos povos, contra a Nova Ordem Mundial. É completamente contrário ao boicote norte-americano a Cuba; à intervenção militar norte-americana em Granada e Panamá, que terminou em milhares de vítimas desses países; contra a intervenção que terminou em guerra na Coreia e no Vietnã; contra a não condenação dos responsáveis pela guerra química levada ao Vietnã, com milhões de mortos e inutilizados; contrário à guerra levada ao Iraque, que provocou a morte de mais de 300.000 iraquianos, maioria total de civis, além do insano

boicote existente até hoje; contrário à invasão da Somália; contrário à incrível tentativa de assassinar o presidente Khadafi, da Líbia, por aviões norte-americanos à sua residência e o posterior boicote a esse país; Ellwanger é contra o incentivo capitalista que provocou o separatismo e a morte, até hoje, de milhares de pessoas, na ex-União Soviética, que mantinha um equilíbrio de poder no mundo;

Ellwanger é contrário à intervenção em assuntos que só dizem respeito à China; contra a permanência militar na Coreia do Sul e Japão por parte do EUA, e por parte dos "Aliados" na derrotada Alemanha, com a qual até hoje não assinaram o tratado de Paz!!! Ellwanger ainda é contrário à totalmente absurda e criminoso agressão por parte dos EUA e OTAN contra a Iugoslávia, e agora contra um dos povos mais sacrificados e pobres do Universo, o Afeganistão. É contra o incondicional e absurdo apoio e abastecimento de dinheiro e armamentos ao terrorista estado de Israel, colaborando, desta forma, que o mesmo não cumpra as centenas de resoluções condenatórias votadas pela maioria de membros da ONU e nunca cumpridos, face aos VETOS do governo norte americano, e que motivaram os ataques aos dois prédios do Centro Mundial do Comércio, às 7:15h da manhã (hora local, quando a maioria dos nova-iorquinos ainda estava dormindo), e ao Pentágono, sede do seu poder militar, conforme opiniões de DOIS ex candidatos à presidência dos EUA: o político David Duke e o militar Robert Bowman.

Após a venda de sua firma, que durante os mais de 20 anos de existência, com centenas de operários e funcionários, não teve uma única questão trabalhista, Ellwanger, como pesquisador, colecionador e leitor de assuntos sobre a II GM, há muitos anos, e estranhar as versões sobre a mesma, resolveu examinar de perto o que realmente aconteceu. Após visitar diversos campos de concentração na Alemanha e Polônia, manter entrevistas com participantes de ambos os lados, estudar livros com depoimentos em vários idiomas, resolveu escrever o livro **"Holocausto Judeu ou Alemão? (Em forma de pergunta) Nos Bastidores da Mentira do Século "**; que imediatamente tornou-se um campeão de vendas, pois após um período de mais de 40 anos onde os brasileiros só tinham acesso à versão dos vencedores -uma autêntica lavagem cerebral - os fatos revelados no livro representavam uma completa novidade, pois revelava acontecimentos que a maioria dos brasileiros e até de outros países desconhecia totalmente. Em seguida foi editado em inglês, espanhol e em alemão.

Entre as centenas de revelações que desmascararam totalmente as versões que haviam sido espalhadas aos brasileiros, destacam-se as seguintes:

A Alemanha foi a grande vencedora das Olimpíadas de Berlim em 1936; Recebeu 89 medalhas, número igual ao conquistado pelos E.U.A, Inglaterra e França **em conjunto!** O grande atleta negro Jesse Owens não humilhou ninguém, e em toda sua vida não recebeu tantas homenagens e carinho como do povo alemão!

As declarações de guerra do judaísmo contra a Alemanha!

A vida na Polônia ocupada, de acordo com depoimento de repórter **brasileiro! A verdade sobre a "gloriosa"** retirada de Dunquerque!

O comportamento dos franceses frente à invasão aliada, após o "Dia D"!

A farsa de Pearl Harbor para levar os EUA à guerra!

O massacre de soldados alemães que se renderam em Dachau!

Impressionantes revelações e mentiras sobre campos de concentração;

Revelação pela 1ª vez de fotomontagens feitas para iludir os povos!

O senador Mc Carthy dos EUA fala sobre torturas contra alemães!

O processo Zündel no Canadá, importantes detalhes do julgamento; **Simon Wiesenthal** desmascarado!

Josef Mengele visto por pessoas que conviveram com o mesmo no Brasil!

Os campos de concentração aliados, após a guerra matavam alemães por fome!

Os julgamentos de Nuremberg, como realmente foram!

As posições das igrejas evangélica e católica na Alemanha!

O Holocausto Alemão! A destruição de Dresden! Qual o tempo necessário para cremar pessoas? Câmaras de gás - uma exclusividade dos EUA!

Anne Frank: um diário escrito c/ caneta esferográfica, que ainda não existia na época

Ellwanger também é o autor do livro **"Acabou o Gás... O Fim de um Mito"**, igualmente usando o sobrenome materno Castan, que contém o relatório do especialista norte-americano em câmaras de gás, Sr. Fred Leuchter Jr., que prova cientificamente a impossibilidade de terem existido câmaras de gás para execução de pessoas, nos campos de concentração de Auschwitz, Birkenau e Majdatiek!

É o autor do livro **" SOS para Alemanha "**; que pode ser considerado uma verdadeira continuação de sua primeira obra.

É o autor do livro **" A Implosão da Mentira do Século "**, contendo entre muitas pesquisas, o relatório polonês sobre as alegadas câmaras de gás de Auschwitz, que motivou a retirada dos mentirosos dizeres do monumento em Auschwitz que, durante muitas décadas, acusavam os alemães pelo assassinato de nada menos de 4 milhões de homens, mulheres e crianças inocentes.

É o autor do livro " **A verdade sobre o 'Diálogo' católico-judaico no Brasil** "; que mostra como os católicos, na sua boa fé(?), se deixam envolver.

Em função do sucesso da primeira obra, Ellwanger fundou a **Revisão Editora Ltda** , posteriormente transformada em **Revisão Editora e Livraria Ltda**, pois as livrarias foram pressionadas pelos sionistas, e/ou seus lacaios, para não adquirir nossas obras, fato que nos obrigou a vender os livros quase que exclusiva e diretamente aos leitores.

Em vista do elevado número de correspondência, consultas e trocas de informações com leitores, estudantes e professores, Ellwanger fundou, no dia 8/6/92, o **Centro Nacional de Pesquisas Históricas** , que tem como obrigação estatutária, entre outras, de denunciar falsificações e imposturas históricas, como o faccioso filme de **ficção** "A Lista de Schindler", que é exibido como verdade histórica em colégios e universidades, enganando nossa juventude com a convivência e passividade dos responsáveis pela educação em nosso país.

Ao contrário das acusações de nazista e racista, por parte dos sionistas e/ou seus lacaios, Ellwanger sempre esteve ligado aos movimentos considerados esquerdistas, por achar que a desigualdade social reinante no Brasil é insuportável. Foi filiado ao Partido Socialista Brasileiro, PSB, quando o mesmo era dirigido pelo Sr. Germano Bonow (pai); posteriormente filiou-se ao M.T.R. Movimento Trabalhista Renovador, de Fernando Ferrari, e por último ao P.D.T, de Leonel Brizola, que abandonou em 1992 por achar que na qualidade de presidente do CNPHistóricas não deveria estar filiado politicamente a nenhum partido. Como cidadão e eleitor, Ellwanger, tem votado sistematicamente, como a maioria dos gaúchos, nos candidatos do PT à Prefeitura de P.Alegre e para o governo do Estado, com os quais está satisfeito pelo árduo, mas excelente e honesto trabalho desenvolvido até hoje.

A MAIOR preocupação de Ellwanger, que diversas vezes recusou o convite de amigos para candidatar-se a cargos eleitorais, é o BRASIL, que ele considera estar cada dia mais confuso e cada vez menos brasileiro.

Veja artigos de S.E. Castan e compre os seus livros pela [Revisão Editora Ltda.](#)

www.dirlip.org

Por Acaso Seremos Todos Idiotas?

S. E. Castan

Quando acreditava que não tinha mais nada a denunciar sobre as fantasiosas e psicopáticas histórias de "sobreviventes" do alegado holocausto judeu -6 milhões de gaseados -chegou às minhas mãos um exemplar do Jornal da Tarde, de São Paulo, do dia 8 de dezembro de 1996, com a seguinte manchete:

Spielberg filma depoimento da "Anne Frank brasileira"

Após a leitura da matéria, na qualidade de Presidente do CNPH - Centro Nacional de Pesquisas Históricas, senti novamente a necessidade de apontar e comentar, pelo menos, alguns dos incríveis absurdos que essa senhora relatou ao repórter Túlio Tognolli. Levando em consideração o que consta nesta curta entrevista concedida ao repórter, pode-se imaginar o que a "Anne Frank brasileira (?)" deve ter contado, em duas horas e meia de gravação cinematográfica, a Steven Spielberg que, desde a farsa intitulada "A Lista de Schindler", está se lançando, com seus poderosíssimos associados Time-Warner, Rede NBC, gravadora MCA e Fundação Lew Wasserman, a gravar os depoimentos de 50 mil "sobreviventes", até o ano 2.000 -e 150 mil (!) nos próximos dez anos - apoiado pela igualmente poderosa Silicon Graphics que doou um pacote tecnológico envolvendo sistemas moderníssimos de hardware, ferramentas de software, mais suporte no valor de 1 milhão e 300 mil dólares, fora a ajuda de um milhão de dólares aportada pelos EUA. Como sempre, teremos muito trabalho (e diversão também), mas estaremos a postos, para denunciar os absurdos históricos que continuarão a aparecer, sempre no intuito de manter viva a lenda do "holocausto". Na verdade, Spielberg está nos fazendo um grande favor pois, com seu empenho, nos fornecerá mais 200 mil "depoimentos" tão disparatados, incongruentes, falsos e inverídicos como o presente, o que apressará, irremediavelmente, o fim do Dogma Sagrado. Mas isso é para depois. Vamos agora à análise da entrevista:

1) A "Anne Frank brasileira" alega que chegou a Auschwitz no dia 4 de junho de 1940, viajando

num trem de porcos, onde também se encontrava seu futuro marido. Ela teria 14 anos. Da cidade de Senta, na Iugoslávia, teria sido conduzida -igualmente num trem de porcos -para a Hungria, antes de ser despachada para Auschwitz. Logo que chegaram teriam sido selecionadas "para esquerda e para direita". Sua mãe tentou escondê-la no seu casaco para não ser separada, mas um soldado tirou-a da mãe, que foi conduzida para o crematório, com duas sobrinhas de 4 e 6 anos. "Anne" alega ter sido testemunha ocular do assassinato de sua mãe num crematório...

Esclarecimento: as duas viagens de "Anne" em trens de porcos são totalmente inéditas. Não encontramos uma única referência a esse tipo de trens na vasta literatura exterminacionista existente. Falam sempre em "vagões de gado".

Sua chegada a Auschwitz no dia 4 de junho de 1940 não confere com a realidade histórica: de acordo com o livro "Auschwitz", publicação oficial vendida no próprio campo nos dias de hoje, somente em 27 de abril daquele ano foi autorizada a construção do campo de concentração de Auschwitz e, conforme consta na página 13 desse livro oficial, somente no dia 14 de junho de 1940 chegaram os primeiros prisioneiros-operários para ajudar na construção do complexo: eram 728 presidiários poloneses. E todos homens.

Também é conflitante sua afirmação de ter sido "selecionada" naquela data pois as primeiras seleções "para a vida ou para a morte", conforme os fantasiosos relatos de famosos "sobreviventes" e "historiadores" exterminacionistas, teriam acontecido nas rampas de desembarque de Birkenau, e não em Auschwitz, e muito menos, no dia 4 de junho de 1940, mas -pasmem -em 1943, ou seja três anos após a chegada de "Anne".

É totalmente impossível ela ter sido "testemunha ocular" do "gaseamento" de sua mãe, pois, sempre de acordo com o livro oficial do campo, à página 28, somente no dia 3 de setembro de 1941 teria sido feita a primeira experiência de gaseamento de prisioneiros, uma informação -como a quase totalidade de tudo que se afirma sobre o assunto -sem base documental. De qualquer forma, teria sido um ano e três meses após a data indicada pela nossa "Anne".

2) A "Anne Frank brasileira" relata que "Bebíamos água preta para nos esquentarmos. O pão que nos davam não dava pra morder, parecia um tijolo". Conta também que em Auschwitz existiam 30 blocos, cada um comportando de mil a 30 mil pessoas e que cada um era dividido com arame farpado eletrificado. Fala em oito crematórios "que estavam sempre em chamas". Ela dormia numa mesma cama com doze outras mulheres: era tão apertado que, à noite, tinham que combinar a hora que deviam acordar para virar-se para o outro lado; "Era uma lata de sardinhas".

Esclarecimento: Com água preta e pão duro como tijolo que não dava nem pra morder, ela não teria agüentado tantos anos. O faccioso livro oficial citado informa que as refeições tinham um mínimo de 1.300 calorias para quem fazia trabalho leve e 1.700 para quem trabalhava pesado. Em Auschwitz realmente existem 30 excelentes prédios, incluindo a cozinha-refeitório. É totalmente falsa a versão de "Anne" de que cada bloco ou prédio fosse dividido com arame farpado eletrificado. Somente a totalidade do conjunto, com amplas avenidas, era cercado por cercas duplas eletrificadas separadas entre si e possuía torres com guardas. As demais edificações internas, onde se fabricavam móveis, roupas, etc. não possuíam nenhuma cerca. Para evitar fugas -que realmente aconteciam -os internos recebiam uma tatuagem com número de identificação no braço, para uma fácil e rápida identificação quando capturados. A informação de que Auschwitz possuía de 30 mil a 900 mil (!) internos, identifica claramente que esta "sobrevivente" nunca esteve em Auschwitz, nunca esteve num estádio de futebol com 30 mil pessoas, não conhece uma cidade de 900 mil habitantes, acredita que somos todos idiotas ou, talvez, necessite de um tratamento psiquiátrico (não é à-toa que, conforme a reportagem, suas "memórias" foram encaminhadas à Editora Perspectiva por uma psicanalista): todas as pesquisas -até dos círculos exterminacionistas -indicam uma população carcerária média de 12 mil pessoas. Os oito crematórios existiram somente na sua fantasiosa imaginação: em Auschwitz existiu apenas UM crematório -não câmara de gás -para incineração dos mortos e que começou a operar -segundo o livro oficial -em novembro de 1941, portanto, um ano e cinco meses após a sua pretensa chegada e funcionou até fins de maio de 1943, quando foi transformado em abrigo antiaéreo.

De Spielberg, após sua "Lista", pode-se esperar qualquer absurdo: o que me admira é o Jornal da Tarde publicar e dar cobertura às fantasiosas desta, agora, "Anne Frank brasileira" ! Ou fará também parte da imprensa a cabresto e é conivente na tentativa de idiotização do povo brasileiro? Imagine-se treze mulheres numa cama individual -que podem ser vistas em Auschwitz até hoje, a mulher de baixo agüentaria o peso das outras doze? Ao invés de combinarem a hora de trocarem de lado, teria sido melhor trocarem de posição, dando uma chance para a de baixo, caso ainda estivesse viva...

3) A "Anne Frank brasileira" teve a sorte de ser escolhida para trabalhar na cozinha. Mas precisava roubar comida para manter-se viva: "Para mim era a maior delícia, um verdadeiro banquete quando conseguia roubar um punhado de cascas de batatas". Esclarecimento: de acordo com os outros depoimentos pesquisados, todos afirmam que gostavam de trabalhar na cozinha, onde podiam comer

à vontade, e em trabalho relativamente fácil. Nossa "Anne", porém, por motivos totalmente inexplicados, tinha que roubar comida para manter-se viva... sendo um delírio quando conseguia algumas cascas de batatas. Ainda bem que não eram cascas de batatas podres, conforme depoimento idêntico (padrão?) dado em programa televisivo pela esposa de Ben Abraham, outro "sobrevivente" famoso que age no Brasil...

4) "Anne Frank brasileira": "E quando éramos pegas roubando comida vinha o castigo dos nazistas: nós, adolescentes, tínhamos de ficar olhando fixamente, sob a mira das armas dos nazistas, como funcionavam os fornos de extermínio (uma nova categoria de máquina letal, apresentada em primeira mão naquela reportagem). Tínhamos de ficar olhando, sem desviar os olhos, os caminhões (plural) cheios de crianças chorando, crianças que eram levadas para as câmaras de gás".

Esclarecimento: Muito estranha esta forma encontrada pelos nazistas para castigar jovens ladras... E esta afirmação de que eram obrigadas a ficar olhando fixamente o funcionamento dos fornos de extermínio é inédita. Repita-se que os fornos crematórios destinavam-se a incinerar pessoas já mortas. Explica-se, no entanto, o problema com nossa "Anne": quando os especialistas em "holocausto" preparam as turmas de futuras "testemunhas oculares" e "sobreviventes" que percorrerão o mundo contando suas histórias decoradas, esquecem ou não dão muita importância aos detalhes - basicamente porque sabem que a emoção das platéias sobrepuja sempre a razão - permitindo assim que um observador mais atento questione estes detalhes e ponha em xeque a credibilidade do "sobrevivente". Veremos mais adiante -na parte referente ao conhecimento do campo, especificamente a respeito das cercas eletrificadas -como esta testemunha jamais esteve em Auschwitz. Quanto à afirmação de que eram obrigadas a olhar os caminhões, cheios de crianças chorando sendo levadas para as "câmaras de gás", seria simplesmente hilariante, caso nos abstraíssemos do trágico que é toda essa farsa. Conforme o especialista em câmaras de gás norte-americanas, Fred Leuchter Jr., a comissão oficial de pesquisa polonesa e outros pesquisadores abalizados, nunca existiu uma única câmara de gás para execução de pessoas em Auschwitz. O que existiu foram instalações para desinfecção e despiolhamento de roupas e utensílios, pequenas demais para alojar pessoas e que podem ser vistas por pesquisadores até os dias de hoje. Quanto aos turistas, por motivos óbvios, não tem acesso a esses locais: são levados ao crematório, apresentado como sendo uma câmara de gás.

5) "Anne Frank brasileira": "Eu costumava, em Auschwitz, colocar as minhas mãos entre o arame farpado e eletrificado, para trocar coisas com os moradores que viviam nas imediações do campo de concentração".

Esclarecimento: Nem mesmo um especialista se arriscaria a colocar as mãos através de arames eletrificados com uma energia mortal de 2.200 volts e com uma distância de aproximadamente 10 centímetros entre cada fio. Também seria impossível ela não ser vista pelos guardas nas torres de observação. Porém, o mais importante nessa alucinação de nossa "Anne", que com essa observação demonstrou mais uma vez não conhecer Auschwitz, é que supondo que ninguém a observasse -nem às pessoas do lado de fora que participassem das trocas -então, além da coragem e sangue frio extraordinários, nossa "Anne" teria que ter um braço com mais de dois metros de comprimento pois, o campo era totalmente cercado com cerca eletrificada dupla, com uma distância de mais de dois metros entre cada uma, tornando humanamente impossível qualquer contato!

6) Nossa "Anne Frank brasileira" apesar de costumeiramente roubar mantimentos, um dia foi punida pelos nazistas por roubo que não fez. Uma injustiça. E desta vez os nazistas realmente exageraram: iam leva-la diretamente para a "câmara de gás", porém um oficial resolveu poupa-la (!?). Então obrigaram-na a ajoelhar-se, em público, sobre pedregulhos "e, com as duas mãos para cima, olhando para frente, tive de ficar segurando, por cinco horas, uma pedra de dez quilos (sic). Depois disso fiquei tão machucada que não conseguia andar. Demorou dez dias para que eu voltasse a caminhar".

Esclarecimento: Aos interessados, sugiro uma pedra de dez quilos acima da cabeça durante cinco minutos. O candidato fica dispensado de ajoelhar-se sobre pedregulhos.

Esclarecimento Final

Qual a relação do diário da "nossa Anne" com o tornado mundialmente famoso "Diário de Anne Frank"?

Apenas o fato de que teriam sido escritos por adolescentes.

O primeiro, o supostamente redigido por Anne Frank, teria sido escrito entre os 13 e 14 anos da menina. Apenas parte daquele diário foi mostrada a especialistas, que concluíram que vários trechos do mesmo -principalmente opiniões, comentários e observações sobre a guerra -não são típicos de jovens dessa idade, assim como o tipo de letra, caracteristicamente de uma pessoa adulta. Também há trechos em estilo infantil, totalmente diferentes entre si. Sabe-se que o "diário" sofreu várias manipulações por parte de terceiros, provavelmente seu pai, havendo o agravante de parte dele ter sido escrito com caneta esferográfica, sistema de escrita inventado anos após a morte da menina. Mas

a maior prova da falsidade dos mesmos é o fato da totalidade dos originais jamais ter sido colocada à disposição para uma peritagem séria. A própria "descoberta" do diário tem várias versões, todas conflitantes e contraditórias. A primeira, afirma que após ter prendido a família e revirado todo o aposento, a Gestapo não teria encontrado o diário que, afirma-se, seria bastante volumoso e com capa dura. Por sorte, uma vizinha, que entrou na casa logo após a saída da polícia, o encontrou e guardou.

A segunda versão diz que o pai de Anne, com muito mais sorte, o teria encontrado -sem saber que a vizinha também o tinha achado e recolhido -muito tempo depois, ao revistar a casa após ser libertado do campo de concentração.

A terceira versão afirma que o primeiro diário não estava completo e que -agora sim -estamos frente ao autêntico, ampliado com textos picantes sobre a vida sexual da menina, que teriam sido suprimidos anteriormente. Também as versões em vários idiomas não combinam entre si, havendo discrepâncias, acréscimos e subtrações, conforme o caso.

Todos esses fatos, somados a inúmeros mais -como impossibilidades psicológicas, culturais, sociais, históricas, temporais, de situação, de verossimilhança, de lógica, de espaço, etc. -não dão a mínima credibilidade ao "Diário de Anne Frank".

Quanto ao "diário" da Sra. Livia Jaffe -a "Anne Frank brasileira" -que hoje está com 70 anos, só pode ter sido escrito muito tempo depois da guerra (apesar de ser apresentado como documento da época, com separações por dias, como se fossem assentamentos feitos in loco). Também pode-se indagar como, no meio de todos aqueles tormentos relatados, ela achava ainda tempo e condições de escrever -e conservar para a posteridade -um diário. O fato é que seus escritos, pela mistura de fatos, datas e situações inverossímeis e não vivenciadas, demonstram que sofreu influência de informações falsas relatadas por outros autores judeus e modificadas por sua imaginação.

Muitas pessoas, ao longo dos anos, têm me perguntado por que "perco meu tempo" denunciando e me envolvendo com um assunto tão escabroso, denúncias que poderiam -astuta e maldosamente -ser interpretadas como racismo, anti-semitismo ou nazismo. Respondo simplesmente: alguém tem que fazer alguma coisa; alguém tem que questionar esta avalanche absurda e interminável de falsidades e aberrações doentias da verdade histórica; alguém tem que se antepor ao trabalho de idiotização do povo perpetrado por uma poderosa minoria que se julga dona da verdade e do mundo. Não quero que meus netos se criem nesta atmosfera de falsidades e distorção, onde mentirosos são transformados em vítimas e heróis, numa completa inversão da realidade e de valores. Agindo assim, faço com que eles percebam a tristeza e a fealdade de pessoas que agem e vivem, uma existência inteira, na baixa e degeneração, não acrescentando nada de grande e positivo à humanidade. Agindo assim, tenho a certeza, crescerão retos e sadios, abominando a falsidade, atingindo a maturidade podendo olhar seus semelhantes de frente e de cabeça erguida.

Boletim-EP / Esclarecimento ao País Nº 17
www.dirlip.org

Auschwitz: Mitos e Factos

Mark Weber

" Quase toda a gente já ouviu falar de Auschwitz, o campo de concentração alemão onde muitos prisioneiros – a maioria judeus – foram supostamente exterminados, especialmente em câmaras de gás. Auschwitz é considerado o mais terrível dos centros de extermínio. A horrífica história do campo, não se coaduna, no entanto, com os factos. Estudiosos desafiam a história do Holocausto. Por mais surpreendente que possa parecer, cada vez mais historiadores e engenheiros têm desafiado a amplamente aceite história de Auschwitz. Estes historiadores "revisionistas" não contestam o facto de que grandes quantidades de judeus foram deportados para este campo, ou que muitos morreram ali, principalmente de tifo e outras doenças. Mas as convincentes provas que eles apresentam demonstram que Auschwitz não era um centro de extermínio e que a história de mortes em massa em "câmaras de gás" é um mito.

Os campos de Auschwitz

O campo de Auschwitz foi criado em 1940 no que agora é a região Sul-Central da Polónia. Muitos judeus foram deportados para aí entre 1942 e meados de 1944. O campo principal era conhecido como Auschwitz I. Birkenau, or Auschwitz II era, supostamente, o principal centro de extermínio, e Monowitz, ou Auschwitz III, era um grande centro industrial onde gasolina era produzida a partir de carvão. Para além destes havia ainda muitos campos satélite mais pequenos dedicados à economia de guerra.

Quatros milhões de vítimas?

No pós-guerra, no tribunal de Nuremberga, os Aliados acusaram os Alemães de terem exterminado quatro milhões de pessoas em Auschwitz. Este número, que foi inventado pelos Soviéticos, foi aceite por muitos anos. Apareceu muitas vezes em grandes jornais Americanos e revistas, por exemplo. (nota 1) Hoje em dia, nenhum historiador de reputação, nem mesmo os que aceitam a história do extermínio, acreditam neste número. O historiador israelita do Holocausto, Yehuda Bauer, disse em 1989 que é tempo de finalmente reconhecer que o número de quatro milhões é um mito. Em Julho de 1990 o Auschwitz State Museum na Polónia, juntamente com Yad Vashem Holocaust Center israelita, subitamente anunciaram que no total, talvez, um milhão de pessoas (judeus e não-judeus) morreram aqui. Nenhuma das instituições disse quantas destas pessoas foram mortas, nem apresentaram quaisquer estimativas sobre o número de pessoas supostamente gaseadas. (nota 2) Um proeminente historiador do Holocausto, Gerald Reitlinger, estimou que talvez 700,000 Judeus morreram em Auschwitz. Mais recentemente, o historiador do Holocausto, Jean-Claude Pressac estimou que cerca de 800,000 pessoas – das quais 630,000 eram Judeus – morreram em Auschwitz. Mesmo sendo estes números mais baixos incorrectos, eles mostram como a história de Auschwitz mudou drasticamente ao longo dos anos. (nota 3)

Contos bizarros

Em certa altura foi seriamente afirmado que os Judeus eram sistematicamente electrocutados em Auschwitz. Jornais Americanos, citando uma testemunha ocular soviética a partir do campo libertado de Auschwitz, disseram aos leitores em Fevereiro de 1945 que os metódicos alemães haviam matado Judeus usando um “electric conveyor belt [a tradução mais correcta será: um cinto condutor de electricidade] no qual centenas de pessoas podiam ser electrocutadas simultaneamente [e] depois levadas para fornaças. Eram queimadas quase instantaneamente, produzindo fertilizantes para os campos de couves circundantes.” (nota 4) E no Tribunal de Nuremberga, o Procurador Americano, Robert Jackson acusou os Alemães de terem usado um dispositivo “recentemente inventado” para “vaporizar” 20,000 Judeus perto de Auschwitz, “de tal maneira que não havia rasto deles.” (nota 5) Nenhum historiador respeitado aceita nenhuma destas histórias fantasiosas.

A ‘confissão’ de Höss

Um documento fundamental do Holocausto é a “confissão” do antigo comandante de Auschwitz – Rudolf Höss, de 5 de Abril de 1946, a qual foi entregue pelo procurador americano no tribunal de Nuremberga. (nota 6) Apesar de ainda ser amplamente aceite como uma prova sólida da história de extermínio em Auschwitz, é na verdade uma falsa declaração obtida por tortura. Muitos anos após a guerra, o sargento Bernard Clarke dos serviços de informação militar Britânicos, descreveu o modo como ele e outros cinco soldados Britânicos haviam torturado o antigo comandante para obter a sua “confissão”. O próprio Höss explicou o seu sofrimento nestas palavras: “É claro, eu assinei um declaração a dizer que matei dois milhões e meio de Judeus. Podia muito bem ter dito que eram cinco milhões. Existem certos métodos pelos quais qualquer confissão pode ser obtida, quer seja verdadeira ou falsa.” (nota 7) Até mesmo historiadores que aceitam a história de extermínio do Holocausto, agora reconhecem que muitas das declarações feitas no “testemunho” de Höss simplesmente não são verdade. Nenhum estudioso sério alega que dois milhões e meio, ou três milhões de pessoas morreram em Auschwitz. O “depoimento ajuramentado” de Höss alega que os Judeus eram já exterminados com gás no Verão de 1941 em outros três campos: Belzec, Treblinka e Wolzek. O campo de “Wolzek” mencionado por Höss é uma invenção total. Tal campo nunca existiu, e o nome já nem é mencionado em literatura do Holocausto. Aliás, a história hoje em dia, por aqueles que acreditam na lenda do Holocausto, é que os gazeamentos só começaram em Auschwitz, Treblinka, ou Belzec em 1942.

Sem provas documentais

Muitos milhares de documentos secretos Alemães relacionados com Auschwitz foram confiscados após o fim da guerra pelos Aliados. Nem um único se refere a uma política ou programa de extermínio. De facto, a história do extermínio não se coaduna com as provas documentais.

Muitos prisioneiros Judeus incapazes de trabalhar

Por exemplo, é muitas vezes dito que em Auschwitz, os Judeus que fossem incapazes de trabalhar eram imediatamente mortos. Judeus que eram muito velhos, jovens, doentes ou fracos, eram supostamente gaseados quando chegavam ao campo, e só aqueles capazes de trabalhar até à morte eram mantidos vivos temporariamente. Mas as provas mostram que, de facto, uma alta percentagem de prisioneiros judeus não eram capazes de trabalhar e não eram mortos. Por exemplo, um telex interno Alemão datado de 4 de Setembro de 1943, do Labor Allocation department of the SS Economic and Administrative Main Office (WVHA), refere que de 25,000 prisioneiros judeus em Auschwitz, apenas 3,581 eram aptos para o trabalho, e que os restantes – cerca de 21,500, 86% - eram incapazes de trabalhar. (nota 8) Isto é também confirmado num relatório secreto datado de 5 de Abril de 1944, sobre “medidas de segurança em Auschwitz”, de Oswald Pohl, chefe do Sistema de Campos de Concentração das SS, para o chefe das SS Heinrich Himmler. Pohl relatou que havia um total de 67,000 prisioneiros em todo o complexo de Auschwitz, dos quais 18,000 estavam hospitalizados ou incapacitados. No campo de Auschwitz II (Birkenau), supostamente o principal campo de extermínio, havia 36,000 presos, maioritariamente mulheres, das quais “aproximadamente 15,000 eram incapazes de trabalhar.” (nota 9) Estes dois documentos não podem ser conciliados com a história de extermínio em Auschwitz. As provas mostram que Auschwitz-Birkenau foi estabelecido principalmente como um campo para Judeus incapazes de trabalhar, incluindo doentes e velhos, bem como para aqueles que esperavam ser transferidos para outros campos. Essa é a opinião do Dr. Arthur Butz da Northwestern University, que também diz que essa é a razão para a invulgar alta taxa de mortalidade nesse campo. (nota 10) O professor de história da Princeton University, Arno Mayer, que é Judeu, reconhece num livro recente sobre a “solução final” que morreram mais judeus em Auschwitz como consequência de tifo ou outras causas “naturais” do que os que foram executados. (nota 11)

Anne Frank

Talvez a mais conhecida prisioneira de Auschwitz seja Anne Frank, que é conhecida por todo o mundo pelo seu famoso diário. Mas poucas pessoas sabem que milhares de Judeus, incluindo Anne e o seu pai, Otto Frank, “sobreviveram” a Auschwitz. A rapariguinha de 15 anos e o seu pai foram deportados da Holanda para Auschwitz em Setembro de 1944. Várias semanas mais tarde, em face do avanço do exército soviético, Anne foi evacuada juntamente com muitos outros Judeus para o campo de Bergen-Belsen, onde morreu de tifo em Março de 1945. O seu pai adoeceu com tifo em Auschwitz e foi enviado para o hospital do campo para recuperar. Ele era um dos milhares de doentes e fracos Judeus que foram deixados para trás quando os Alemães abandonaram o campo em Janeiro de 1945, pouco antes deste ter sido ocupado pelos Soviéticos. Ele morreu na Suíça em 1980. Se a política alemã tivesse sido a de matar Anne Frank e o seu pai, eles não teriam sobrevivido a Auschwitz. O seu destino, apesar de trágico, não se enquadra com a história do extermínio.

Propaganda Aliada

A história dos gazeamentos em Auschwitz é baseada em grande parte em boatos de antigos prisioneiros Judeus que não viram pessoalmente qualquer prova do extermínio. As suas crenças são compreensíveis, porque os rumores sobre os gazeamentos em Auschwitz eram generalizados. Aviões Aliados largaram grande número de panfletos, escritos em Polaco e Alemão, em Auschwitz e nas áreas circundantes que diziam que pessoas estavam a ser gaseadas no campo. A história dos gazeamentos em Auschwitz, que foi uma parte importante da propaganda Aliada durante a guerra, era também transmitida para a Europa por estações de rádio. (nota 12)

Testemunho de sobreviventes

Antigos detidos confirmaram que não viram qualquer prova do extermínio em Auschwitz. Uma mulher austríaca, Maria Vanherwaarden, testemunhou sobre as suas experiências no campo num Tribunal Distrital de Toronto (Toronto District Court) em Março de 1998. Ela foi presa em Auschwitz-Birkenau em 1942 por ter relações sexuais com um trabalhador forçado (forced laborer) polaco. Na viagem de comboio para o campo, uma mulher cigana disse-lhe a ela e aos outros que eles seriam gaseados em Auschwitz. À chegada, foi ordenado a Maria e às outras mulheres que se despiassem e fossem para dentro de uma grande sala de betão sem janelas, para tomar um duche. As mulheres aterrorizadas estavam certas de que estavam prestes a morrer. Mas, em vez de gás, saiu água dos chuveiros. Auschwitz não era nenhum centro de férias, confirmou Maria. Ela assistiu à morte de muitos colegas prisioneiros por doença, particularmente tifo, e alguns cometeram suicídio. Mas ela não viu qualquer prova de assassinios em massa, gazeamentos ou qualquer outro programa de extermínio. (nota 13) Uma mulher judia chamada Marika Frank chegou a Auschwitz-Birkenau vinda da Hungria em Julho 1944, quando 25,000 Judeus eram, alegadamente, gaseados e cremados diariamente. Ela igualmente testemunhou a seguir à guerra que não ouviu ou viu nenhuma “câmara de

gás” durante o tempo em que lá esteve. Ela ouviu as histórias dos gazeamentos apenas mais tarde. (nota 14)

Prisioneiros libertados

Os detidos em Auschwitz que tinham cumprido as suas sentenças eram libertados para os seus países de origem. Se Auschwitz fosse realmente um campo ultra secreto (top secret) de extermínio, os Alemães não teriam certamente libertado esses detidos que “sabiam” o que se passava no campo. (nota 15)

Himmler ordena diminuição na taxa de mortalidade

Em resposta às mortes de muitos prisioneiros devido a doença, especialmente tifo, as autoridades Alemãs responsáveis pelos campos ordenaram firmes contra-medidas. O chefe do escritório SS para administração dos campos (SS camp administration office) mandou uma directriz datada de 28 de Dezembro de 1942 para Auschwitz e outros campos de concentração. Criticava duramente (sharply) as altas taxas de mortalidade dos prisioneiros devido a doenças, e ordenada que “os médicos dos campos têm de usar todos os meios à sua disposição para reduzirem significativamente a taxa de mortalidade nos vários campos.” Ordenava ainda: *Os médicos têm de supervisionar mais frequentemente do que no passado a nutrição dos prisioneiros e, em cooperação com a administração, submeter recomendações de melhorias aos comandantes dos campos ... Os médicos devem fazer por que as condições dos vários locais de trabalho sejam melhoradas tanto quanto possível.* Finalmente a directriz reforçava que “o Reichsfhrer SS [Heinrich Himmler] ordenou que a taxa de mortalidade tem absolutamente de ser reduzida.” (nota 16)

Regras dos campos Alemães

Os regulamentos oficiais dos campos Alemães tornam claro que Auschwitz não era um centro de extermínio. Eles ordenavam: (nota 17) - *Às novas chegadas ao campo deveria ser feito um minucioso exame médico, e se houvesse qualquer dúvida [sobre a sua saúde], eles têm de ser mandados para quarentena para observação.* - *Prisioneiros que informem estar doentes têm de ser examinados no mesmo dia pelo médico do campo. Se necessário, o médico tem de transferi-los para um hospital para tratamento profissional.* - *O médico do campo tem de regularmente inspeccionar a cozinha tendo em conta a preparação da comida e a qualidade do fornecimento de comida. Quaisquer deficiências que possam surgir têm de ser relatadas ao comandante do campo.* - *Deve ser dada atenção especial no tratamento de acidentes, de modo a não prejudicar a produtividade dos prisioneiros.* - *Os prisioneiros antes de serem soltos ou transferidos têm primeiro de passar no médico do campo para exame médico.*

Fotos aéreas

Fotos de reconhecimento aéreo detalhadas tiradas de Auschwitz-Birkenau em vários dias ao acaso em 1944 (durante o pico do alegado período de extermínio) foram tornadas públicas em 1979 pela CIA. Estas fotos não mostram qualquer vestígio de pilhas de cadáveres, chaminés fumegantes de fornos crematórios ou Judeus esperando a morte, coisas que têm sido repetidamente alegadas, e que teriam sido claramente visíveis se Auschwitz tivesse sido o centro de extermínio que tem sido dito que foi. (nota 18)

Cremações absurdas

Especialistas em cremação confirmaram que milhares de cadáveres não poderiam ter sido cremados todos os dias durante a Primavera e Verão de 1944 em Auschwitz, como é comumente alegado. Por exemplo, Mr. Ivan Lagace, director (manager) de um grande crematório em Calgary, Canadá, testemunhou em tribunal em Abril de 1988 que a história das cremações em Auschwitz é tecnicamente impossível. A acusação de que 10,000 ou mesmo 20,000 cadáveres eram queimados diariamente em Auschwitz no Verão de 1944 em crematórios e em valas abertas é simplesmente “absurda” e “para além do domínio da realidade” declarou ele sob juramento. (nota 19)

Peritos em gazeamentos refutam a história de extermínio

O mais proeminente perito Americano em câmaras de gás, o engenheiro de Bóston Fred A. Leuchter, examinou cuidadosamente as supostas “câmaras de gás” na Polónia e concluiu que as histórias de gazeamentos em Auschwitz eram absurdas e tecnicamente impossíveis. Leuchter é o maior especialista no design e instalação de câmaras de gás usadas nos EUA para executar criminosos condenados. Por exemplo, ele projectou uma câmara para a Missouri state penitentiary. Em Fevereiro de 1988 ele levou a cabo um detalhado exame, no local, às “câmaras de gás” em Auschwitz, Birkenau e Majdanek na Polónia, que ainda estão em pé ou apenas parcialmente em ruínas. Em

testemunho ajuramentado num tribunal de Toronto e num relatório técnico, Leuchter descreveu todos os aspectos da sua investigação. Ele concluiu que as alegadas instalações para gaseamento não poderiam ter sido utilizadas para matar pessoas. Entre outras coisas, ele sublinhou que as alegadas “câmaras de gás” não eram devidamente seladas ou ventiladas para matar seres humanos sem matarem também os funcionários Alemães do campo. (nota 20) O Dr. William B. Lindsey, um pesquisador químico empregado durante 33 anos pela Dupont Corporation, testemunhou igualmente em tribunal, em 1985, que a história dos gaseamentos em Auschwitz é tecnicamente impossível. Baseado num cuidadoso exame ao local das “câmara de gás” em Auschwitz, Birkenau e Majdanek, e nos seus anos de experiência, ele declarou: “Cheguei à conclusão de que ninguém foi propositadamente morto com Zyklon B [hydrocyanic acid gas] dessa maneira. Considero-o absolutamente impossível.” (nota 21)

Notas

- 1-Nuremberg document 008-USSR. IMT blue series, Vol. 39, pp. 241, 261.; NC and A red series, vol. 1, p. 35.; C.L. Sulzberger, "Oswiecim Killings Placed at 4,000,000," *New York Times*, May 8, 1945, and, *New York Times*, Jan. 31, 1986, p. A4.
- 2-Y. Bauer, "Fighting the Distortions," *Jerusalem Post* (Israel), Sept. 22, 1989; "Auschwitz Deaths Reduced to a Million," *Daily Telegraph* (London), July 17, 1990; " Poland Reduces Auschwitz Death Toll Estimate to 1 Million," *The Washington Times*, July 17, 1990.
- 3-G. Reitlinger, *The Final Solution* (1971); J.-C. Pressac, *Les Crématoires d'Auschwitz: La Machinerie du meurtre de masse* (Paris: CNRS, 1993). On Pressac's estimates, see: *L'Express* (France), Sept. 30, 1993, p. 33.
- 4-*Washington (DC) Daily News*, Feb. 2, 1945, pp. 2, 35. (United Press dispatch from Moscow).
- 5-IMT blue series, Vol. 16, p. 529-530. (June 21, 1946).
- 6-Nuremberg document 3868-PS (USA-819). IMT blue series, Vol. 33, pp. 275-279.
- 7-Rupert Butler, *Legions of Death* (England: 1983), pp. 235; R. Faurisson, *The Journal of Historical Review*, Winter 1986-87, pp. 389-403.
- 8-Archives of the Jewish Historical Institute of Warsaw, German document No. 128, in: H. Eschwege, ed., *Kennzeichen J* (East Berlin: 1966), p. 264.
- 9-Nuremberg document NO-021. NMT green series, Vol. 5. pp. 384-385.
- 10-Arthur Butz, *The Hoax of the Twentieth Century* (Costa Mesa, Calif.), p. 124.
- 11-Arno Mayer, *Why Did the Heavens Not Darken?: The 'Final Solution' in History* (Pantheon, 1989), p. 365.
- 12-Nuremberg document NI-11696. NMT green series, Vol. 8, p. 606.
- 13-Testimony in Toronto District Court, March 28, 1988. *Toronto Star*, March 29, 1988, p. A2.
- 14-Sylvia Rothchild, ed., *Voices from the Holocaust* (New York: 1981), pp. 188-191.
- 15-Walter Laqueur, *The Terrible Secret* (Boston: 1981), p. 169.
- 16-Nuremberg document PS-2171, Annex 2. NC&A red series, Vol. 4, pp. 833-834.
- 17-"Rules and Regulations for the Concentration Camps." Anthology, *Inhuman Medicine*, Vol. 1, Part 1 (Warsaw: International Auschwitz Committee, 1970), pp. 149-151.; S. Paskuly, ed., *Death Dealer: the Memoirs of the SS Kommandant at Auschwitz* (Buffalo: 1992), pp. 216-217.
- 18-Dino A. Brugioni and Robert C. Poirier, *The Holocaust Revisited* (Washington, DC: Central Intelligence Agency, 1979).
- 19-*Canadian Jewish News* (Toronto), April 14, 1988, p. 6.
- 20-*The Leuchter Report: An Engineering Report on the Alleged Execution Gas Chambers at Auschwitz, Birkenau and Majdanek* (Toronto: 1988). Available for \$17.00, postpaid, from the IHR.
- 21-*The Globe and Mail* (Toronto), Feb. 12, 1985, p. M3.

A Koluna Kula - Exactidão Em Acção

Robert Countess

Análise de uma “peça central” dentre as provas materiais para o alegado homicídio nas câmaras de gás em Auschwitz-Birkenau: a coluna de metal segundo Michal Kula, com malha tripla para indução de cianidro.

Notas introdutórias

“Mostre-me ou desenhe para mim uma câmara de gás dos nazistas” tem sido uma solicitação

freqüente do Professor universitário, o francês Dr. Robert Faurisson, colocada desta ou de outra forma desde 23 de março de 1974, quando ele enviou uma carta para o *Centre de documentation juive contemporaine* em Paris.

Nesta carta, ele perguntou se as câmaras de gás de Hitler eram um mito ou uma realidade [1]. Eu ouvi seu pronunciamento sobre esse assunto e ele disse que uma maravilhosa e cooperativa mulher francesa, a qual trouxera-lhe livros de uma coleção e que estes mostravam fotos de cabelo, sapatos, óculos e dentes. Faurisson calmamente pressionou-a por fotos das “câmaras (homicidas) de gás hitlerianas”. Ela finalmente admitiu que não poderia reproduzir qualquer uma.

O zelo de Faurisson em estudar a literatura disponível juntamente com os documentos originais de Auschwitz, mais sua própria visita ao local, produziu por muito tempo numerosas reações por parte da mídia francesa e de escritores da estória do holocausto judeu, de juristas, policiais, e acadêmicos, reações estas que quase sem exceção *ad hominem* atacaram-no, até acusando-o de tentar reabilitar Hitler e o nazismo devido sua audácia em proferir tais perguntas. Estes “Negacionistas” – como eu devo referir-me a eles, pois eles têm sido tão negativamente contrários a uma investigação científica internacional – insistem que o Tribunal de Nürnberg estabeleceu claramente a realidade das técnicas de homicídio por gaseamento e que outras cortes judiciais declaram-nas como existentes com base na “Judicial Notice” [2].

É claro que Faurisson está predisposto a aceitar uma nota judicial para o resultado científico que a água congela a 32° Fahrenheit, mas ele não está ainda, ou em seu merecido feliz 75° aniversário em 25 de janeiro de 2004, predisposto a aceitar que as câmaras de gás hitlerianas existiram de fato, a menos que cientificamente estabelecidas por investigação forense por uma equipe de físicos.

O caso de Auschwitz por Van Pelt

Ao curso de muitos anos, quando os historiadores da estória do holocausto judeu escolheram ignorar Faurisson, um escritor, um especialista com doutorado em História das Idéias, o qual se faz passar como um “Professor de Arquitetura” – um judeu holandês chamado Robert Jan van Pelt – finalmente achou que as demandas de Faurisson tinham de ser confrontadas.

Dr. Van Pelt fez a evidência material para confrontar Faurisson, apresentando um mortuário subterrâneo com desenhos axiométricos, desenhos bem precisos e impressionantes daquele, incluindo uma coluna de malha tripla de metal para inserção do veneno Zyklon B [3]. Oito destas são alegadas de terem sido construídas – com quatro em cada Leichenkeller (mortuário) dos Kremas (crematórios) II e III de Birkenau – e alegadas de terem sido construídas por um interno polonês católico-romano chamado Michal Kula com a designada intenção de assassinar seres humanos. O cristão Kula tornou-se então um cúmplice de assassinato.

A apresentação da **Koluna Kula** (eu preferi escrever coluna com “K” para uma ênfase literária) não é, contudo, uma foto ou um desenho original da construção, mas sim uma reconstrução “axiométrica”, segundo o testemunho de Kula, desenhado por Marc Downing na página 194 e por Scott Barker na página 208. E me permitindo ainda, eles são desenhos muito impressionantes.

Desta forma, eles são uma resposta positiva às requisições de Faurisson por uma foto ou um desenho das câmaras de gás hitlerianas. Como um esforço de van Pelt em ter um caráter científico, eles são meritórios desde que possam ser analisados e avaliados.

Mas eu devo perguntar se estes desenhos reconstruídos baseados em nada, mas sim segundo uma única testemunha, são evidências convincentes, já que não existe qualquer uma destas oito alegadas colunas, nem existem peças ou qualquer documento delas em Auschwitz ou em outro lugar para serem examinados quanto à autenticidade [4]. Por quê, além disso, o ex-prisioneiro condenado a quatro anos e meio de prisão deveria ser confiável? Ele não tinha uma aversão contra os captores alemães e também não pertencia a um grupo que praticou violência contra as autoridades do campo [5]? Ele não ajudou também as autoridades comunistas polacas em 11 de junho de 1945, quando ele testemunhou contra os alemães e descreveu estas alegadas colunas como destinadas somente para assassinar insuspeitos inocentes?

Em geral, a estória do holocausto judeu contém o conto padrão que uma vez que os prisioneiros das equipes especiais terminavam seus afazeres no processo de gaseamento e cremação, eles também

eram assassinados e cremados e assim, não existiriam testemunhas oculares sobreviventes. Todavia, Michal Kula, nos foi dito, sobreviveu mais de quatro anos neste assim chamado *anus mundi*. Talvez Kula, se ele estivesse vivo e disponível para falar em 2004, iria dizer uma história diferente, uma história na qual ele colaborou avidamente com os alemães e então sobreviveu à detenção de Auschwitz-Birkenau até pouco antes na marcha do exército vermelho em 27 de janeiro de 1945.

Encontra-se na página 206 do livro de van Pelt, uma imperfeita tradução inglesa do testemunho de Kula datado de 11 de junho de 1945 [6], onde, para atender aos propósitos do julgamento comunista do pós-guerra contra o comandante de campo Rudolf Höß, ele forneceu detalhes técnicos a seus interrogadores. Kula, como poderia ser esperado de um perito técnico em construções metálicas, deu preferencialmente dimensões métricas precisas. A estas, eu irei retornar depois.

O livro de van Pelt é, sobretudo, abrangente, bem técnico e cuidadosamente documentado, bem apresentado, e agradavelmente encadernado, com desenhos e fotos muito bons, mas estranhamente publicado – por alguma razão desconhecida de mim até o momento – por uma grande editora de uma universidade americana à custa dos contribuintes.

Um debate público aberto

Se tal debate pudesse acontecer, o anúncio do debate poderia ser o seguinte: Em Auschwitz-Birkenau existiram câmaras de gás especialmente construídas para empregar Zyklon B como ácido hidrocianídrico para assassinar judeus e outros seres humanos.

E se professor Faurisson estivesse no lado negativo do debate, ele demandaria evidências materiais, não meros desenhos ou rascunhos ou quadrinhos [7]. Eu posso somente especular o que van Pelt ofereceria se ele estivesse no lado positivo de tal debate, mas eu penso que ele ofereceria rascunhos e desenhos e quadrinhos, mas mais do que tudo, o alegado testemunho ocular de Michal Kula (e outros) que em nenhuma vez foi acareado sob juramento numa corte de justiça apropriada, livre da cena de um “Show Trial” estalinista.

Faurisson insistiria na acareação de Kula da mesma forma da acareação da testemunha estrela em Toronto, Canadá, no famoso julgamento (que tornou-se referência) de Ernst Zündel, onde Dr. Rudolf Vrba e Arnold Friedman foram finalmente forçados a admitir que eles não testemunharam o gaseamento homicida como eles afirmam em seus relatos ou nos importantes testemunhos anteriores [8].

Mas Michal Kula, nascido em 1913, estaria com 91 anos de idade em 2004 se ele ainda vivesse, e não seria como uma testemunha capaz de testemunhar razoavelmente ou ser acareada.

O problema das alegadas “Testemunhas oculares”

A primeira questão a ser colocada é claro: Pode-se acreditar em Kula? Quais eram seus motivos testemunhando para as autoridades comunistas da Polônia? A comissão do tribunal comunista fez uma competente investigação científica, a qual tarefa exclusiva foi verificar ou desmascarar as alegações de Kula? Kula, ou qualquer outra pessoa, produziu de fato desenhos técnicos da *Zentral-Bauleitung der Waffen SS und Polizei Auschwitz*, cópias heliográficas ou outros documentos, segundo os quais estas alegadas complexas instalações foram construídas ou um pedido de materiais e seus custos? Afinal de contas, nos é constantemente falado por pessoas como van Pelt, que existem “montanhas de evidências” e “milhões de documentos” para provar os crimes dos nazistas.

Como quer que seja, existe um documento que faz referência ao nome de Michal Kula. Mesmo assim, pode-se confiar que Kula tenha dito a verdade em 11 de junho de 1945, ou sua detalhada história da coluna de metal foi fabricada pela vontade de ajustar as contas com seus captores alemães?

Existe uma indicação para a credibilidade de Kula como testemunha, e ela deriva de seu depoimento sobre um real gaseamento que ele afirma que testemunhou de um pavilhão de detentos. Ele alega que tenha visto como cadáveres de vítimas gaseadas foram carregados de lá:

“Eu vi então que eles (os cadáveres) eram esverdeados. As enfermeiras me disseram que os cadáveres foram estourados e a pele se soltou”.

Sobre isso, o correto comentário de Germar Rudolf: [9]

"[...] vítimas de gaseamentos por Zyklon B não são esverdeados, mas sim roxos, e não há qualquer motivo para os cadáveres estourarem e sua pele se soltar. Isto não é nada mais do que propaganda de atrocidades".

Mas o professor Dr. Robert Jan van Pelt publicou com destaque Michal Kula em seu livro *The Case for Auschwitz* e aceitou os dados técnicos do tribunal comunista da Polônia como eles fossem verdadeiros, até mesmo verdadeiramente científicos.

Desenho de J.C. Pressac das lendárias "colunas de introdução de Zyklon B" como descritas por Michal Kula

Documentos de Kula sobre a *Schlosserei* de Auschwitz

Van Pelt tinha podido providenciar o que segue, mas ele escolheu não fazê-lo. O pesquisador italiano Carlos Mattogno escreveu em seu artigo de 2002, que o juiz polonês Jan Sehn deixou à disposição para o tribunal de Rudolf Höß, uma lista dos números das ordens de serviço. Sem lacunas, o Juiz Sehn produziu uma lista em 25 de junho de 1945, umas seis semanas depois que Kula deu seu depoimento no tribunal.

Existem uma 85 destas ordens de serviço para a *Werkstättenleitung Schlosserei* (Direção da serralheria), iniciando-se em 28 de outubro de 1942, e uma, de número 433 datada de 20 de maio de 1943, é um pedido de materiais por parte de Kula, o qual é chamado de "*Hersteller*" (fabricante) e ele necessitava duas peças para reparar "*kopl Verbindungstücke für Gummischlauch*". Este pedido está assinalado com "Dringend" (urgente) e era para ser entregue ao Prof. Schumann para a estação de "Röntgen-Station im F.L." (Raio-X no hospital do campo feminino de Birkenau). Este documento indica que Kula completou seu trabalho em 21 de maio de 1943 ou próximo disto [10].

Se Kula testemunhou verdadeiramente sobre a construção das oito colunas de introdução do gás para os Kremas II e III, deve ter existido uma ordem de serviço da *Schlosserei* para requisição dos materiais a fim de se obter uma enorme quantidade de malha de metal de tamanhos variados, cantoneiras metálicas, parafusos, arruelas e porcas, ferro para soldar, suporte da base de madeira, e mais. Mattogno mostra que van Pelt não pode se esconder atrás de uma concepção secreta para estes materiais com fins assassinos desde que nos formulários das ordens de serviço existem requisições para "portas a prova de gás" para os mesmos Kremas - itens alegados por van Pelt que prova que as construções foram modificadas para instalações da morte [10].

Nós podemos concluir seguramente que quando Michal Kula testemunhou perante o tribunal do juiz Sehn em 11 de junho de 1945, ele sabia que estava prestando falso testemunho. E seu companheiro da revolta, Henryk Tauber – em quem van Pelt confia completamente – deu uma estória similar sobre estas alegadas colunas de metal [11].

Uma página na Internet, www.holocaust-history.org/auschwitz/intro-column, apóia-se maciçamente em Harry Mazal para assistência em pesquisa, e a Koluna-Kula é dada extrema credibilidade. Além disso, há uma foto p/b de um "soldado soviético" segurando uma das tampas de madeira das chaminés das alegadas câmaras de gás, datado de "14 de outubro de 1944", e da *The Illustrated London News*, página 442.

Uma vez que o exército vermelho chegou a Auschwitz somente por volta de 27 de janeiro de 1945, os leitores podem se surpreender como esta foto foi criada para mostrar um soldado soviético ao topo de uma alegada câmara de gás uns quatro meses antes da liberação do campo!

Eu posso afirmar seguramente, como quer que seja, que esta página do Projeto da História do Holocausto existe principalmente por causa da insistência ao longo de décadas de Robert Faurisson para que seja mostrada a ele uma câmara de gás nazista. Pessoas como Mazal e seus coortes estão tentando fazer justamente isto – mesmo se eles devam inventar, criar, suprimir, ou falsificar a realidade. E van Pelt é sem dúvida alguma um voluntarioso companheiro executor juntamente com esses fanáticos.

Um comentário final sobre Michal Kula pode também estar de acordo com o fato de Danuta Czech não mencioná-lo como prisioneiro número 2718, na página 51 de seu mais importante livro

conhecido com o *Kalendarium* [12]. O não-judeu Kula está restrito à nota final de rodapé do livro e somente quando ele testemunhou sobre a fuga de certos judeus.

Desenvolvimento da Idéia da Criação do Modelo da Koluna Kula

O livro de van Pelt surgiu em Fevereiro de 2002, e obtive a minha cópia do mesmo no dia 18 de Abril tendo começado a trabalhar através dele com caneta negra, caneta vermelha e com marcadores, efetuando notas nas margens e um pouco por todo o lado. Letras pequenas, páginas amplas, um livro fascinante. Ele efetuou alguns ataques significativos a David Irving aqui e ali. Quando cheguei ao Terceiro Capítulo, “*Intentional Evidence*” (*Provas Intencionais*), estava consciente de que algum material desafiante se encontrava no seu horizonte. (O dicionário *Black’s Law* não tem qualquer entrada para “Provas Intencionais”, mas “intenção” é utilizada para designar o plano de levar a cabo um determinado acto.)

Para van Pelt, a substância do Terceiro Capítulo são as evidências baseadas na planificação alemã levada a cabo com a intenção de exterminar através da utilização de aparelhos físicos – câmaras homicidas de gás instaladas em células mortuárias, camufladas, nas palavras do autor, para aparentarem ser simples depósitos mortuários. O leitor antecipa, finalmente, uma resposta sólida à aproximação “Mostre-me, ou desenhe-me...” de Faurisson. Van Pelt não ignora Faurisson como tantos antes dele o fizeram.

Preparei um ensaio sobre o livro e apresentei o mesmo na Quarta Conferência do Instituto para o Revisionismo Histórico na Califórnia entre 21 e 23 de Junho, 2002, o seu título: “Um Olhar Crítico ao Estudo Anti Revisionista de Robert Jan van Pelt, *The Case for Auschwitz: Evidence from the Irving Trial*.” (*O caso de Auschwitz: Provas do Julgamento de Irving*) O meu apreço pelo enorme trabalho efetuado por van Pelt no livro ofuscou-se pela minha conclusão de que o método de “convergência de provas” de van Pelt era no fundo mais uma “divergência de provas” na melhor das hipóteses ingênua, na pior das hipóteses desonesta.

Portanto, com o anúncio da “Quarta Convenção Anual de História Real” anfitriada pelo historiador britânico David Irving nos arredores de Cincinnati entre 30 de Agosto e 2 de Setembro, 2002, submeti a idéia para a criação de um modelo real da “Koluna Kula” de van Pelt para que em vez de meras palavras de crítica, pudéssemos vislumbrar *um modelo real no qual pudéssemos deitar mãos à obra pela História Real* e tentar retirar as nossas conclusões sobre a real praticabilidade ou impraticabilidade destes supostos oito aparelhos de inserção de Zyklon B.

Irving manifestou-se positivamente disposto a levar a cabo esta idéia e discuti-a com o meu colega editor, Germar Rudolf, e com outros especialistas no campo da análise da exatidão da História do Holocausto Judeu. Até Julho, iniciei diligentemente o esforço de construção, apesar da lacuna da experiência profissional no que toca à fabricação de metal, mas levando para essa tarefa o peso de anos de experiência em reparações mecânicas auto e na construção de edifícios.

Pressupostos Base

Os pressupostos são de dois tipos: 1) os verificáveis ou falsificáveis; e 2) os que se baseiam em pressupostos sobre a realidade, mas que não estão disponíveis para serem testados fisicamente – e como tal, estes podem meramente ser constatados no resultado final. O que se segue são os pressupostos que guiaram o meu trabalho.

- * Que os dados técnicos de van Pelt foram fidedignamente editados no livro *The Case* com base nas suas próprias notas que presumi terem sido fidedignamente retiradas dos documentos em língua polaca do julgamento de Höss em 1945, ou de documentos disponíveis em outras línguas;
- * Que Michael Kula possuía a competência técnica para levar a cabo a tarefa de construção que alegadamente lhe foi atribuída pelas SS;
- * Que Kula possuía a competência mental para recordar no decorrer do julgamento as suas experiências no campo prisão com a adequada precisão;
- * Que o desenho da alegada coluna tenha advindo de uma intenção clara das SS e das autoridades das SS de ordenar a sua construção, providenciando esquemas exatos, adquirindo todos os materiais e pessoal necessários, e um local de trabalho;
- * Que nenhum destes esquemas técnicos se encontra disponível atualmente para qualquer

examinação, porque se tal estivesse de fato disponível, não haveria qualquer razão para que van Pelt levasse os seus assistentes a produzirem reconstruções axonométricas para o livro *The Case*; (devemos recordar que van Pelt produziu o seu trabalho para o Julgamento Lipstadt em Londres e que se tivesse descoberto desenhos esquemáticos autênticos, teria avidamente providenciado os mesmos à defesa do Professor Lipstadt)

* Que os especialistas das SS em engenharia de desenho técnico para tecnologia de execução testaram tamanho aparelho num laboratório e/ou no terreno com o intuito de assegurar que o conceito, o desenho e o objeto construído funcionassem apropriadamente; (alguém consegue imaginar uma prisão a utilizar uma cadeira elétrica para a execução de um criminoso condenado sem os testes laboratoriais adequados sobre a sua eficácia operacional?)

* Que tamanho teste no terreno requeria que os engenheiros que o construíram colocassem tamanho aparelho no interior de uma abertura numa laje de concreto armado, antes de levarem a cabo o esforço e a despesa de cortar oito buracos nos telhados reforçados dos Birkenan Kremas II e III;

* Que Kula era ele próprio um fabricante metalúrgico da pequena cidade de Auschwitz e não um engenheiro de desenho técnico capaz de efetuar um esquema criativo de tamanho aparelho digno de um romance;

* Que existiram “traços da papelada” necessária para adquirir os materiais especiais que Kula alega terem sido utilizados e nas amplas quantias alegadamente necessárias para a construção;

* Que os oito buracos, medindo umas estimadas 16 polegadas, foram efetuados por dotados artífices através de várias polegadas de concreto armado, e que as barras de ferro tenham sido asseadamente cortadas (e não cruamente dobradas para não cobrirem o buraco), e que ferramentas de corte e maçaricos de acetileno foram utilizados em vez do arcaico modo do cinzel e dos martelos; e que esta tarefa morosa foi levada a cabo durante a noite ou camufladamente para que a população normal do campo não notasse esta sinistra atividade, digna de um romance;

* Que estas largas e pesadas colunas foram transportadas por peças em vez de unidades completas uma vez que, de outro modo, colocá-las de pé teria sido impossível devido à largura extra de uma única coluna medida da sua base até ao seu topo; (Se um van Pelt ou um Elie Wiesel fosse uma pessoa que passasse algum tempo a construir e a reparar edifícios, poderia ter pensado neste tipo de questões, e é aqui que surgem as críticas de um “historiador de papéis” (Faurisson) para com escritores deste tipo;

* Que estas pretensas oito colunas de metal temperado foram removidas das suas localizações nos crematórios algum tempo antes do Exército Vermelho chegar, no dia 27 de Janeiro, 1945, atividade esta que deve ter sido testemunhada por alguns alemães que a poderiam mencionar nos julgamentos que depois ocorreram; de outro modo, os oficiais soviéticos teriam preservado pelo menos uma, ou mais, destas oito colunas ou pelo menos tirado fotografias delas como provas incriminatórias contra “os assassinos Hitleristas.”

* Que a destruição dos Kremas de Birkenau (a Krema I localizada no *Stammlager*, ou Campo Principal, de Auschwitz não foi dinamitada; portanto, quando Irving escreve ou afirma que o Krema I foi “reconstruído depois da Guerra” aumenta a confusão e revela-se a si próprio como sendo também em parte “um historiador de papéis”) ocorreu algumas semanas ou alguns meses antes da chegada do Exército Vermelho ainda não foi satisfatoriamente explicado; afirmando alguns escritores que, “as SS os explodiram com a intenção de encobrir os seus crimes monstruosos”, enquanto que para outros, os presos revoltosos conseguiram obter quantidades enormes de explosivos e explodiram eles próprios as cargas; uma pessoa pode presumir que o Exército Vermelho poderá ter saqueado todos os mecanismos aproveitáveis tendo depois dinamitado os mesmos (possuindo os sapadores do Exército Vermelho a perícia e a quantidade de dinamite necessárias para destruir os pesados telhados de concreto);

* Que estes oito buracos quadrados nos tetos das mortuárias dos Kremas II e III têm de ser observáveis hoje em dia, apesar de se encontrarem um tanto ou quanto danificados pelas explosões de dinamite colocadas sabe-se lá por quem e quando; (a minha segunda visita a Birkenau (em Junho de 2001) permitiu-me observar algumas perfurações rudes e barras dobradas, mesmo algumas não muito bem cortadas com acetileno que talvez sejam restos dos entusiastas do Holocausto de décadas recentes que tentaram criar “provas” ou “vestígios incriminatórios” dos pretensos buracos; mas os pesquisadores sérios não se deixaram convencer pela pesquisa do revisionista Charles Provan nem pelas suas conclusões de que teria encontrado esses buracos.) [13]

* Que a interpretação séria de acontecimentos importantes do passado (normalmente chamada de “História”) enfrenta um problema que dá pelo nome de “dupla interpretação” – ou seja, o acontecimento é interpretado de maneiras muito diferentes por pessoas diferentes,

mesmo por aqueles que participaram no próprio evento [14]. Portanto, se Michael Kula realmente construiu uma ou mais colunas de metal temperado na oficina metalúrgica de Auschwitz, existe a possibilidade destas terem sido utilizadas num propósito benigno.

* Que o meu modelo não muito perfeito de uma Koluna Kula é um experimento razoável para verificação/falsificação daquilo que tem sido alegado desde 1945 pelo tribunal comunista polaco dirigido pelo juiz comunista Jan Sehn – ou seja, um esforço racional para aprender “*wie es eigentlich war*” (como realmente foi) de Ranke sobre este período altamente controverso. Portanto, exponho-me a estar errado bem como a estar correto sobre as pretensas câmaras de gás homicidas;

* Que das cerca de 1,1 milhão de pessoas enviadas para Auschwitz-Birkenau, tenham sobrevivido mais ou menos 200.000 que podem servir como possíveis testemunhas oculares dos gaseamentos homicidas; e além disso, que as mais importantes pretensas testemunhas tais como Henryk Tauber, Michael Kula, Stanislaw Jankowski, Shlomo Dragon, David Olère, e outras, não tenham sido mantidas vivas para que pudessem testemunhar os seus conhecimentos em primeira mão sobre os massivos gaseamentos homicidas – principalmente quando escritores da JHS afirmam regularmente que os Nazis destruíram todos os indícios dos seus crimes;

* Que as pretensas taças/xícaras de Kula mantivessem as 3 libras de granulado de Zyklon B em cada coluna e eficazmente evaporassem o gás mortífero contido nos granulados quando só a camada superior de granulado se encontrava exposta ao ar quente circulante. Os lados vedados dos pretensos depósitos não iriam permitir uma exposição ao ar circulante e o resultado global seria fraco e de eficácia discutível para um método tão elaboradamente concebido. (Pode ser feita uma comparação com a execução prisional através de injeção letal, se o técnico médico diluir o veneno em, digamos, 90% ou mais, será credível que a tecnologia da morte fosse tão ineficaz? Uma comparação mais prática para qualquer dono de casa seria a despejar um saco de cimento Sakrete num barril e adicionar água, mas sem a mexer, por cima da mistura de cimento seco. O resultado seria o endurecimento só da parte superior da mistura e o resultado seria desastroso no que toca à aplicação desta mistura num poste ou como base de outra coisa.) De acordo com o meu julgamento, o pretenso testemunho de Kula resultaria num enorme desperdício de Zyklon B e a enorme quantidade que ficaria por utilizar teria de ser *re-enlatada* ou levada para uma área segura de armazenamento – a qual qualquer pesquisador pode procurar mesmo em 2004. Mesmo que se pudesse provar que Kula fez as oito colunas, as milhares de libras de Zyklon B teriam de ser reunidas depois de cada gaseamento e transportadas para uma lixeira, presumivelmente, nos arredores de Birkenau, cujo nível do tapete de água em geral já representava em si uma parcela de problemas para os engenheiros das SS;

* Que se a *Zentralbauleitung* das SS tivesse querido instalar um *apparati* de gaseamento em massa nos Kremas, a minha própria análise do modelo da Kula Kolumn – com a concordância de Germar Rudolf – verifica que os engenheiros poderiam muito mais facilmente e eficazmente construir simples cestos no forro dos telhados, digamos, com uma profundidade de 8-10 polegadas, para cestos abertos com buracos pequenos o suficiente para que o granulado de Zyklon B não caísse, mas contudo com a ventilação adequada para uma eficiente, rápida evaporação do ácido hidrocianico inerente ou aderente. Creio que as SS, através de testes de laboratório ou no terreno, teriam procurado o método mais simples, mais barato e mais eficaz para levar a cabo numa exterminação em massa em vez do método menos eficiente e aparatoso de Kula, como é alegado e aceite por van Pelt; [15]

* Que Michael Kula e outros presos dos departamentos de construção teriam de ter conhecimento das instalações de despolhamento por ondas curtas que as SS instalaram em Auschwitz, desenhadas pelo gigante industrial com sede em Berlim, Siemens-Schuckert [16]. Estas romancescas e dispendiosas construções permitiam a rápida desinfecção de roupa através das agora muito modernas micro ondas – um resultado da observação alemã no decorrer dos Jogos Olímpicos de 1936 ao verificar a existência de insetos mortos nas bases dos transmissores de rádio que levou à pesquisa das frequências altas de rádio como um método eficaz na destruição de parasitas corporais. Kula e os seus camaradas com o seu sentimento anti-alemão (que ninguém pode condenar realmente, visto estarem presos contra a sua vontade!) e os seus motivos para difamar as SS, e mesmo para destruírem os edifícios de qualquer tipo, poderiam muito compreensivelmente levar à criação propagandista de “colunas de metal temperado” com dimensões métricas exatas; presos inteligentes têm sempre imenso tempo para ponderar “como se vingar” dos seus captores e perseguidores, e devo considerar um cenário deste tipo como existencialmente possível, mesmo provável. O próprio fato de van Pelt omitir qualquer manutenção das instalações de microondas Siemens-Schuckert revela ou

um lapso da exatidão da sua pesquisa para o Julgamento Lipstadt, ou revela um desejo de omitir provas relevantes. Podemos acrescentar que van Pelt recusou viajar com Irving até Birkenau para procurar quatro/oito buracos, revelando isto uma falta de empenho científico pela parte de van Pelt e toda a equipa da defesa de Lipstadt, bem como da tecnicamente inapta Professora Lipstadt em si; e levanta a questão de uma “agenda oculta”;

* Que todas as minhas conclusões com base na experiência da construção da Kula Kolumn e da real apresentação da mesma na Conferência da História Real são tentativas de conclusão; tentativas porque as conclusões baseadas em pesquisas históricas e científicas são sempre condicionantes na melhor das hipóteses. Historiados científicos sérios devem estar sempre disponíveis e receptivos para novos dados que possam ser descobertos e melhores métodos de análise desses dados que possam surgir.

Conclusão

No início deste capítulo, indiquei que o meu conceito era um exemplo retirado da noção de *exatidão* de Robert Faurisson. Ele definiu-a num e-mail datado de 29 de Setembro, 2004 como “*la vérité mais au sens de vérité vérifiable*.” A minha tradução é “a verdade mas no sentido da verdade verificável.” A minha “exatidão na ação” é portanto um tributo ao Professor Doutor Robert Faurisson, e sejam quais forem as falhas que surjam do meu modelo imperfeitamente construído e as minhas inferências faltosas que dele advenham são minhas, por isso assumo completa responsabilidade.

O diretor da Conferência da História Real escreveu a 10 de Setembro, 2002, depois da minha apresentação: “Não tive oportunidade para lhe agradecer adequadamente pela sua magnífica contribuição para que o nosso fim de semana funcionasse [...] por isso uma vez mais: Obrigado!”

E digo a Robert Faurisson “Obrigado” e “Obrigado novamente” pela sua amizade pessoal e exemplo profissional nos passados quinze anos desde a primeira vez em que nos encontramos a 10 de Outubro, 1987, na Oitava Conferência do IRH. Quando recordo a sessão que dei naquela tarde de Sábado, recordando a minha experiência como professor de História 102 na Universidade do Alabama em Huntsville e ter sido o primeiro professor nos EUA a utilizar o livro *A Burla do Século Vinte* de Arthur Butz nas aulas durante dez semanas do trimestre académico, fiquei surpreso ao verificar que quando acabei, o Dr. Faurisson foi o primeiro a levantar-se e a oferecer os seus aplausos entusiastas, entre a restante audiência. Fiquei surpreso porque julgava que tinha feito na minha sala de aula o que qualquer professor normal devia fazer – ou seja, oferecer aos alunos o benefício de interpretações alternativas de controvérsias históricas. Robert assegurou-me que o que eu tinha feito era extraordinário e de nenhum modo “normal”.

No dia 10 de Setembro, 1994, fui anfitrião de Faurisson numa palestra pública em Roberts Hall no campus da Universidade do Alabama em Huntsville. Câmeras de TV, repórteres de jornal, Relações Públicas da universidade, polícia, e cerca de 60-75 estudantes e residentes apareceram para o evento. Um comerciante judeu muito rico de farpas de metal sentou-se na primeira fila, um homem que eu conhecia há já muitos anos, e recusou apertar a mão de Faurisson.

De um interesse maior para mim do que esta vergonhosa manifestação de ódio foi que, durante toda a semana, Faurisson me avisou que a palestra seria cancelada no último minuto. Assegurei-lhe que aqui no Norte do Alabama isso não iria acontecer, em parte porque eu tinha um contrato referente ao salão com a universidade, e também porque não é assim que as pessoas na “Cidade Foguete” Huntsville (a cidade que o Dr. Werner von Braun transformou no centro da ciência de impulsão por foguete mundial) se comportavam ou permitiam. De fato, acrescentei que podiam aparecer alguns opositores, mas que iriam aparecer muito bem vestidos e distribuir algum tipo de literatura de protesto – que foi o que realmente aconteceu.

Faurisson ficou muito surpreso por ter acontecido tudo num modo muito próprio e enviamo-lo a caminho de França um dia ou dois mais tarde, com a agradável memória da cozinha Cajun (tradicional do Alabama – nota do tradutor) do Gumbo da minha esposa!

Eu e a minha esposa enviamos os nossos melhores cumprimentos a Robert Faurisson por ocasião do seu 75º aniversário em Vichy, França, e esperamos que desfrute de muitos mais enquanto continua a desafiar os seus inimigos difusores de ódio que declararam há mais de vinte anos que “Faurisson não chegará a ter ossos velhos”.

Cuida desses “ossos velhos”, Robert!

Notas:

- [1] – *Écrits Revisionnistes (1974-1998)*, Vol. I, “1974- 1983”, Edition Privée Hors-Commerce, 1999, pg. 4.
- [2] – “Aceitação por parte do tribunal, com o propósito da conveniência e sem requerer a necessidade de prova, de um facto bem conhecido e indisputável; o poder do tribunal em aceitar determinado facto – o tribunal leva em conta a nota judicial do facto da água congelar aos 32 graus Fahrenheit – Fed. R. Evid. 201. Também conhecido por *conhecimento judicial; sabedoria judicial*.” Retirado do *Black’s Law Dictionary*; sétima edição ampliada, St. Paul, MN: West Group, pg. 684.
- [3] – Robert Jan van Pelt, *The Case For Auschwitz. Evidence from the Irving Trial*, Bloomington, IN: Indiana University Press, 2002, pgs. 194, 209.
- [4] – Jean-Claude Pressac, *Auschwitz: Technique and Operation of the Gas Chambers*, Nova Iorque: The Beate Klarsfeld Foundation, 1989. Pressac efectuou o seu próprio rascunho do aparelho Kula na página 487, mas mais importante que isso, Pressac possui várias fotografias de engrenagens de metal que alegadamente terão sido parte do sistema de ventilação da morgue em questão, e podemos questionar-nos porque deixariam os alemães “rastros” tão alegadamente encriminadores de bocados de metal impregnados de HCN mas mesmo assim terem removido completamente as oito largas colunas Kula.
- [5] – Kula foi preso de 18 a 21 de Janeiro, 1945, em Birkenau junto com Henryk Tauber numa secção para membros de organizações que tentaram criar insurreições, de acordo com o pesquisador italiano Carlo Mattogno, e acrescenta que Kula e Tauber tiveram o tempo adequado bem como a oportunidade de criar a sua história sobre as oito colunas de metal temperado. “Keine Löcher, Keine Gaskammer(n)”, *Vierteljahreshefte für freie Geschichtsforschung*, 6 (3) (2002), pg. 302.
- [6] – Julgamento Höss, Vol. 2, pgs. 99-100.
- [7] – Tal como os muitos desenhos efectuados pelo judeu francês David Olère encontrados no livro *Auschwitz*, ob. Cit., de Pressac (nota 4), pg. 488 e noutras. Van Pelt, Case, ob. Cit. (nota 3), pgs. 173-485, mostra os desenhos como se estes constituíssem uma prova material.
- [8] – Robert Lenski, *The Holocaust on Trial. The Case of Ernst Zündel*, Reporter Press, Decatur, AL, 1989, pgs. 20 e seguintes.
- [9] – Germar Rudolf, *The Rudolf Report*, Chicago IL: Theses & Dissertations Press, 2002, pg. 131.
- [10] – Mattogno, ob. Cit. (nota 5), pg. 302.
- [11] – Van Pelt, Case, ob. Cit. (nota 3), pgs. 188 e seguintes.
- [12] – Danuta Czech, *Kalendarium der Ereignisse im Konzentrationslager Auschwitz-Birkenau 1939-1945*, Hamburgo: Rowohlt Verlag, 1989, pg. 51. O prisioneiro número 2718 encontra-se em serviço para Kula foi preso e levado para Auschwitz no dia 15 de Agosto, 1940, mas o comunista Danuta Czech focou mais claramente os judeus que os não-judeus no seu livro de 1059 páginas. Kula está restringido a uma nota de rodapé na página 956 devido ao seu testemunho sobre determinados judeus.
- [13] – Charles D. Provan, *No Holes? No Holocaust? A Study of the Holes in the Roof of Leichenkeller 1 of Krematorium 2 at Birkenau*, Monongehela, PA: Zimmer Printing, 2000. Na página 31, Provan conclui: “O argumento “Não há buracos, não há Holocausto” já não é possível, uma vez que existem três áreas convenientes em que estes buracos se encontram no tecto de acordo com uma testemunha ocular, não sendo possível observar o quarto [buraco].” O Sr. Provan é um revisionista invulgar uma vez que aceita que as SS/alemães exterminaram talvez oito milhões de judeus em câmaras de gás homicidas ou através de métodos adicionais, fazendo tudo isto em acordo com o princípio da Evolução de Darwin da “sobrevivência dos mais aptos” – portanto, um programa de exterminação justificável de virmos a questão do ponto de vista de Hitler, mas não através do ponto de vista do próprio Provan que, como cristão, condena tais acções.
- [14] – Veja *The Hoax of the Twentieth Century. The Case Against the Presumed Extermination of European Jewry* de Arthur Butz, Chicago: Theses & Dissertations Press, 2003.
- [15] – Veja a argumentação de Rudolf no seu relatório pericial, ob. Cit. (nota 9), pgs. 130-133.
- [16] – Veja “Kurzwellen-Entlausungsanlagen in Auschwitz. Revolutionäre Entlausungstechnik als Lebensretter im Konzentrationslager” de Hans Jürgen na *Vierteljahreshefte für freie Geschichtsforschung* 2 (2) (1998), pg. 87-106.

The Revisionist 2 (1) (2004), pg. 56-61.

O JUDEU INTERNACIONAL

A verdade sobre a “retratação” de Ford

O sionismo, através da imprensa, sempre indica que o livro *O Judeu Internacional*, de Henry Ford, seria uma obra praticamente apócrifa, pois Ford, considerado o maior industrial do século, teria desmentido tudo o que publicara (o livro continua sendo vendido nos EUA e em todo o mundo). Com isso, eles tem a intenção de mostrar que ele, de forma voluntária, teria se arrependido de tudo o que

afirmara nesta sensacional obra.

Da página 5 desse livro, extraímos a seguinte informação:

Após a publicação do livro, os judeus ficaram profundamente indignados, porque o adversário era sério. E encetaram contra ele uma violenta campanha que durou vários anos e só terminou em 1927 (a obra foi escrita em 1920). Angustiado por graves embaraços financeiros, processado pelos judeus perante os tribunais norte-americanos, vítima de um acidente automobilístico que se diz muito misterioso, Ford escreveu às organizações judaicas uma carta em que desmentia tudo o quanto publicara em relação aos judeus. Estes, depois de o deixarem algum tempo na incerteza, aceitaram a retratação.

Em novembro de 1990, após a polícia ter invadido a Editora Revisão e retirado mais de 8.000 obras do estoque, e que por ordem judicial foram restituídas 48 horas depois, a TV Bandeirantes de Porto Alegre, no programa Canal Livre, analisou com vários participantes o nada democrático ato de apreender obras que não agradam a uma determinada facção. Se esta moda pegasse, as livrarias ficariam vazias. No momento em que analisaram também a apreensão de "O Judeu Internacional", o representante sionista imediatamente citou que se tratava de uma obra que o próprio Henry Ford tinha rejeitado... Outro participante alegou que Ford fora pressionado pelo poder judaico para assim proceder, ao que o sionista retrucou, com nervosa risada, simulando modéstia: Quem somos nós para forçar um Henry Ford? Isso é brincadeira...

É lógico que algo muito grave havia acontecido, motivando a retratação.

Vejamos alguns dados a respeito da produção de automóveis dos EUA: Até 1920 Ford era líder absoluto da produção de veículos. Depois da edição de sua obra O Judeu Internacional, sua participação no mercado começou a declinar, ao ponto de representar, em 1926, apenas 35,6% da produção total dos EUA, equivalendo a 1.530.800 veículos.

Em 1927, ano da nota do "desmentido", as fábricas deviam estar às portas da falência, pois somente tinham conseguido vender 520.200 veículos, ou seja, apenas 15,3% da produção americana.

Em 1928, ano em que os sionistas ainda o haviam deixado "na incerteza", a venda de unidades havia aumentado um pouco, pois conseguira vender 675.800 veículos, mesmo assim representando apenas 15,5% do total.

Em 1929, vendendo 1.822.400 veículos, passou a participar com 33,9% do total. Em 1930, voltou novamente para a liderança, com 40,3% da produção dos EUA. O grande beneficiado com a pressão contra Henry Ford foi a General Motors que, em 1927 e 1928, passou a vender 42,5% e 41,3%, respectivamente, da produção total.

Nossa grande surpresa, um verdadeiro choque, recebemos quando descobrimos a quem pertencia a General Motors Corp.: Grupo Judaico Morgan que, em 1929, figurava na administração de nada menos que 2.450 SOCIEDADES, CUJO CAPITAL MONTAVA A 74 BILHÕES DE DÓLARES, APROXIMADAMENTE UM TERÇO DE TODO O CAPITAL EXISTENTE NOS EUA!!!

No livro "Trustes e Cartéis", editado pela Livraria do Globo em 1945, é mostrada a posição do Grupo Morgan em 1938 junto a algumas organizações (imaginem como deve ter aumentado seu patrimônio nos últimos 50 anos, principalmente após uma vitoriosa guerra):

A firma matriz chama-se J. P. Morgan & Co. Incorporated N.Y.

Bancos Particulares: Morgan, Stanley & Co., Philadelphia Drexel & Co., Philadelphia Morgan, Greenfell & Co., London Morgan & Cie., Paris

Grandes Bancos: Bankers Trust Co. Guaranty Trust Co. of New York New York Trust Co. The First National Bank of New York

Firmas: GENERAL ELECTRIC CO., a nossa conhecida GE; UNITED STATES STEEL CORP., na época a maior usina siderúrgica do mundo; E.I. DU PONT de Nemours, produtos químicos; GENERAL MOTORS CORP., nossa conhecida Chevrolet; CONTINENTAL OIL CO., setor de petróleo; INTERNATIONAL HARVESTER CO., caminhões e equipamentos agrícolas; TEXAS GULF SULFUR CO., setor de enxofre; KENNECOTT COPPER CO., líder no setor de cobre; AMERICAN CAN CO., fabricação de latas; STANDARD BRANDS INC., produtos alimentícios; MONTGOMERY WARD & CO., uma das maiores magazines do mundo; ASSOCIATED DRY GOODS, idem; BALDWIN LOCOMOTIVE & PULLMAN INC., equipamentos ferroviários; INTERNATIONAL MERCANTIL MARINE, setor de navegação; UNITED CORP., setor de eletricidade; NEW YORK CENTRAL, estrada de ferro; ATCHINSON, TOPEKA & SANTA FE, estrada de ferro; CHESAPEAKE & OHIO, estrada de ferro; NORTHERN PACIFIC, estrada de ferro; UNITED GAS IMPROVEMENT, produtora de gás; WESTERN UNION TELEGRAPH CO., telégrafo; ELECTRIC BOND & SHARE CORP., Cia. de eletricidade e bondes; AMERICAN & FOREIGN POWER CO., Cia. de eletricidade e bondes, cuja filial

em Porto Alegre foi nacionalizada pelo então governador Leonel Brizola; INTERNATIONAL TELEGRAPH & TELEPHONE CORP. a I.T.T., cuja filial de telefones no Rio Grande do Sul foi nacionalizada pelo governador Brizola, que sofreu grandes pressões por esses atos*; INTERNATIONAL NICKEL, etc., etc...

**Com referência à nacionalização da Cia. Telefônica Riograndense, o Correio do Povo do dia 16/02/92, quando decorriam 30 anos do ato, publicou a seguinte notícia, sobre o título Ousadia de Brizola Modificou a História: "Trinta anos depois, Leonel Brizola, atual governador do Rio de Janeiro, admite que nem tinha consciência de com quem estava lidando. 'Eu estava pisando no rabo de um bicho QUE ESTENDE SUAS UNHAS PELO MUNDO INTEIRO, que é a I.T.T. Esta mesma companhia promoveu a derrubada do presidente Allende do Chile". É bem provável que ainda hoje 99,99% do nosso povo não sabe que a I.T.T. a que se referiu o governador é apenas UM dos milhares de tentáculos de apenas UM dos milhares de polvos espalhados pelo mundo.*

Na realidade, são os conquistadores do mundo em ação, que como pseudo-vítimas, apresentam diariamente Hitler como um demônio, há mais de 50 anos, e, ainda agora, para manter a farsa, tentam ressuscitar pseudo-assassinos como Mengele, Eichmann, Bormann, etc. É o desespero pela revelação da Mentira do Século. É uma enrascada comparável a de um ladrão de galinhas que é flagrado com as penas num saco, dentro do próprio galinheiro, tentando dar explicações... Após conhecermos um pouco de apenas um dos concorrentes de Ford, acho que não fica difícil entender seu recuo, emitindo uma nota feita exclusivamente para salvar sua indústria.

O mais impressionante deste texto é, sem dúvida, a constatação da ramificação de apenas um dos grupos existentes no mundo, fato que nos leva a acreditar que no momento em que conseguíssemos formar uma lista completa de organizações e firmas em mãos associadas ou ligadas ao sionismo, teríamos um choque ao vermos que poucos setores importantes da vida humana ainda não estão sob seu domínio. Enquanto se apresentam diariamente como vítimas de um inexistente genocídio; enquanto, diariamente, falam de Hitler e procuram repetitivamente os mesmos pseudo-assassinos, pedindo abertura de já conhecidos arquivos sobre nacional-socialistas, numa eterna vitimização; enquanto mostram e exploram cenas de esqueléticos mortos em epidemias, ou até mesmo de alemães mortos em bombardeios terroristas, como se fossem judeus mortos em câmaras de gás - distraindo, desta forma, a atenção dos povos - o supercapitalismo judaico, no total surdina, vai adquirindo mais empresas e bens, bem de acordo com Os Protocolos dos Sábios de Sião.

A imprensa judaica só noticia "Holocausto", tentando esconder o fato de que foi provado que é uma farsa, e nunca seu domínio sobre importantes e diversos setores, para não chamar a atenção sobre seu verdadeiro poder. Quem poderia imaginar o que está por trás de um simples nome: John Pierpont Morgan...

Para o leitor ter uma pequena idéia da importância de algumas das firmas do Grupo Morgan, alguns rápidos detalhes:

MONTGOMERY WARD & CO., do comércio varejista, possuíam em 1930 nada menos que 532 filiais; INTERNATIONAL NICKEL detinha o controle de 90% da produção mundial; DU PONT foi a maior fornecedora de munição para os aliados na guerra; KENNECOTT COPPER detinha o controle de 19% da produção mundial de cobre, em 1937; UNITED STATES STEEL produzia, em 1930, 41% do total de aço dos EUA; WESTERN UNION, após engolir 538 Cias. telegráficas, ficou com o controle de 80% das redes americanas; INTERNATIONAL TELEPHONE & TELEGRAPH (ITT), entre centenas de interesses espalhados pelo mundo, era a proprietária de 2/3 de todas as Cias. telegráficas da América do Sul e possuidora de 1/4 dos cabos submarinos do mundo.

A maioria das firmas que compõem o Grupo Morgan estão espalhadas em praticamente todo o mundo, onde cada uma possui várias firmas associadas, enfim, um gigantesco polvo extorquindo os povos e enchendo os bolsos do supercapitalismo judaico.

O que existe por trás de nome como Bunge & Born, Rockefeller, Bronfman, Warburg, Kuhn, Warner, Daniel Ludwig, Dreyfuss, Safra, Guggenheim, Oppenheimer, De Beers e outras milhares de gigantescas organizações, é um belo trabalho para um economista curioso, o qual poderia prestar um grande serviço ao nosso Povo, mostrando se ainda existe algo realmente nosso.

Enquanto os sionistas, conforme plano existente nos Protocolos, aspirarem o GOVERNO MUNDIAL, reserve-me o mais amplo direito de denunciá-los, em defesa dos mais altos interesses dos nosso Povo e de nossas Pátria.

Radio-islam

PALESTINA 3

O Grande Mufti de Jerusalém, Um Herói da Causa Árabe

Fernando Marques

Dizem que a história é uma estória, porque é escrita pelos vencedores das guerras, sem que seja necessariamente verdade. Além disso, a história é escrita por aqueles que detêm o poder; mais uma razão para desconfiar de sua veracidade.

Neste artigo vamos tratar de um herói que a história oficial prefere esconder, Hadj Amin al-Hussem, o Grande Mufti de Jerusalém. A imprensa dominada pelo sionismo internacional e a estória dos vencedores das guerras procuram ocultar esse herói, porque ele representa o início da luta do povo árabe contra a ocupação israelense, isto é, a invasão da Palestina pelos judeus sionistas e a posterior criação do Estado artificial de Israel.

Hadj Amin al-Hussem é descendente do Profeta Moha-mad, através do matrimônio da filha do Profeta, Fátima, com seu primo Ali. A família al-Hussem era a mais privilegiada da Palestina, e talvez do mundo árabe, porque há mais de 200 anos a família ocupava em Jerusalém o tradicional cargo de Grande Mufti, um cargo hereditário. O Grande Mufti era um jurisconsulto islâmico, civil e religioso. As decisões dele estavam acima das decisões do Palácio da Justiça, podendo, inclusive, em determinadas circunstâncias, condenar ou afastar a autoridade máxima civil do país.

Hadj Amin al-Hussem nasceu em Jerusalém em 1897. Seu pai, Sayyd Jahir al-Hussem encaminhou-o desde cedo aos estudos, e aos 16 anos de idade ele ingressou na Universidade Árabe de Azhar, no Cairo, Egito, onde cultivou amizade com o líder dos nacionalistas egípcios Mustafa Kamil.

Quanto estourou a primeira Guerra Mundial os países árabes eram dominados pelo Império Otomano (Turquia), aliado da Alemanha. Os árabes decidiram lutar ao lado dos ingleses acreditando nas promessas daquele governo de entregar a Palestina aos árabes, após a derrota dos turcos. Essa promessa jamais foi cumprida porque os ingleses já haviam assinado o acordo de Sykes-Picot com os judeus, prometendo entregar-lhes a Palestina após a guerra. Essa traição do governo britânico custou a rebelião de militares ingleses famosos como o legendário coronel Lawrence. A participação árabe foi decisiva para os ingleses derrotarem os turcos na luta pelo Canal de Suez e na ocupação de Jerusalém, em 9 de dezembro de 1917. Dias depois os árabes ocupavam Beirute.

Com o desenrolar da guerra, começam a chegar os imigrantes judeus na Palestina, protegidos pelos militares ingleses. O jovem Hadj Amin al-Hussem, o Grande Mufti de Jerusalém, começa então a organizar a resistência armada dos árabes, formando grupos de guerrilheiros para combater os ingleses e os sionistas. Participou de diversas ações militares e foi caçado pelos ingleses, tendo escapado de diversas emboscadas, fugindo para a Transjordânia com alguns de seus seguidores para organizar a luta em outras regiões árabes. Em 1920 ele participa do Congresso Nacional Pan-Arabe, onde enfrenta uma dissidência: uma parte dos congressistas defendiam a negociação com os ingleses, outra parte defendia a luta armada e o enfrentamento com os ingleses e sionistas. Hadj Amin al-Hussem decidiu a questão convencendo a todos da necessidade de iniciar uma luta sem tréguas contra os inimigos estrangeiros. O Congresso declarou solenemente a independência do Estado Árabe chamado Síria, que compreendia a Síria, o Líbano e a Palestina, nomeando como soberano o Rei Faysal. Um irmão do rei Faysal foi nomeado rei do Iraque.

De volta a Jerusalém, o Alto Comissariado Britânico decide promover uma reunião entre judeus e muçulmanos para discutir a questão da Palestina e os problemas entre imigrantes. O advogado judeu perguntou ao juiz, em inglês, se ele sabia que ele havia sido condenado a mais de 10 anos de prisão por organizar a luta armada entre os camponeses árabes. Amin al-Hussem tomou a palavra, e falando inglês, disse ao juiz: "Fui condenado a 10 anos de cárcere. Porém há apenas 100 metros daqui, os romanos há mais de mil e novecentos anos condenaram à morte a um homem, graças às intrigas de alguns judeus. A inocência daquele homem deve ser conhecida por Vossa Excelência, senhor Juiz: era Jesus Cristo. Portanto, é uma honra para mim, se os ingleses, influenciados também por alguns judeus, me condenarem a algo menos que a morte, deixando por apenas 10 anos de cárcere."

Os ingleses ficaram com medo da força política e do prestígio do Grande Mufti de Jerusalém, decidindo por anistiá-lo. Além disso, acharam por bem reconhecer sua eleição ao Conselho Superior Islâmico (e de Grande Mufti de Jerusalém), que deveria ocupar-se dos assuntos religiosos e da guarda dos lugares sagrados do Islã na Palestina. A maioria dos cristãos da Palestina apoiava o ancião Kazim Paschá, que foi convencido a defender junto aos britânicos a liderança de Hadj Amin al-Hussem, e assim, aos 26 anos de idade, ele foi eleito Grande Mufti de Jerusalém, com a unanimidade dos votos.

dos anciãos das famílias mais influentes da Palestina.

Enquanto aumentava o número de imigrantes judeus na Palestina, Hadj Amin al-Hussem percebia que a invasão da Palestina era apenas uma fase do grande projeto sionista de dominar os países árabes, influenciar as regiões petrolíferas e estratégicas. Ele se encarregou de discutir com as lideranças árabes esse fato, viajando por diversas regiões. Esse trabalho conseguiu convencer a maioria dos líderes árabes da necessidade de resistir ao sionismo internacional, cuja agressão não se limitaria à pequena Palestina. Em 1925 ele conseguiu um acordo com os ingleses para limitar o número de imigrantes judeus no país, reduzindo a imigração descontrolada para 9.000 pessoas por ano. Nos Congressos árabes que se seguiram em Haifa (1921) e depois em Jerusalém, ele manteve a decisão de lutar contra os ingleses e o sionismo.

Em 1923 o Grande Mufti decide que o V Congresso árabe deveria boicotar as eleições promovidas pelos ingleses em territórios árabes, que previa eleger uma autoridade árabe e uma judia para cargos administrativos e da justiça na Palestina. Em 1924 o 60-Congresso decide programar novas medidas para acabar com a imigração de judeus. Em 20 de junho de 1928 o 7º Congresso Árabe decide - por influência do Grande Mufti - organizar um governo árabe para a Palestina; com a participação de cristãos e muçulmanos. Na época, apesar da forte imigração de judeus vindos da Rússia, havia 172.000 judeus e 780.000 árabes na Palestina. Apesar disso, os ingleses decidiram apoiar os sionistas em todas as suas reivindicações. Começaram então os confrontos armados entre árabes, judeus e ingleses, resultando em muitos mortos. Os árabes criaram então o "Comitê Árabe de Defesa" para enfrentar os sionistas que recebi-am muito dinheiro e armamento do sistema financeiro internacional. As guerrilhas passa-ram a se transformar em combates e o Grande Mufti Decidiu refugiar-se no santuário de Aksa, uma mesquita importante que os ingleses não ousavam invadir. De dentro da mesquita o Grande Mufti organizava as guerrilhas e os combates contra os invasores. A partir de então os muçulmanos se deram conta da traição inglesa, e passaram a com-bater os ingleses em diversas partes do mundo, como na Índia, Egito, Iraque e Arábia Saudita. Por este motivo os ingleses decidem invadir a mesquita e prender o Grande Mufti que, avisado com antecedência, consegue fugir para Síria. A Inglaterra coloca a cabeça do Grande Mufti a prêmio: 100.000 libras esterlinas para quem matá-lo. Mas nada conseguem, e mais uma vez ele foge para o Iraque, onde é recebido pelo povo nas ruas. Os ingleses decidem invadir Bagdá, acusando o governo de El-Gailani de não apoiar a luta dos países contra o Reich. Em abril de 1941 os ingleses desembarcam tropas em Bassorah e Bagda, mas enfrentam a resistência de centenas e milhares de árabes vindos da Síria, Transjordânia e Palestina, liderados pelo Grande Mufti de Jerusalém, Hadj Amin al-Hussem

Em viagem pela Europa o Grande Mufti de Jerusalém soube da oferta do governo alemão de devolver a Palestina aos árabes. Hadj Amin al-Hussem compreendeu então que aquela era uma oportunidade libertar a Palestina dos ingleses e invasores sionistas, e assim viajou para Berlim onde assinaria um acordo com os alemães para combater os aliados nos países árabes. O governo alemão criou então um programa de rádio em árabe que seria transmitido a todos os países árabes, tendo como principal locutor o Grande Mufti de Jerusalém. Ele começou exortando os árabes a apoiarem o Marechal Rommel em suas lutas no norte da África, no Egito, Líbia e Túnis. Esse chamado foi decisivo para virar o curso da guerra. Com o apoio dos muçulmanos, os alemães avançavam e venciam em todas as frentes de lutas.

No dia de "Idul-Adha", importante festa muçulmana, o Grande Mufti pronunciou um discurso lembrando que a luta contra os judeus sionistas vinha desde a fundação do Islamismo: "entre os inimigos do Islã e dos árabes está, em primeiro lugar o judeu sionista. Ele foi odiado pelos fundadores da religião islâmica. Os judeus sionistas querem dominar o mundo, querem obrigar os árabes a lutar entre eles, querem expulsar e exterminar a população árabe da Palestina, da Terra Santa e também o Islã" Esse discurso causou forte impressão no mundo árabe, a ponto de milhares e milhares de muçulmanos se alistarem como voluntários no Exército alemão, nos países árabes, Índia, Albânia e Bósnia-Herzegovina. Hadj Amin al-Hussem declara também como inimigo mortal do Islã o comunismo.

Com o final da guerra e a caça aos aliados do Reich, Hadj Amin al-Hussem consegue fugir para Roma e depois para o Líbano.

Em 29 de novembro de 1947 a Assembléia Geral das Nações Unidas decide repartir a Palestina entre árabes e judeus, cabendo aos segundos as melhores terras. No ano seguinte estoura uma guerra sangrenta entre árabes e judeus, e desde então os israelenses elegem o terrorismo como política de estado para aniquilar os árabes, promovendo centenas de massacres e assassinatos em massa que ficaram nas piores páginas da história, disfarçados pela grande imprensa internacional mono-polizada pelo sionismo.

Hadj Amin al-Hussein morreu em Beirute em 1974. Seu enterro reuniu lideranças e governantes árabes de diversos países, mas foi nas ruas que o povo manifestou seu apreço e respeito pelo grande herói árabe, lotando as ruas e praças.

Fernando Marques – Professor de História
Publicado no Jornal Água Verde
<http://www.dirlip.org>

A BESTIALIDADE SOCIOPATA

Indústria Sionista da Indemnização

João Bercellos

"A perseguição indenizatória dos sionistas só pode ser comparada ao holocausto gerado contra eles mesmos..."

(OLIVEIRA, Tereza de – in *O Sionismo Contra o Estado Israelita*, pal., Grupo Granja/Br., 1997)

Recordar as palavras da saudosa poeta e artista plástica galaico-brasileira *Tereza de Oliveira*, no que se refere à busca incontrolada de dinheiros nos bolsos da Humanidade por parte do Movimento Sionista, é recordar que todos os dias enfrentamos essa Verdade: o Sionismo alimenta-se de fraudes históricas e, com elas, abastece a Imprensa mundial (que controla parcialmente) e a Indústria Política da Indenização.

Depois do fiasco de um livro sobre a hipotética participação ativa da IBM na estratégia política anti-sionista do Nacional-Socialismo alemão, eis que, em Abril de 2001, os brasileiros obrigam-se a receber em São Paulo a bestialidade sociopata na pessoa de *Edgar Bronfman*, atual presidente do Congresso Mundial Judaico, que aqui reúne os simpatizantes eternos da Indústria Política da Indenização, com direito, é claro, a notas personalizadas em jornais como O Estado de S. Paulo e outros veículos amigos. Diz *Bronfman* que existem "novas possibilidades de indenizações aos sobreviventes do Holocausto, que foram submetidos a trabalhos forçados ou escravos" (in *OESP*, persona, 19.04.2001). Será que dentro de mil anos a Humanidade ainda terá de ouvir o choro ganancioso e estupidamente orquestrado pela política sionista?...

Enquanto o Estado israelita massacra o Povo palestino e ocupa a terra da Palestina com apoio e financiamento dos EUA, o Movimento Sionista ataca social e politicamente na frente da Indústria Política da Indenização. Até parece o bloqueio mundial definido e executado pelos sionistas, a partir de 1933, contra a Alemanha que Hitler tinha começado a tirar da miséria econômica...!

"A obtenção do Poder sobre a carcaça dos povos indefesos pela submissão econômica é o que sustenta a estratégia do Movimento Sionista, causa que deve ser combatida energicamente pelas pessoas conscientes da Verdade histórica em relação à Morte que o Sionismo engendrou para si mesmo, e no qual condena a própria etnia judaica"

(BARCELLOS, João, *O Holocausto Como Morte Anunciada Pelos Próprios Sionistas, Ou As Vítimas Da Farsa*, pal., Rio de Janeiro/Br., 1988)

Se por um lado impressiona a agressividade sionista em torno da demanda indenizatória, por outro, impressiona mais (pela coragem assumida publicamente) a atitude consciente, porque de autenticidade, das ainda poucas pessoas que combatem a ânsia sociopata sionista – essa bestialidade política que, repito, deve ser combatida antes que acabe com a Humanidade (no que Hitler – e reconheço que houve militarmente atrocidades que deveriam ter sido evitadas – tinha razão)!

Obviamente, os sionistas da Indústria Política da Indenização não se reúnem em cervejarias, como os nazis autênticos, sim, em luxuosos restaurantes nas grandes metrópoles. Quem paga a conta? Perguntem a *Edgar Bronfman*, porque do meu bolso ele não leva nada!

LENDAS NEGRAS

Reacções à revista

Depois de ontem termos lançado a Donafarpa de Janeiro, recebemos uma curiosa reacção no nosso mail. Não posso deixar de salientar isto, tanto mais porque prima pela originalidade. O revisionismo e o neo-totalitarismo têm sido um pouco como o lince ibérico. Em Portugal, nunca se vê, portanto crê-se que ele não existe. Mas a Farpa conseguiu finalmente fotografá-lo. Não ao lince, mas aos saudosos da Europa pré-guerra.

A propósito da contracapa da revista onde figura o Hitler + Bush, numa comparação entre a invasão da Polónia e a invasão do Iraque, Nuno Carvalho comentou *Como é que é possível comparar um homem de origens humildes, herói de guerra condecorado, que conquistou o coração do seu povo, a um ignorante cowboy (que ganhou as eleições da maneira que sabemos), padre de rico, que nunca trabalhou na vida, que inclusivamente fugiu à tropa, e que para cumulo é o capacho dos interesses sionistas!?*

É de admirar o desvelo com que o Nuno protege esse líder injustiçado pela história, vítima, coitado, da má fé dos aliados. Não há decência neste mundo! Já viram o que é compará-lo com o Bush? Que ATENTADO à dignidade do tio Adolfo. E nós preocupados que achassem a comparação injusta para com Bush. Não convém esquecer é de mostrar a quota parte de culpa dos judeus. Isso seria imperdoável, como esquecer a fonte de todo o mal neste planeta?

Logo depois o Nuno remeteu-nos para [este estudo](#) de António José de Brito, chamado **A Lenda Negra Antinazista**, onde entre outras coisas procura mostrar que o [holocausto não existiu](#). Ocasionalmente José de Brito refere-se a Hitler com algum carinho e admiração. Tentem descobrir onde. Vale a pena ler essas tiradas. Não sabendo nós de quem se trataria este ilustre José, fomos fazer uma pequena pesquisa. O seu nome apareceu associado a uma série de [textos](#) num [site](#) com os seguintes objectivos *respeito pelos valores tradicionais-revolucionários da nossa História, do seu ancestral sentido de Cruzada, da Europa das Pátrias, e acima de tudo baseada no inconformismo perante as «verdades oficiais» que nos querem, actualmente, impor.*

Não querendo deixar o desfile incompleto o nome desse autor apareceu também associado à [Associação de Antigos Amadores de Recitais de Guerra e Holocausto](#), que se assume como *cientificamente revisionista*.

Quer-se dizer, quando estive em [Auschwitz](#), a acreditar nesta gente, sonhei! Eu não vi crematórios, eu não vi celas onde morreram prisioneiros das formas mais bárbaras possíveis, eu não vi a imagem do santíssimo coração de Jesus cravado com unhas no betão das paredes, eu não vi latas de Zyklon B, eu não vi 2 toneladas de cabelo humano despigmentado pela acção do gás letal, eu não vi as centenas de miseráveis barracos de Auschwitz II-Birkenau onde, em cada, 800 pessoas se acumulavam como numa estrebaria, eu não vi o local onde se faziam experiências médicas, eu não vi a plataforma de Birkenau onde mulheres, grávidas ou não, e crianças eram automaticamente mandadas para a câmara de gás, que nunca existiu. Eu não vi latrinas onde cada prisioneiro não dispunha mais que 30 segundos para usar a retrete antes de ser corrido à coronhada. Eu não vi Arbeit Macht Frei.

E esses ingleses chatos, páh, publicaram há duas semanas todo o seu [arquivo de fotografias aéreas](#) da segunda guerra mundial, onde se vê a cinza dos altos fornos nazis. Estavam a queimar vacas loucas, os alemães são pioneiros em tudo, até nisso também o serão! Aliás, aquelas judias eram mesmo umas vacalhonas. Porcas!

Mas o Nuno acrescenta mais: *Insinuam vocês que a "invasão" da Polónia e do Iraque são a mesma coisa. Quanto à do Iraque não há muito a dizer. Todos sabemos qual foi o processo. Quanto à da Polónia, há algumas coisas que convém saber.* Pois é! Hitler, coitado, até nem queria invadir a Polónia, que lhe ficara com boa parte do território depois da I Guerra. Calhou! Iam ali uns panzers a passear, quando deram conta, olha, já estavam metidos por aquele país adentro. A bússula avariou. Acontece! O documento que o José Facho de Brito analisou e do qual concluiu por falsas as alegações de que Hitler planeava invadir a Polónia encontra-se [aqui](#). Para uma extensa e crítica análise do que se passou na II guerra bem como do revisionismo que surge aqui e ali, visitem [the nizkor project](#).

Fazedor de Farpas, Quinta-feira, Janeiro 29, 2004

http://donafarpa.blogspot.com/2004_01_01_donafarpa_archive.html

AUSTRIA

O HISTORIADOR DAVID IRVING ESTÁ NA PRISÃO POR TER NEGADO A HOLOCAUSTO

O historiador britânico David Irving foi hoje condenado a três anos de prisão pelo Tribunal Regional de Viena. Ele negou a realidade das câmaras de gás e do Holocausto durante a II Guerra Mundial.

Irving declarou hoje que desde o 1989 já mudou de opinião e que agora reconhece a existência das câmaras de gás em Auschwitz.

«Cometi um erro quando disse que não havia câmaras de gás em Auschwitz» - disse Irving e também lamentou «todas as pessoas inocentes que morreram durante a II Guerra Mundial».

David Irving tem 67 anos e estava detido desde o 11 de Novembro. Foi acusado com base numa lei federal que considera um crime diminuir, negar ou justificar publicamente o Holocausto.

Segundo a Diário Digital, o advogado de Irving Elmar Kresbach anunciou já que vai apelar da sentença. Também acrescentou que o historiador do Terceiro Reich recebia mais de 300 cartas por semana de apoiantes de todo o mundo, e que estava a aproveitar o tempo na prisão para escrever as memórias, com o título provisório de «A Guerra de Irving».

Pravda.ru, 21 de fev; de 2006.

<http://port.pravda.ru/World/2006/02/21/10167.html>

Áustria: historiador condenado a três anos de prisão (act.)

O historiador britânico David Irving foi hoje condenado a três anos de prisão pelo Tribunal Regional de Viena por ter negado a realidade das câmaras de gás e do Holocausto, durante a II Guerra Mundial.

Irving declarou-se culpado, no início do processo hoje de manhã, de ter negado o Holocausto, em 1989, garantindo que tinha entretanto mudado de opinião e que reconhecia agora a existência das câmaras de gás em Auschwitz.

A condenação por unanimidade dos oito membros do júri baseou-se em duas intervenções públicas na Áustria, em 1989, nas quais negou a existência de câmaras de gás em Auschwitz e acrescentou que a «Noite dos Vidros Partidos», a primeira grande perseguição violenta contra os judeus na Alemanha, em 1938, não foi perpetrada pelos nazis.

O advogado de Irving anunciou já que vai apelar da sentença.

«Cometi um erro quando disse que não havia câmaras de gás em Auschwitz», testemunhou Irving, acrescentando lamentar «todas as pessoas inocentes que morreram durante a II Guerra Mundial».

Irving, 67 anos, estava detido desde Novembro.

Ao princípio do dia de hoje, disse a jornalistas que considerava «ridículo» ser julgado por afirmações que proferira há 17 anos.

Algemado, chegou ao tribunal com uma cópia de um dos seus mais controversos livros - «A Guerra de Hitler» -, que põe em causa a extensão do Holocausto.

O julgamento decorreu no meio de um novo e aceso debate sobre a liberdade de expressão na Europa, onde a publicação de caricaturas do profeta islâmico Maomé desencadeou protestos violentos a nível mundial.

O advogado de Irving, Elmar Kresbach, disse em Janeiro que o controverso historiador do Terceiro Reich recebia cerca de 300 cartas por semana de apoiantes de todo o mundo, e que estava a aproveitar o tempo na prisão para escrever as memórias, com o título provisório de «A Guerra de Irving».

Irving foi preso em 11 de Novembro na província de Estíria, sul da Áustria, com base num mandado emitido em 1989.

Foi acusado com base numa lei federal que considera um crime diminuir, negar ou justificar publicamente o Holocausto.

Irving tentou obter a libertação provisória através de uma fiança de 20.000 euros, mas um tribunal de Viena recusou-a, considerando haver risco de fuga.

Diário Digital / Lusa

Sapo.pt 20-02-2006 18:40:00

http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section_id=10&id_news=215867

RADIO

Da cela, Irving volta a questionar o Holocausto

O historiador britânico David Irving, condenado este mês na Áustria a três anos de prisão por negar o Holocausto, voltou a questionar hoje que Hitler fosse diretor de um plano sistemático para exterminar os judeus na Europa.

Em entrevista concedida em sua cela ao programa "Today" da "BBC Rádio", Irving aceitou que hajam havido casos de judeus mortos em câmaras de gás durante a Segunda Guerra Mundial, mas garantiu que os números de vítimas no campo de concentração de Auschwitz eram menores que os afirmados.

O historiador argumentou que nesse campo havia duas "pequenas" câmaras de gás e não as enormes instalações identificadas por outros historiadores.

"Dada a impiedosa eficiência dos alemães, se houve um programa de extermínio para matar todos os judeus, como sobreviveram tantos?", questionou o historiador, de 67 anos.

Irving, que recorrerá de sua condenação de três anos, declarou-se culpado no tribunal do delito tipificado no código penal austríaco como "negacionismo", ou seja, a negação do holocausto e dos crimes nazistas contra a humanidade.

A condenação se baseia em dois discursos públicos de Irving na Áustria em 1989, em que negou a existência de câmaras de gás em Auschwitz e disse que a "Noite dos Cristais", a primeira grande perseguição violenta contra os judeus da Alemanha em novembro de 1938, não foi cometida pelos nazistas.

No veredicto, o juiz Peter Liebetreu disse que a confissão do historiador não pareceu um ato de arrependimento e por isso não foi levada em consideração ao definir a pena.

Ultimo Segundo, 28/02/06

http://ultimosegundo.ig.com.br/materias/mundo/2288501-2289000/2288785/2288785_1.xml

Fragmentos

§§§§§§§§ **Seguidamente, Nuno Melo**, dirigiu baterias a Freitas do Amaral que entretanto se ausentou durante algum tempo do hemicíclio. Melo denunciou "o revisionismo histórico" do MNE contrapondo que "não há nenhuma razão, do passado ou do presente, que possa justificar, em qualquer medida, barbaridades como o 11 de Setembro, atentados em Londres, Madrid ou Bali".

Sócrates refutou a crítica de revisionismo e defendeu o governante reafirmando que "o que o sr. ministro disse foi o que eu disse". "O nosso dever numa situação de tensão crescente entre o Ocidente e o Islão é tudo fazer para não aumentar o clima de tensão", disse, "nunca abdicando dos princípios mas sempre prontos para compreender os outros".

Sócrates classificou as acusações de Melo de "mentira grosseira" e acusou-o de "tíque de superioridade moral de políticos imaturos e inconsistentes".

http://jn.sapo.pt/2006/02/25/politica/cds_ataca_freitas_e_vitor_constancio.html

§§§§§§§§ **O líder do partido Democrático no Senado**, Harry Reid, acusou a administração Bush de estar envolvida agora «em revisionismo da história» para tentar justificar as suas acções.

http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section_id=10&id_news=213695

§§§§§§§§ **Correo 1**

Saudações...sou do Brasil e estou sempre a ler o vosso site sobre Revisionismo Histórico....parabens pelo trabalho e mantenha essa ótima iniciativa...os leitores em língua portuguesa agradecem!

Junto do email estou enviando uma contribuição, caso ainda não conheçam...

Abraço.

Vítor.

§§§§§§§§ **Esta GALERIA VIRTUAL DA CENSURA** começa com uma delimitação temporal precisa: o período da ditadura que vigorou em Portugal entre 1926 e 1974.

Os restantes tempos de censura da história portuguesa – e foram muitos desde a Inquisição - não são contemplados nesta primeira fase da GALERIA. Começando pela censura instaurada menos de um mês após o golpe militar de 28 de Maio de 1926, e que se foi apurando com a mestria do ditador Salazar, estaremos a falar de um dos processos censórios mais bem urdidos da história repressiva da humanidade.

Engenhosamente, diversos mecanismos estavam articulados de forma a “proteger” a ideologia do regime, de maneira aparentemente invisível e estimulando a autocensura.

Tratou-se de uma máquina censória que durou cerca de 48 anos e que se inculcou nos interstícios da sociedade portuguesa. Grande parte das provas desapareceu, mas o que ficou é suficiente para dar a noção da monstruosidade praticada. Na GALERIA podem ser apreciadas muitas provas censuradas, a par da legislação e de uma cronologia com os principais factos. Os cibernautas poderão ainda ter acesso a testemunhos, a protestos em favor da abolição da censura e à imprensa clandestina que de 1926 a 1974 se produziu, numa resistência continuada.

O fim da Censura, com o 25 de Abril de 1974, abriu o maior período de liberdade de expressão da história portuguesa.

Porque se sabe existirem muitas provas e histórias esquecidas, faz-se apelo a contributos e comentários que tornem a história da censura mais documentada.

Luís Humberto Marcos

Director do Museu Nacional da Imprensa (Lisboa)

<http://www.imultimedia.pt/galeriavirtualdacensura/>

§§§§§§§§ Livros

A Indústria do Holocausto Reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus

TÍTULO DO LIVRO: A INDÚSTRIA DO HOLOCAUSTO

AUTOR: NORMAN G. FINKELSTEIN

EDITORA: RECORD

O LIVRO

Publicada no ano 2000 nos Estados Unidos e na Europa, e agora lançada no Brasil, a obra continua desencadeando polêmica em todo mundo. Escrita por um professor judeu americano da Universidade de Nova York, filho de judeus egressos do Gueto de Varsóvia e sobreviventes do campo de concentração de Maidanek e Auschwitz, o livro é uma denúncia da exploração política, ideológica e financeira do Holocausto pelas grandes organizações judaicas internacionais.

Para Norman G. Finkelstein, "...as atrocidades nazistas transformaram-se num mito americano que serve aos interesses da elite judaica, sendo que nesse sentido, o holocausto transformou-se em Holocausto (com h maiúsculo), ou seja, numa indústria que exhibe como vítimas o grupo étnico mais bem sucedido dos Estados Unidos e apresenta como indefeso um país como Israel, uma das maiores potências militares do mundo, que oprime os não judeus em seu território e em áreas de influência". Nesse seu último livro, Norman Finkelstein mostra que o extermínio de judeus durante a Segunda Guerra foi transformado em "uma representação ideológica que defende interesses de classe e sustenta políticas". Em A Indústria do Holocausto, Finkelstein, de 47 anos, ainda recorda sua infância, durante a qual não se discutia o holocausto, para mostrar que o interesse pelo assunto coincidiu com a guerra dos Seis Dias, quando os Estados Unidos perceberam que seria interessante ter um parceiro forte no Oriente Médio. E, para os grupos judaicos americanos e a direita então no poder em Israel, a melhor forma de angariar simpatia era vender a idéia de que a hostilidade árabe poderia levar a uma reedição da solução final.

O número de sobreviventes nos campos de concentração é exagerado segundo o autor, para chantagear bancos suíços, indústrias alemãs e países do Leste Europeu em busca de indenizações financeiras. A luta feroz por indenizações teria como efeito colateral insuflar o anti-semitismo na Europa. Israelenses e judeus americanos são hoje a grande força de opressão, perseguindo palestinos e negros americanos. Finkelstein não nega a existência do holocausto como fato histórico, denunciando porém o Holocausto, como uma submissão dos fatos a uma interpretação interessada, no caso a política de autoconservação do Estado de Israel apoiada pelos Estados Unidos. Segundo palavras do professor francês Jacques Rancière a intenção do autor é mostrar que "...o Holocausto se transforma assim, numa cobertura para Israel perpetuar a espoliação dos palestinos, enquanto os Estados Unidos podem esquecer os massacres e as injustiças que marcaram sua história."

O AUTOR

Norman G. Finkelstein nasceu no Brooklyn, Nova York, em 1953. Autor da tese de doutorado "The Theory of Zionism", defendida no Departamento de Política da Universidade de Princeton, atualmente é professor da Universidade DePaul de Chicago, onde leciona Teoria Política. Entre suas obras estão: *Image and Reality of the Israel-Palestine Conflict*, *The Rise and Fall of Palestine* e *A Nation on Trial - The Goldhagen Thesis and Historical Truth*, (com Bettina Birns) indicado como livro do ano pelo *New York Times Book Review*.

Tradução : **Ana Barradas**, Lisboa, Novembro de 2001, Antígona.

Tradução : **Vera Gertel**, Rio de Janeiro, 2001, Editora Record.

Video: Finkelstein at Yale, 10.20.2005 (inglês)

<http://www.normanfinkelstein.com/article.php?pg=11&ar=99>

§§§§§§§§ Forum de antirevisionistas. **Moderator**
ROBERTO Muehlenkamp

<http://p102.ezboard.com/frodohforumfrm38>

\$\$\$\$\$ Livro de Germar Rudolf: **LIÇÕES SOBRE O HOLOCAUSTO**

O primeiro e segundo capítulos do livro "**Vorlesung über den Holocaust**", de Germar Rudolf, estará disponível dentro em breve no sítio DIRLIP, **EM PORTUGUÊS**.

Os interessados podem me escrever diretamente solicitando o arquivo: waringham2005@yahoo.com.br

\$\$\$\$\$ O "revisionista" SE Castan defendeu Stalin

Abaixo, comentários da prof^a Lise Sedrez, Ph.D. em história pela Stanford University, sobre essa e outras pérolas do livro "Holocausto: Judeu ou Alemão", de SE Castan:

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=295037&tid=15327500&na=2&nid=>

"Não li, mas folhei razoavelmente o livro. A edição que eu tenho é de 87. Neste "folhear" devo dizer que não encontrei os trechos citados no processo contra Castan, conforme estão aqui neste tópico—mas encontrei coisa bem próxima disto (como a parte em que copia Henry Ford e diz que os judeus foram os grandes gananciosos da Grande Guerra, e outras insinuações do gênero).

O livro é racista—não pode haver nenhuma questão sobre isto. Independente do caveat no prefácio (sou contra o judeu internacional, não contra o praticante da religião judaica). Uma boa parte é de tradução de trechos de literatura anti-semita, como H. Ford, e transcrições completas de discursos de Hitler. Neste transcrever/traduzir outros autores, a cada momento em que há referências a "judeus", o autor usa negritos e caixa alta—para ter certeza de que a referência não escape ao leitor. O português é terrível. Não há notas de pé de página, há poucas referências a onde a informação foi obtida. Todas as fontes que exoneram o nazismo do holocausto são aceitas sem crítica, ao passo que todas as fontes que afirmam o contrário são ridicularizadas ou criticadas... com outros autores revisionistas.

Sem brincadeira, não vale nem a pena discutir o livro. Mas tem algumas pérolas:

Pg. 17 "até parece que a provocação é feita com o proposito dos países, onde residem e trabalham [judeus], discriminá-los ou expulsá-los, para eventualmente irem para Israel, cada vez mais vazia" (sobre atos de anti-semitismo durante a campanha de Kurt Waldheim na Austria)

p.22 (Citando Henry Ford, mas com ênfase de Castan) "Judeus eram os que predominavam quse exclusivamente NO ENORME APARELHO INFORMATIVO MUNDIAL, com que se fabricou a "opinião pública" no que toca à Alemanha. Os únicos gananciosos da Grande Guerra foram de fato os judeus".

p. 48 Há um trecho que diz que Hitler tentou proteger ao máximo os judeus na Noite de Cristal, usando como fonte... os diários de Hitler, os mesmos que foram declarados falsos até pelo revisionista David Irving. (Castan gasta uma boa parte do livro traduzindo as alegações de que os diários seriam verdadeiros).

p. 63 Esta é interessante, tudo em letras maiúsculas "Forrestal, (...) no seu livro X, escreve que depois da guerra (...) o sr Joseph Kennedy lhe informou que, em em 1939, Neville Chamberlain lhe dissera que "os judeus americanos e do mundo forçaram-no a entrar na guerra contra a Alemanha." Se Forrestal disse que Kennedy disse que Chamberlain disse, então deve ser verdade. "Se não podemos acreditar nestas personagens, vamos acreditar em quem?"

p. 182 Exemplo de evidência: "Me contaram que uma chaminé de tijolos, igual à que existe em Auschwitz, se largasse fogo à altura de 2 metros e mesmo menos, não aguëntaria Uma Semana". Se um aluno meu usa "Me contaram" num trabalho de história, eu simplesmente não leio mais NADA que este tenha escrito.

Tem outras, mas dá muito trabalho transcrever. E o Sérgio tem razão: independente do anti-semitismo, do mau português, da falta de notas de rodapé ou pesquisa crítica, os erros históricos são imensos. Outros são só hilários. Tem uma defesa emocionada de Stroessner, "este homem que sempre foi amigo do Brasil". Tem Uma pérola interessante é o tratamento por Stalin, na página 131. "De herói, conseguiram transformar Stalin em monstro, por haver perdido a confiança nos judeus, haver executado diversos intelectuais judeus, deoirtados outros, etc. Um assunto sobre o qual não existem informações dignas de confiança, para serem citadas. Sabe-se, porém, que apareceu morto, apesar de gozar de boa saúde, por ocasião em que era investigada uma conspiração de médicos judeus, contra autoridades soviéticas. O nome de Stalin somente foi reabilitado ha poucos anos". (Então, aqui se duvida do expurgo de judeus e se atribui a morte de Stalin a uma conspiração judia). E na página seguinte "Ilia Ehrenburg, autor deste odioso livro contra os alemães, foi um dos pucos intelectuais judeus poupados por Stalin, possivelmente por ter feito, após a guerra, uma declaração antisionista." (Aqui já não há nenhuma dúvida sobre a perseguição de Stalin a judeus.)"

Pois bem, considerando-se que SE Castan se julga um "defensor do povo alemão", a defesa de Joseph Stalin pelo fato de ele ter empreendido uma perseguição a judeus, individual ou coletivamente, inventando mentiras como "Stalin foi reabilitado há poucos anos" e ignorando o sofrimento de muitos alemães pelas mãos do estalinismo, só pode significar que o ódio de Castan aos judeus é bem maior que seu amor aos alemães.

Edited by: josedasilvaisfree at: 10/10/05 16:36
<http://p102.ezboard.com/frodohforumfrm38.showMessage?topicID=105.topic>

=====

É livre a reprodução para fins não comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída.

«Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.»

Artigo XIX, **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**, Paris, 1948.

=====

Todos os textos e matérias contidas no site são de inteira responsabilidade e de propriedade intelectual e autoral dos respectivos autores e fontes e estão publicados somente com caráter informativo sem nenhuma finalidade comercial.

Informações do sito AAARGH
<http://aaargh.com.mx/port/port.html>
<http://vho.org/aaargh>
<http://litek.ws/aaargh/port/port.html>

Para inscrever-se, e receber nossa revista : <reviluso --at-- yahoo.com.br>
OUTRAS PUBLICAÇÕES TRIMESTRALES DA AAARGH
<http://www.geocities.com/ilrestodelsiclo>

Das kausale Nexusblatt
The Revisionist Clarion
Il Resto del Siclo
Conseils de Révision
El Paso del Ebro
Arménichantage
La Gazette du Golfe et des banlieues

TEMOS UMA BIBLIOTECA DOS 270 LIBROS
REVISIONISTAS E ANTI-IMPERIALISTAS Gratis